

The background is a collage of circular and irregular shapes containing images of people interacting with technology. At the top left, a laptop shows a video conference with several participants, next to a mug. Below this, a young woman smiles while holding a tablet. To the right, a woman is seen from the side, looking at a laptop screen. At the bottom left, a family (a woman, a child, and a man) is gathered around a table, looking at a laptop. At the bottom right, a woman and a child are looking at a laptop together.

Renata Lira dos Santos Aléssio
Edclécia Reino Carneiro de Moraes
Alina Mira Maria Coriolano
Bruna Soares Monteiro
Isadora Ladislau Marques

ORGANIZAÇÃO

CAIU NAS REDES, É INTERAÇÃO SOCIAL!

*Experiências de
divulgação científica
em plataformas
digitais no tripé
extensão-ensino-
pesquisa*



PROEXC
PRO-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA

Editora
UFPE

CAIU NAS REDES, É INTERAÇÃO SOCIAL!

*Experiências de divulgação
científica em plataformas
digitais no tripé extensão-
ensino-pesquisa*



PROEXC
PRO-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA



RECIFE | 2023

Renata Lira dos Santos Aléssio
Edclécia Reino Carneiro de Moraes
Alina Mira Maria Coriolano
Bruna Soares Monteiro
Isadora Ladislau Marques

ORGANIZAÇÃO

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor: Moacyr Cunha de Araújo Filho

Editora UFPE

Diretor: Junot Cornélio Matos

Vice-Diretor: Diogo Cesar Fernandes

Editor: Artur Almeida de Ataíde

Conselho Editorial (Coned)

Alex Sandro Gomes

Carlos Newton Júnior

Eleta de Carvalho Freire

Margarida de Castro Antunes

Marília de Azambuja Machel

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

Pró-Reitor: Oussama Naouar

Coordenação de Gestão Editorial e Impacto Social

Coordenador: Adriano Dias de Andrade

Assistentes: Artur Villaça Franco, Rodrigo Ferreira dos Santos

Editoração

Revisão de texto: Mariana Andrade Gomes (1ª Revisão); Ana Beatriz Lessa Rosendo, Isabel Padilha de Castro Perazzo de Andrade, Marina de Lima Coutinho da Silva, Tiago dos Santos Calaça (2ª Revisão)

Projeto gráfico: Adele Pereira

Imagens da capa Chris Montgomery, Surface, Sofatutor e Windows, via Unsplash

Catálogo na fonte

Bibliotecária Kalina Lígia França da Silva, CRB4-1408

C138 Caiu nas redes, é interação social! [recurso eletrônico] : experiências de divulgação científica em plataformas digitais no tripé extensão-ensino-pesquisa / organizadores : Renata Lira dos Santos Aléssio... [et al.]. – Recife : Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE; Editora UFPE, 2023.

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN 978-65-5962-253-5 (online)

1. Extensão universitária. 2. Psicologia – Estudo e ensino – Aspectos sociais.
3. Psicologia social. 4. Comunicação na ciência. 5. Redes sociais on-line.
6. Interação social. I. Aléssio, Renata Lira dos Santos (Org.).

378.1554

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2023-007)

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.



Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife, PE.
CEP 50670-90, Tels.: (81) 2126-8134/2126-8105, E-mail: proexc@ufpe.br

Pareceristas *ad hoc*

Editais Proexc/UFPE nº 6/2022 - Incentivo à Publicação de Livros Digitais (e-books) com Temáticas de Extensão e Cultura

Alexandre Lima Castelo Branco

Centro Universitário Estácio do Recife

Alfredo Manoel de Rezende Silva

Universidade Estadual de Campinas

Ana Lúcia Ribeiro Gonçalves

Universidade Federal de Uberlândia

Ana Paula de Sant'Ana

Faculdade FAIPE

Andrea de Barros

Universidade Paulista

Cezar Grontowski Ribeiro

Instituto Federal do Paraná

Denise Maria Hudson de Oliveira

Universidade de Brasília

Felipe Fernandes Ribeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Francine Carla de Salles Cunha Rojas

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Gisele Marcia de Oliveira Freitas

Universidade do Estado da Bahia

Graziella Ribeiro de Sousa

Universidade de São Paulo

Janaína Fernandes Guimarães Polonini

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Jefferson da Silva Moreira

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Josué Souza Gleriano

Universidade do Estado do Mato Grosso

Isabella Giordano Bezerra

Universidade Federal de Pernambuco

Henrique César da Costa Souza

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Leandro Nunes

Universidade Federal de Santa Catarina

Letícia Virginia Leidens

Universidade Federal Fluminense

Lucas Manca Dal'Ava

Universidade Estadual de Campinas

Lucia Maria de Freitas Perez

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marcos Adriano Barbosa de Novaes

Universidade Estadual do Ceará

Mariana Hennes Sampaio Lôbo

Universidade Federal de Alagoas

Marília Feitosa de Alencar Arruda

Universidade de Lisboa

Michele Lins Aracaty e Silva

Universidade Federal do Amazonas

Patrícia Cristina dos Santos Costa

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Paulo José da Fonseca Pires

Instituto Federal Catarinense - Campus Rio do Sul

Pedro Esteves de Freitas

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Reginaldo Pereira França Júnior

Universidade Federal de Campina Grande

Renata Janaína Pereira de Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Rosangela Silveira Garcia

Instituto Federal Catarinense

Sueli Ribeiro Mota Souza

Universidade do Estado da Bahia

Túlio Reis Hannas

Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais

SUMÁRIO

Prefácio 8

Apresentação 12

Introdução

Interação e resistência: possibilidades de extensão universitária nas redes sociais durante a pandemia de Covid-19 **21**

1

Caiu nas redes, é interação social!

Possibilidades de ensino-aprendizagem na extensão universitária **30**

2

Difusão científica da psicologia nas plataformas digitais

O uso das redes sociais como ferramenta de aproximação com a sociedade **47**

- 3** **Conhecendo o pesquisas atuais**
O fazer científico contemporâneo na tela do celular **71**
- 4** **Labint convida**
Divulgando conhecimento através de interação **84**
- 5** **“Stalkeando” # no instagram**
O que rola na rede social sobre infâncias e tecnologias? **97**
- 6** **Da universidade para o mundo**
Divulgação de experiências de estudantes egressos(as) através de plataformas digitais **135**
- 7** **Ser pesquisador em psicologia?**
Percepções dos estudantes de pós-graduação **151**
- 8** **Na espiral do conhecimento** **172**
- Sobre os autores** **181**

PREFÁCIO

Extensão e Cultura na UFPE: 60 anos de contribuição à sociedade

Em 2022, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) celebra o legado de 60 anos de institucionalização das ações de extensão e cultura, a partir da fundação do Serviço de Extensão Cultural (SEC) na então Universidade do Recife (UR) em 1962. A iniciativa de João Alfredo Gonçalves da Costa Lima, reitor à época, Paulo Freire, jovem professor que despontava no cenário intelectual pernambucano, e demais colaboradores conjugou, no âmbito do SEC, a *Rádio Universidade* e a *Estudos Universitários: revista de cultura*. Essas atividades tinham objetivos claros: desenclausurar a universidade, levá-la para perto dos anseios da sociedade, aproximá-la do povo – categoria ainda em construção naquele momento da

nossa história. Esses objetivos fundantes persistem na história da UFPE e são diuturnamente reelaborados pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc), descendente direta daquele projeto de Universidade encarnado pelo SEC, cuja existência fora precocemente interrompida pelos acontecimentos que marcaram a década de 1960 no Brasil.

A partir dos muitos editais, que anualmente são lançados, e das muitas atividades de extensão e cultura, que são fomentadas ou apoiadas pela Proexc, a UFPE tem reavivado, especialmente nos últimos anos, o sentimento de que uma Universidade pública não se faz apenas nos *campi* universitários ou apenas com o protagonismo dos atores sociais acadêmicos. Ao colocar em evidência outros saberes e outros protagonismos sociais, a Universidade fortalece as relações sociais que alimentam as suas atividades finalísticas de ensino, pesquisa e extensão, ao mesmo tempo em que ocupa espaços nos quais o saber acadêmico-científico se faz indispensável para o desenvolvimento humano e social do nosso estado e do nosso país.

A obra que você tem diante de si neste momento é resultado de ações performadas pela UFPE em interação com outros setores da sociedade, com a participação de servidores docentes e técnico-administrativos e com o protagonismo de nossos estudantes de graduação e pós-graduação, cuja formação desponha para além de saberes técnicos e científicos e inclui sociabilidades imprescindíveis para suscitar profissionais aptos a exercer seus ofícios de forma ética

e responsável, tendo ciência dos desafios postos pela sociedade contemporânea.

Esta obra é fruto do Edital UFPE/Proexc nº 06/2022 – *Incentivo à Publicação de Livros Digitais (e-books) com Temáticas de Extensão e Cultura*, cujo objetivo é aumentar a visibilidade da Universidade, no âmbito das celebrações pelos 60 anos da Extensão e Cultura na UFPE. Assim como na edição de 2021, este edital materializa, na forma de *e-books*, experiências e resultados de ações de extensão e cultura desenvolvidas pela UFPE nos últimos anos. Dessa maneira, permite aos leitores conhecer, sentir e analisar o impacto social de uma Universidade pública e de qualidade.

As obras que compõem o conjunto deste edital tratam de questões diversas que atravessam as áreas temáticas da extensão, como *Cultura, Direitos Humanos, Educação, Justiça, Meio Ambiente, Produção, Saúde, Tecnologia e Trabalho*. Essa diversidade reflete a natureza multidisciplinar das universidades públicas brasileiras e demonstra a inserção da UFPE em múltiplas frentes de atuação.

Ao publicar esta série de *e-books*, a Universidade Federal de Pernambuco, através da Proexc, fortalece suas atividades de extensão e cultura, tornando-as mais visíveis e potencializando seu impacto. Assim, estes textos tornam-se também uma ferramenta valiosa para expor como a Universidade pública é fundamental para o país – um patrimônio que precisa ser defendido.

Desejamos que esta leitura seja prazerosa e estimule a criação de novos projetos, capazes de aprimorar a relação Universidade-sociedade e de deixar marcas permanentes e significativas na formação de nossos estudantes e no trabalho cotidiano de nosso corpo técnico e docente.

Recife, outubro de 2022.

Oussama Naouar

Pró-Reitor de Extensão e Cultura - Proexc/UFPE

Adriano Dias de Andrade

Coordenador de Gestão Editorial e Impacto Social - Proexc/UFPE

APRESENTAÇÃO

De início, gostaria de expressar minha apreensiva satisfação em assumir a responsabilidade pela apresentação deste livro, que vem a público em um momento oportuno e necessário frente às mais diversas transformações sociais enfrentadas nos ainda atuais anos pandêmicos que vivenciamos com a Covid-19. Sendo assim, não posso começar sem antes esclarecer alguns elementos que caracterizam historicamente esse momento a partir de março de 2020. Esse foi o mês em que a terra parou, em que as ruas foram completamente esvaziadas de toda e qualquer movimentação presencial e em que a vida social migrou, pouco a pouco, em sua maioria, para a virtualidade. Pelas mesmas telas, passamos a assistir, perplexos, os esvaziamentos das ruas, enquanto lotavam-se os hospitais, os centros de saúde, os necrotérios, os cemitérios.

Frente à vida ameaçada e um sistema de saúde colapsado, classe, raça, cor, gênero, etnias e privilégios sociais foram sendo revelados com as mais variadas condições de vulnerabilidade. E a dor de toda gente saiu no jornal, no Twitter, no Instagram, no Facebook e em todas as redes sociais, fazendo dessas redes um importante espaço para as mobilizações da esfera pública a partir do compartilhamento social das diversas e novas vivências privadas. No Brasil, as desigualdades entre classes sociais, a exclusão digital e a precariedade da acessibilidade aos serviços públicos e/ou privados foram escancarados, o que exigiu medidas urgentes e emergentes, que não foram necessariamente atendidas e/ou enfrentadas de forma satisfatória e com as devidas responsabilidades políticas, aumentando o caos das políticas públicas de saúde e resultando em milhares de vidas perdidas. Em termos globais, um colapso sanitário mundial sem precedentes históricos mobilizou a Organização Mundial de Saúde (oms) a se tornar uma das mais importantes entidades a unificar o planeta em termos sanitários. Se para a historiografia do Brasil e dos Estados Unidos tivemos, em tempos e espaços diferentes, por exemplo, momentos conhecidos como a “Corrida do Ouro”, para esse momento da história mundial já temos um novo marco com a pandemia da Covid-19 – os anos da “Corrida pela vacina contra o coronavírus” –, em que cientistas em centros de pesquisas do mundo inteiro, organizados(as) em redes científicas presenciais e virtuais, partiram para uma verdadeira corrida rumo ao desenvolvimento de não só uma,

mas centenas de vacinas em tempo recorde para a história mundial da medicina sanitária, fenômeno histórico já publicado por documentários, publicações científicas e produções historiográficas.

As transformações cotidianas experimentadas no ano de 2020 – o isolamento social; o mundo do trabalho invadindo a vida doméstica; escola e casa se fundindo e confundindo pais, mães e filhos(as); a vida confinada ao espaço doméstico; as interações presenciais restritas aos familiares, ou ainda a ausência completa dessas – estenderam-se para os primeiros meses do ano de 2021, mas, pouco a pouco, foram migrando para um modelo híbrido, que combinava as atividades chamadas, naquele momento, de remotas por se darem em ambientes virtuais no ciberespaço, e as presenciais, que se caracterizaram pelo retorno aos espaços físicos, os quais fomos voltando, gradativamente, a ocupar. Ao longo dos meses que se seguiram, uma constatação foi se fazendo reconhecer em algumas camadas sociais e para algumas atuações e dinâmicas: alguns formatos de trabalho, algumas profissões, alguns nichos de mercados, alguns serviços e algumas formas de interações sociais já não mais se desenvolveriam como antes da pandemia.

De fato, esses são anos que exigem esforços, que mobilizam emoções, que nos obrigam a transpor o tempo e o espaço de um modo subjetivo e objetivo, até então não experimentado pela grande maioria das vivências cotidianas mundo afora. Momento no qual marcos temporais como

passado, presente e futuro, tão usuais e necessários para a nitidez de nossa organização cognitiva, subjetiva e social, ganham um contorno turvo e disforme, que se fez assustador para todos(as) em um primeiro momento, mas também potencializador e criativo para muitos(as) em outros. E foi nesse momento que experimentamos e descobrimos que muitas são as tramas do nosso “viver em rede”. Viver em rede é uma característica humana, sem dúvida, e criar essas redes é uma necessidade básica e existencial que nos mobiliza continuamente. E essa é uma das tantas aprendizagens possíveis dentre as quais podemos nos conectar a partir das experiências coletivas, que revelam nuances das interações sociais acadêmicas, que são relatadas e refletidas por meio dos recursos didáticos, teóricos, conceituais e metodológicos compartilhados nesta obra.

Esse livro surge exatamente do fazer profissional daqueles e daquelas que formam e se formaram no Laboratório de Interação Social Humana (Labint) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Há uma rede de pesquisadores e pesquisadoras sociais que se propõem a estudar esse “viver em rede” e que fazem desse objetivo incansável e contínuo de produzir conhecimentos um modo de viver o próprio conhecimento. E, assim, o conteúdo dessa experiência profissional acadêmica, iniciada durante os primeiros meses de confinamento forçado pela pandemia por Covid-19, torna-se, agora, um instrumental que nos aproxima, revela-nos e nos ensina academicamente novos

caminhos para potencializarmos recursos disponíveis para o compartilhar, o intervir e o transformar virtualmente por meio da maior rede social que nos conecta na atualidade e que nos faz hoje conectados: *o ciberespaço*.

Falar, portanto, desse projeto é demonstrar pedagogicamente a aplicação do sentido, do compromisso e, acima de tudo, da sustentação das universidades públicas brasileiras para cumprir a responsabilidade social que justifica e faz necessária à sua existência enquanto política pública de Estado, garantindo que todos os investimentos públicos e sociais aplicados se revertam em bem-estar comum e social nas mais diversas formas possíveis. São projetos como o *Caiu nas redes, é interação social!*, que unificam Pesquisa, Ensino e Extensão/intervenção, que sinalizam que o conhecimento científico precisa ser valorizado, incentivado, divulgado e, portanto, reconhecido como um bem social. Isso se dá por meio dos conhecimentos gerados no campo da *Pesquisa*, que produz, por exemplo, a tão esperada vacina para Covid-19, que nos liberta do medo e da morte e que se desdobra no campo do *Ensino* por meio do qual milhares de pessoas se sentam nas salas de aula e se tornam profissionais das mais diversas áreas que vão distribuir, aplicar e, novamente, ensinar o conhecimento apreendido para tantos(as) outros(as), como, por exemplo, fizeram os(as) mais diversos(as) trabalhadores da área da Saúde durante os primeiros anos da pandemia, que, através do compromisso ético-social adquirido nas universidades, incansavelmente, salvaram vidas. Assim, Ensino e

Pesquisa se unificam no campo da *Extensão*, que desenvolve o importante papel de disponibilizar serviços, intervenções e atendimentos realizados pelos(as) agentes da instituição. Professores(as), estudantes e técnicos(as) entram em contato direto com a sociedade e assim se faz intervenção profissional e *interação social!*

A explicitação desse tripé no qual está fundamentado o projeto de intervenção e interação, tão bem exemplificado, teórica e metodologicamente, nos capítulos que se seguem, traz a importante compreensão de que a Pesquisa, o Ensino e a Extensão só são possíveis se existirem em rede. Rede essa que cumpre com as características fundamentais e fundantes que regem e tornam relevantes, tanto cientificamente quanto socialmente, a produção de conhecimento, a formação profissional em Psicologia e o compromisso social voltado para a valorização e desenvolvimento do bem comum para a transformação social, dando, desse modo, subsídios para a permanência de uma sociedade mais justa, mais igualitária e democrática. Assim, eu gostaria de destacar mais pontualmente algumas dessas características, embora muitas outras mereçam igual destaque.

Primeiramente destaco o estímulo à pesquisa colaborativa e à cooperação entre pesquisadores(as) por meio da formação de redes, tendo em vista a construção conjunta do conhecimento, o compartilhamento de ações, a otimização de recursos e a troca de experiências entre atores em diferentes etapas da formação acadêmica, agregando, horizontalmente,

professores(as) pesquisadores(as), alunos(as) de pós-graduação, alunos(as) de graduação e a comunidade, como explicitado no primeiro capítulo deste livro.

A segunda contribuição em destaque é a promoção de ações de extensão, comunicação pública e divulgação científica sobre os temas pesquisados e os resultados dos projetos financiados com verba pública, alcançando amplos setores da sociedade ao tomar para si a corajosa responsabilidade de incluir o público não especializado e de promover a integração e articulação entre academia e sociedade.

A terceira contribuição é o programa intitulado *Do Labint para o mundo*, por desenvolver a difícil tarefa de promover a aproximação entre os(as) alunos(as) de graduação, de pós-graduação e os(as) pesquisadores(as) do Labint e seus(-suas) egressos(as), que atualmente são investigadores(as) em grupos de pesquisa do Brasil e do exterior, dialogando com o conhecimento e as experiências nacionais e internacionais acumulados sobre os temas, promovendo o diálogo e o esforço interpessoal e interinstitucional. A captação e a integração com egressos(as) têm se tornado uma das maiores ações inovadoras e desafiantes das instituições, tanto acadêmicas quanto comerciais, em todo o mundo, visando ao fortalecimento da identidade grupal e institucional por meio das memórias compartilhadas, do sentimento de pertença, de continuidade e espelhamento profissional.

A quarta contribuição está no desenvolvimento do projeto *Labint Convida*, que consiste em planejar ações de

colaboração com os(as) outros(as) pesquisadores(as) de núcleos de pesquisas parceiros à história de formação e produção científica do Labint, o que foi feito por meio de entrevistas com convidados(as) que trouxeram suas trajetórias profissionais por meio de seus temas de produção de conhecimento, maximizando o impacto e o avanço do conhecimento científico e sua aplicação ao compartilhar com a sociedade. Programa esse que muito me felicitou quando fui convidada a apresentar minha formação e minha linha de pesquisa em torno do período da ditadura civil-militar no Brasil. O resultado publicado na página do Instagram do projeto ([@labintufpe](#)) foi um presente do Labint à minha trajetória. A todos(as) vocês, meu muito obrigada!

Mas eu não estaria aqui contando fielmente essa ação se não revelasse as memórias por trás da história. Memórias das quais me orgulho, pois me fazem sentir um pouco parte desse compartilhar. A concretização desse importante projeto de Extensão, Ensino e Pesquisa surge e se consolida em 2020, mas suas bases de conhecimento e estrutura começam a ser forjadas pela coordenadora do Projeto, Profa. Dra. Renata Aléssio, pesquisadora fruto do Labint, desde sua graduação. Recordo-me com muito afeto de, nos idos de 2017 e 2018, iniciarmos várias conversas de trabalho e troca de experiências de projetos que fomentavam a nossa preocupação e interesse em aumentar o alcance e a institucionalização de ações que Renata já desenvolvia e que poderiam, por meio do ciberespaço e de minhas incipientes pesquisas sobre cibercultura,

ganhar contornos de ações de intervenção por meio da Extensão Universitária. Ali, talvez, pelo menos na minha feliz narrativa de memória, tenha sido plantada a semente que floresceu no vasto campo que hoje agrega uma grande capilaridade de pessoas e ações do projeto em questão, pois é certo que, se *Caiu nas redes, é interação social!*

Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo

Introdução

Interação e resistência: possibilidades de extensão universitária nas redes sociais durante a pandemia de Covid-19

Síria Freire de Paula | Stéphanie Maximiano de Azevedo

Este é o *Caiu nas redes, é interação social!*: um projeto de extensão nascido durante a pandemia de Covid-19, criado e desenvolvido de maneira exclusivamente virtual com o propósito de divulgar pesquisas e intervenções realizadas pelo Laboratório de Interação Social Humana (Labint) e outros laboratórios parceiros através das redes sociais. A ideia surgiu com o objetivo de construir uma rede de educação científica que integrasse a sociedade e a academia para pensar a contribuição dos conteúdos das Ciências Humanas para a vida social cotidiana. No ano de 2020, início do projeto, vivemos a necessidade de transferir nossas relações e comunicações para o ambiente virtual, dada a ocorrência do

isolamento social e, consequentemente, o aumento do consumo de informações através das redes sociais.

Essa ideia foi tomando corpo a partir de agosto de 2020, quando já estávamos isoladas fisicamente há cerca de cinco meses, num momento em que esta parecia ser uma proposição inovadora e, por isso mesmo, bastante atrativa. Percebemos que as redes sociais podiam nos ajudar a ultrapassar a porta de nosso laboratório e os muros da universidade, bem como podiam, ainda, nos apresentar perspectivas outras, diversas do modo como vemos nossa própria produção. Era uma nova forma de interação social que se agigantava à nossa frente e, para um laboratório que tem a interação social humana no nome, a oportunidade de unir diferentes ambientes – universidade e rede social – fazia cada vez mais sentido.

Unimos, então, sob a idealização e coordenação da Profa. Dra. Renata Aléssio, a vontade de divulgar a ciência que fazemos com um meio de comunicação e interação que tem ganhado cada vez mais importância no cotidiano: o Instagram, uma rede social para o compartilhamento de fotos e vídeos, com ou sem duração específica determinada, com a possibilidade de escrita de textos como legendas e de interação com a comunidade de seguidores através de comentários ou de mensagens diretas. Assim, esta pareceu ser a ferramenta mais adequada para a construção de uma rede como a que queríamos: que nos desse retorno sobre os conteúdos veiculados e que fosse afetada pelas divulgações científicas que fizéssemos.

O nascimento do carinhosamente chamado “Caiu nas redes” se dá, também, em um período específico da história do Brasil referente à validação do conhecimento científico pelo público. Por um lado, enquanto cientistas, temos nos ocupado em submeter nossos resultados à avaliação do público (PARDO; CALVO, 2002). Por outro lado, deparamo-nos com a negação quase que completa de achados científicos por parte da sociedade, cujo impacto pode reorganizar a vida cotidiana. É o caso da vacina contra a Covid-19, sobre a qual determinados grupos insistem em pôr em xeque o conhecimento científico, arriscando, inclusive, suas próprias vidas.

Em um cenário político de desestímulo contínuo à ciência, de negação dos recursos e da validade dos resultados, especialmente das Ciências Humanas (CIRÍACO *et al.*, 2020), construir um projeto de extensão que se ocupe de fazer as produções científicas alcançarem espaço nas discussões que vão além das universidades é um grande desafio e tem um papel bem definido de defender a importância do que fazemos dentro das universidades para a vida social cotidiana. Componente do tripé acadêmico em conjunto com o ensino e a pesquisa, a extensão universitária ocupa um lugar importante, ainda, na formação de estudantes, na medida em que auxilia na construção de um conhecimento situado e condizente com a realidade, a partir do qual se fala transformando, por meio da ciência, a relação entre sociedade e academia (SILVA, 2020).

A importância de utilizar ferramentas de ampla difusão como meio de divulgação científica se explica por ela mesma

e, pensando nisso, três professoras do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) convidaram, inicialmente, oito estudantes da graduação e da pós-graduação para desenharem o modo de funcionamento de uma página no Instagram que leva o nome do laboratório. Em reuniões semanais, elaboramos a ideia de apresentar quatro programas mensais, sendo um a cada semana, nos quais seriam divulgadas, de diversas formas, as produções científicas de nosso laboratório. Na primeira semana do mês seriam apresentadas as pesquisas atuais desenvolvidas ou recém-publicadas pelos(as) nossos(as) integrantes. Em seguida, seriam convidados(as) pesquisadores(as) para tratar, em entrevista, de um tema específico escolhido pelo grupo. Na terceira semana, ouviríamos pesquisadores(as) egressos(as) do Labint ao redor do mundo sobre a importância do laboratório em suas trajetórias pessoais e/ou profissionais e, por último, seria elaborado um *podcast* para falar sobre um tema relativo ao desenvolvimento dos bebês.

O que não sabíamos naquele momento era de que forma aquele conteúdo poderia se adaptar ao ambiente da rede social de maneira a garantir uma interação relevante com a comunidade. Unir os esforços de onze pessoas para organizar quatro programas que seguissem um mesmo tema, um mesmo *layout* e um mesmo modo de comunicação com o público foi como fazer experimentos para testar as diversas possibilidades levantadas por cada uma de nós. Era um grande universo a ser descoberto: nosso primeiro desafio.

No meio do caminho desse primeiro ano, descobrimos as melhores formas de nos organizar nas equipes responsáveis por cada programa e, também, as limitações de cada uma de nós para as diversas atividades que precisávamos desenvolver: criação de imagens e de legendas para publicações, edição de vídeos, roteiros para entrevistas, entre outras. Ajustamo-nos com o tempo, à medida que toda a equipe contribuiu no trabalho uns(umas) dos(as) outros(as) e que aprendemos o modo de nos comunicar na rede social que nos inserimos.

No entanto, os desafios da construção deste projeto não eram restritos ao funcionamento das equipes. O *Caíu nas redes*, desde seu início, foi pensado para ser coletivo e o conteúdo dos programas, em sua maioria, era produzido junto a convidados(as) externos(as) ao grupo da extensão. Era preciso, então, alinhar agendas e disponibilidades, apropriar-nos das produções dos(as) convidados(as) e elaborar formas de produzir um conteúdo que funcionasse na plataforma escolhida para veicular as postagens. Pensar os formatos de conteúdo nos rendeu outra discussão quando, por vezes, nos percebemos buscando responder à lógica do algoritmo que gerencia a rede e nos afastamos do compromisso principal de nossa página, que era a divulgação científica. Foi preciso recalcular a rota e encontrar um meio de alcançar um bom engajamento social em nossas publicações sem perder de vista nossas possibilidades e os conteúdos que estávamos produzindo.

À medida que a página crescia, mais estudantes se interessaram por integrar as equipes de trabalho e este foi um dos primeiros indícios do tamanho que o *Caiu nas redes* vinha alcançando. Acolher os(as) estudantes novos(as) em nossos programas significava também revisitar o funcionamento cotidiano das atividades realizadas. É este movimento que faz a dinâmica do nosso projeto, já que cada um(a) associa o seu próprio modo de fazer e de pensar a ciência e a extensão ao grupo do qual faz parte. Neste caminho, cada um(a) dos(as) integrantes imprime parte de si no todo e o Instagram do Labint passa a refletir a forma de quem o faz.

Sete meses depois do início da extensão, comemoramos 60 anos do nascimento da Teoria das Representações Sociais (TRS) com uma programação especial a ser veiculada no Instagram. Entre as atividades daquele mês, apresentamos as trajetórias de pesquisa e o trabalho realizado por três pesquisadores(as) parceiros(as) que desenvolvem a teoria no Brasil a partir de algumas abordagens das quais se pode trabalhar com a TRS. Realizamos, também, uma transmissão ao vivo com três das grandes referências no estudo da Teoria das Representações Sociais no Brasil: a Profa. Angela Almeida (UNB), a Profa. Zeidi Trindade (UFES) e a Profa. Fátima Santos (UFPE), uma das docentes que coordenam o *Caiu nas redes*. A transmissão teve, ainda, a mediação da Profa. Renata Aléssio e versou sobre os desafios atuais e as perspectivas futuras para a teoria.

A organização deste mês como um todo e, especificamente, deste evento de transmissão ao vivo demandou uma

mobilização diferente da equipe e nos colocou frente a frente com desafios desconhecidos: como estruturar uma *live*, como transmitir e mediar o debate, como interagir com a comunidade participante durante a transmissão, como fazer este evento ser permanente na nossa página e outras questões persistiram até que as respostas de cada uma delas fossem encontradas por cada um(a) de nós. A *live* trouxe resultados além do esperado para a nossa página: o crescimento do número de seguidores, a formação de parcerias com outros laboratórios de pesquisa e com um Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).

Foi a partir deste momento que começamos a nos dar conta do quanto já havíamos crescido enquanto equipe de trabalho. Se no começo íamos tateando a cada semana, a esta altura já tínhamos papéis bem definidos e rotinas bem estabelecidas dentro dos subgrupos de coordenação dos programas. A ideia agora era expandir os conhecimentos adquiridos a partir da própria extensão dentro dos nossos grupos de trabalho. Desta forma, organizamos formações pelos(as) e para os(as) integrantes da extensão, de maneira que as pessoas com mais experiência em desempenhar determinadas atividades (edição de vídeos ou criação de imagens, por exemplo) pudessem transmitir às demais o modo como as faziam. Assim, o conhecimento adquirido por nós começou a circular, permitindo-nos fazer um rodízio de trabalho dentro das equipes dos programas.

As primeiras formações aconteceram no mês de julho de 2021 e a ideia era ampliar ainda mais esses conhecimentos – primeiro para as pessoas do laboratório que não faziam parte da extensão e em seguida para toda a comunidade acadêmica – como mais um fruto do *Caiu nas redes*, cumprindo também com o objetivo de transmitir aquilo em que o projeto já vinha contribuindo conosco.

Ao longo deste ano foram incontáveis as alegrias, descobertas e aventuras pelo mundo digital que nos trouxeram até aqui. Ampliamos nosso conhecimento, estreitamos nossas relações e nos colocamos em constante disponibilidade para aprender conosco e com nossos(as) convidados(as). Descobrimos (ou reforçamos) a importância da extensão universitária e a ideia da coletividade no fazer científico quando nos encontramos, por diversas vezes, com limitações que só foram superadas pela companhia dos amigos e das amigas que fizemos e refizemos no processo de tornar a ciência que fazemos acessível a todos(as). A partir deste projeto, pessoas que nunca se viram tornaram-se grandes parceiras, trabalhos que nem conhecíamos se tornaram referência para nós e encontramos, no meio do caos, um modo de não estarmos sós. Fomos e somos o Labint nos mais diversos modos de interação social.

Referências

CIRÍACO, K. T. *et al.* Ações de ensino, pesquisa e extensão e suas potencialidades à promoção de práticas para a educação das relações

étnico-raciais. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 43178–43200, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n7-074>. Acesso em: 24 fev. 2022.

PARDO, R.; CALVO, F. Attitudes toward science among the European public: a methodological analysis. *Public Understanding of Science*, Nova Iorque, v. 11, n. 2, p. 155-195, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1088/0963-6625/11/2/305>. Acesso em: 24 fev. 2022.

SILVA, W. P. Extensão universitária: Um conceito em Construção. *Revista Extensão & Sociedade*, Natal, v. 11, n. 2, p. 21-32, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2178-6054.2020v11n2ID22491>. Acesso em: 24 fev. 2022.

1

Caiu nas redes, é interação social!

Possibilidades de ensino-aprendizagem na extensão universitária

Bruna Soares Monteiro | Clara Baltar Freire Furtado

Clara Maia Ventura de Moraes | Edclécia Reino Carneiro de Moraes

Isadora Ladislau Marques | Joana Cecília Gomes de Medeiros

Lígia Ribeiro Ferreira | Paula Gomes Sena | Rebeca Noberto Correia

Renata Lira dos Santos Aléssio

Breve cenário que levou à necessidade da ação

O projeto de extensão *Caiu nas redes, é interação social!* surgiu em novembro de 2020 em meio à pandemia da Covid-19, um cenário que obrigou as pessoas a permanecerem em suas casas, restringindo grande parte das interações ao meio virtual. O projeto tem como seus principais objetivos a produção de conteúdos, a educação científica e a difusão desses conhecimentos produzidos pelo Laboratório de Interação Social Humana (Labint), através da plataforma digital Instagram. Nesse sentido, busca-se uma aproximação maior entre o conhecimento científico, a comunidade acadêmica e a sociedade civil, entendendo o meio digital como

uma ferramenta contemporânea poderosa nesse processo de integração.

Geraldi; e Bizelli (2017) destacam que, através da tecnologia, é possível produzir e difundir conhecimento em qualquer lugar do mundo, independente do formato e da distância. Eles ainda apontam que essa tecnologia auxilia nos processos de ensino e aprendizagem, pois os conteúdos podem ser transmitidos de diferentes formas, tornando o processo mais dinâmico e atrativo.

Os resultados das pesquisas realizadas pelo Labint têm impactos importantes em diferentes campos do conhecimento, mas todas partem do pressuposto comum de que o sujeito se constrói em suas relações sociais, delimitadas por um contexto biológico, cultural e histórico. Há 5 linhas de pesquisa sendo desenvolvidas no laboratório, e todas têm como foco a interação social humana e seus processos de significação. São elas: Desenvolvimento, Interação Social e Implicações Educativas; Processos Psicológicos nas Migrações, Tecnologias da Informação e da Comunicação e Interculturalidade; Processos Sociointerativos e Desenvolvimento Humano; Representações e Práticas Psicossociais; e Violência e Exclusão Social.

Através do *Caiu nas redes, é interação social!*, pretendeu-se que, sob a coordenação das docentes do laboratório, estudantes da graduação e da pós-graduação pudessem juntos(as) criar conteúdos que comunicassem sobre as linhas de pesquisa através de quatro programas: *Pesquisas Atuais*;

Labint Convida; Do Labint para o Mundo; e Viva o Bebê! Os conteúdos eram produzidos dentro das equipes e passavam pelo processo de planejamento, elaboração, execução e postagem. Em trinta anos de existência, o Labint produziu uma expressiva quantidade de pesquisas científicas sobre os mais variados temas relacionados à Psicologia Social e à Psicologia do Desenvolvimento. As temáticas abordadas pelos programas ao longo do primeiro ano do projeto *Caiu nas redes, é interação social!* surgiram desse foco e abordaram os seguintes assuntos: maternidade; Teoria das Representações Sociais; infância; saúde mental; fases do desenvolvimento humano; educação; racismo; entre outros.

As docentes que coordenam o projeto lecionam no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), orientando pesquisas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), dissertações de mestrado e teses de doutorado. Os(as) estudantes de graduação e pós-graduação estão engajados(as) nas mais variadas pesquisas que são produzidas no laboratório. Cada grupo do projeto foi pensado para que houvesse sempre discentes de diferentes graus de formação dentro de um mesmo programa. Além dessa troca entre aprendentes de diferentes níveis de formação, que é muito importante na criação conjunta do conhecimento, alguns estudantes possuem experiências em outras áreas, como Filosofia, Administração, Direito, Gastronomia e Hospedagem. Isso permite que eles tragam contribuições importantes para

criação de novas ideias e na formação dos(as) demais participantes, impactando positivamente na execução do projeto.

FIGURA 1. Demonstração da identidade visual do projeto



Fonte: As autoras (2021).

O projeto se mostra também um importante canal de trocas, pois, pelo fato de o Instagram ser uma rede social

de interação, ele possibilita um canal entre a academia e a sociedade. Dentro da rede, é possível transmitir o conteúdo e receber críticas, elogios e perguntas. Isso faz com que o conhecimento chegue à população e seja cocriado com ela, valorizando, assim, os saberes produzidos no cotidiano e pelas Ciências Humanas. Além disso, é possível promover uma interação maior entre os(as) discentes da universidade, já que eles participam coletivamente de todo o processo de criação de conteúdo, permitindo trocas mais próximas.

Relação com as diretrizes da extensão universitária

A extensão é um processo formativo que se configura como uma das atividades mais relevantes do ensino superior, sendo integrante do tripé formador da universidade, o qual envolve também a pesquisa e o ensino. Segundo a definição do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, o Forproex, a Extensão Universitária é um “processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (FORPROEX, 1987 *apud* FORPROEX, 2012, p. 15). Pode-se dizer, então, que a extensão é um espaço de reflexão crítica, que procura construir interações transformadoras entre a universidade e as demais instâncias sociais (FORPROEX, 2006), contribuindo, assim, para a democratização do conhecimento científico.

O princípio norteador da indissociabilidade envolvendo ensino-pesquisa-extensão, firmado no Artigo nº 207, da Constituição Brasileira de 1988, exige uma práxis educativa nas atividades pertencentes a cada um desses eixos do tripé, e reafirma o caráter acadêmico da extensão. É relevante destacar que a comunidade científica procura encontrar na sociedade uma oportunidade de elaboração de conhecimento acadêmico através da construção de uma relação dialógica. O fluxo dessa relação é capaz de estabelecer a troca de saberes sistematizados, e permite a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade. Portanto, além de instrumentalizadora do processo dialético entre teoria e prática, a extensão favorece um processo de visão integrada do social (FORPROEX, 2006).

A extensão universitária envolve cinco diretrizes, as quais fundamentam o seu conceito e direcionam a formulação e execução de ações no âmbito acadêmico, sendo elas: a interação dialógica; a interdisciplinaridade e interprofissionalidade; a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão; o impacto na formação do estudante; e o impacto e transformação social.

Com o objetivo de produzir conteúdos e difundir conhecimento através de plataformas digitais, o projeto *Caiu nas redes, é interação social!* alinha-se às diretrizes que fundamentam a extensão universitária e direcionam suas ações, buscando garantir uma interação dialógica, interdisciplinaridade e interprofissionalidade entre a Psicologia e outras Ciências Humanas, promovendo impactos na formação de estudantes.

Diante dessa perspectiva, podemos relacionar cada uma das diretrizes com aspectos englobados no referente projeto de extensão. A interação dialógica se pauta no desenvolvimento de uma relação entre a universidade e os setores sociais. Através do diálogo e de uma troca contínua de saberes, almeja-se que a produção do conhecimento seja feita em interação com a sociedade, não somente como forma de estendê-lo para além da universidade, mas busca-se, também, a construção de um novo conhecimento (FORPROEX, 2012). Através da plataforma Instagram, nosso projeto procura atingir um público diversificado e amplo, na intenção de superar o discurso de hegemonia acadêmica e construir, em contraposição, trocas significativas também com sujeitos fora do escopo universitário. Essa diretriz pode ser observada ainda nas interações entre os programas do projeto, os participantes e o público.

Enquanto projeto de extensão e, portanto, também como um espaço de consolidação acadêmica, a interação dialógica se expressa na constante troca de experiências entre docentes e discentes, bem como entre estudantes de graduação e pós-graduação. Para que essa interação aconteça de forma efetiva nos aspectos apontados, é necessária a aplicação de metodologias que visem à democratização e à participação na produção de conhecimento. Nesse sentido, podemos apontar que o *Caiu nas redes, é interação social!* traz exatamente a popularização de informação a partir da divulgação desta em redes sociais, de modo que a produção científica

tem a possibilidade de alcançar e dialogar com a sociedade de forma direta e rápida, levando em conta, também, a linguagem mais adequada nesse ambiente para que o conhecimento seja acessível ao público em geral, perpassando a universidade e salientando um caráter ético da extensão universitária.

Ainda, no que tange à diretriz de interdisciplinaridade e interprofissionalidade, diz-se que a “[...] combinação de especialização e visão holísticas pode ser materializada pela interação de modelos, conceitos e metodologias oriundos de várias disciplinas e áreas do conhecimento [...]” (FORPROEX, 2012, p. 31). Dessa maneira, essa diretriz implica na construção e no estabelecimento de alianças, sejam elas intersetoriais, interorganizacionais ou interprofissionais, que podem ser observadas nos quatro programas do projeto em questão.

Nos quatro programas do projeto de extensão há pessoas com formações diversas, o que possibilita um contato com profissionais de diferentes áreas do conhecimento, não apenas da Psicologia. Essa heterogeneidade contribui de forma significativa com os processos de ensino-aprendizagem, permitindo o acesso a múltiplos saberes. Além disso, formulam-se diálogos com egressos do Labint, o que fortalece o projeto com contribuições de especialistas de inúmeras áreas.

As atividades realizadas pelo projeto se encontram no centro do tripé universitário, pois possibilitam a criação de um vínculo no processo de formação, de ensino e de geração de conhecimento e da pesquisa. As reflexões que buscamos

construir a partir da extensão se projetam para além da sala de aula tradicional, dando possibilidade para que os processos de aprendizagem aconteçam em múltiplos espaços, sejam esses dentro ou fora da universidade. O projeto idealiza, ainda, o(a) estudante como protagonista nessa trajetória, garantindo a obtenção de competências e habilidades úteis para atuação profissional e formação cidadã. Alguns desses processos de ensino-aprendizagem podem ser voltados à produção acadêmica, seja no formato de teses, dissertações, artigos em periódicos ou capítulos de livros como este. É importante salientar também que, nesse aspecto, a extensão incorporada a programas de pós-graduação compõe um papel importante na relação pesquisa-extensão.

É notável que as atividades de extensão têm uma função crucial na formação discente, visto que possibilitam, além de uma aproximação de conhecimentos teóricos, práticos e metodológicos, a formulação de espaços para reafirmar e materializar os componentes éticos da práxis profissional. Nesse sentido, observa-se que a extensão traz um enriquecimento da experiência estudantil. No referente à diretriz de impacto e transformação social, a extensão estabelece uma interrelação entre universidade e os seus demais setores, tendo um caráter essencialmente transformador, como também proporciona, no caso do projeto em destaque, a possibilidade de impactos na forma de divulgação do conhecimento, contribuindo para diminuir a desigualdade e a exclusão social.

Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos de estruturação dos programas, processos de trabalho e ações cotidianas se desenvolveram organicamente durante o desenrolar do projeto, ocorrendo de maneira colaborativa. Inicialmente, foram realizados levantamentos das principais habilidades e dificuldades dos(as) participantes, que orientaram a organização dos grupos menores para os quatro programas semanais, tendo em mente a combinação de pessoas com diferentes graus de escolarização e habilidades técnicas. Dessa forma, os(as) participantes poderiam trocar seus conhecimentos, de forma a promover uma maior autonomia e equilíbrio na divisão de tarefas.

Atualmente, a produção e organização de conteúdos são concebidas mês a mês, promovendo a interação, principalmente, entre cada programa do projeto. Além disso, toda a equipe do projeto de extensão *Caiu nas redes, é interação social!* se reúne mensalmente para elaboração e ajustes do cronograma. Desse modo, perspectivas plurais são agregadas e afinadas para, mês a mês, compor o produto que é publicado via Instagram.

Dentro de cada equipe, buscamos criar um espaço seguro de aprendizagem, propondo que os(as) integrantes se arrisquem em tarefas diferentes, experimentando múltiplas etapas do processo de produção e organização do conteúdo. Considerando que cada pessoa tem um modo particular de aprendizado, o grupo procura estar disponível para sanar as dúvidas e dificuldades durante todo o processo. Como

propostas de desenvolvimento das atividades, já foram acordadas reuniões para recebimento de novos integrantes; divisão de tarefas; capacitações em ferramentas específicas; bem como a abertura de espaços para trocas de experiências, encaminhamentos que têm demonstrado resultados positivos.

FIGURA 2. Formação em design e Canva proposta pela equipe



Fonte: As autoras (2021).

É importante ressaltar que todos(as) os(as) participantes se comprometem, ao entrar no projeto, a cultivar um ambiente horizontal e acolhedor nas reuniões de planejamento, com a possibilidade de que todos(as) falem abertamente sobre os desafios, críticas e ideias. Para além da discussão aberta nesses espaços, já foram propostos formulários virtuais, facilitando o levantamento de proposições, inquietações, além de sugestões de temáticas e convidados(as).

Ainda como estratégias, é possível citar a troca contínua por meio das redes sociais; o estímulo ao rodízio de tarefas; a organização do trabalho em duplas e pequenos grupos, entre outros. Além disso, foram realizados encontros síncronos mais estruturados no formato de oficinas, facilitadas pelos(as) integrantes com mais habilidade em áreas específicas. Com a entrada de novos membros dentro do projeto e a evolução das trocas de conhecimento, também foram propostas atividades formativas especiais, com o objetivo que todos pudessem adquirir ou aprofundar competências com ferramentas de edição de imagem, vídeo e texto, entre outras.

A formação de uma equipe diversificada e plural tem possibilitado que cada programa tenha uma visão mais abrangente das atividades realizadas. Embora sejam pontos de vista distintos, todas as equipes buscam trabalhar colaborativamente, criando um ambiente confortável e seguro na exposição de críticas e sugestões para melhoria dos processos. É possível observar que o comprometimento de cada participante não apenas com o trabalho, mas também com os demais membros que compõem o projeto, contribui para o desenvolvimento do aprendizado de todos de forma integral.

Alcances e pistas futuras

Como principais resultados deste trabalho, observa-se o aprendizado de diversas habilidades técnicas e interpessoais da equipe para produção de conteúdos científicos; o

fortalecimento de uma rede entre estudantes de graduação, pós-graduação e docentes de diferentes polos universitários; e a interação com o público, propiciada pelo ambiente virtual. Nesse ponto, pudemos explorar ferramentas virtuais de comunicação (Google Meet), de edição de imagens (Canva), de edição de vídeos (Adobe Premium, Movavi, Inshot etc.), de armazenamento (Google Drive) e da própria divulgação do conteúdo através das plataformas do Instagram e do Youtube. A metodologia de rodízio de tarefas foi particularmente útil nesse processo, considerando que esta possibilitou uma vasta troca de experiências e permitiu que o grupo fosse se capacitando na maior parte das etapas de produção do conteúdo.

Também destacamos a importância do projeto no desenvolvimento de habilidades psicossociais exigidas para o trabalho em equipe, questão de grande importância para o desenvolvimento profissional. Nesse ponto, o grupo precisou estabelecer parâmetros de divisão de tarefas, organização, gestão de tempo, temáticas a serem trabalhadas, dentre muitos outros aspectos. Assim, foi possível a integração e cooperação constante entre os membros dos diferentes subgrupos de pesquisa do Labint, ampliando a relação dialógica entre as várias temáticas trabalhadas pelos docentes.

Buscando aproximar os trabalhos de pesquisa acadêmica e comunidade externa à universidade, o projeto vem situando a ciência enquanto uma construção localizada e imbricada na história do pesquisador e no contexto sociocultural em que se insere. No ambiente virtual, é permitido que a difusão

do conteúdo rompa com as barreiras geográficas, proporcionando o alcance de outros estados e países. Nessa dinâmica de contribuição de diferentes profissionais da área, a equipe discente teve a oportunidade de praticar técnicas particularmente úteis tanto no campo acadêmico quanto na prática profissional – dentre estas, destaca-se a condução de entrevistas.

Em relação ao foco inicial do projeto – a divulgação em maior escala de um conteúdo acadêmico cientificamente relevante, democrático e acessível –, foram realizadas discussões acerca dos mais diversos temas. Foram colocadas em pauta temáticas como saúde mental, maternidade, desenvolvimento infantil, velhices, a produção científica em Ciências Humanas e muitas outras que, de acordo com a percepção dos membros do programa, abarcam tanto a comunidade acadêmica quanto a não acadêmica. Além disso, a possibilidade de receber *feedbacks* acerca das produções que eram compartilhadas permitiu que o projeto fosse se reinventando com o tempo, migrando para outras plataformas digitais externas ao Instagram e até mesmo diversificando os formatos de produção de conteúdo. Isso denota o caráter processual e dinâmico do projeto – característico da aprendizagem –, uma vez que teve início de modo experimental. A equipe, apesar de não ser especializada para este tipo de trabalho, vem se desenvolvendo com o desenrolar do próprio projeto.

Destacamos que as diversas estratégias que culminaram nas possibilidades acertadas de ensino-aprendizagem promoveram conhecimentos imensuráveis a cada membro do

projeto. Tal resultado torna-se concreto pois as partes – docentes, discentes e público-alvo – estavam sempre dispostas a aprender e ensinar, criando um ambiente favorável ao aprendizado, processual, agradável e seguro. Durante um processo de ensino-aprendizagem, o lugar daquele que aprende é de vulnerabilidade, de desafios e de exposição, por isso, ao se dedicar para manter o projeto vivo e apoiado em seus objetivos, a equipe já demonstra que esse lugar foi transformado. Além de acrescentar a difusão da ciência psicológica na atualidade, pudemos também praticar o aprender e o ensinar.

À guisa de conclusão, identificamos como desafios na plataforma digital a adaptação da linguagem acadêmica – que, infelizmente, muitas vezes, ainda segue um padrão elitista, excludente e pouco acessível – e a lógica mercadológica do conteúdo. A equipe do projeto, em sua maioria, não contava com experiências prévias de produção de conteúdos para as redes sociais, o que acarretou uma dificuldade de entender aspectos de engajamento, algoritmo e abrangência, por exemplo.

Já como pistas futuras, pensamos o potencial das redes como ferramenta de difusão da ciência, tanto para o público acadêmico quanto para a sociedade civil. Para os(as) estudantes, trata-se de uma forma de compreender o percurso de uma pesquisa e o fazer científico das Ciências Humanas. Para o público geral, promove uma aproximação e inserção da produção científica no cotidiano, através da adaptação ao formato do Instagram.

Além disso, considera-se a possibilidade de reinventar o formato que o projeto ocorre atualmente. No momento, o projeto de extensão *Caiu nas redes, é interação social!* é subdividido em quatro grupos: *Pesquisas Atuais*; *Labint Convida*; *Do Labint para o mundo*; e *Viva o bebê!*, os quais publicam semanalmente e têm objetivos específicos. Contudo, observa-se que alguns desses grupos têm a possibilidade de fundir-se, como também foi debatida a possibilidade de criar novos programas. Uma das especulações é que, com o retorno das aulas presenciais, seja possível um programa para apresentação do ambiente universitário aos ingressantes, bem como a utilização do espaço físico do Labint.

Conjectura-se, também, a associação com outros laboratórios parceiros, ampliando o escopo de saberes divulgados nas redes. Ademais, especula-se a possibilidade de expandir e consolidar a difusão através de outras plataformas, tal como o Youtube e o Spotify, em formato de *podcast*. Projeta-se, ainda, que a construção do projeto tem o potencial de estimular iniciativas semelhantes, visibilizando o conhecimento acadêmico, promovendo processos de resignificação da ciência e fomentando iniciativas de fortalecimento de pesquisa.

Referências

GERALDI, L. M. A.; BIZELLI, J. L. Tecnologias da informação e comunicação na educação: conceitos e definições. *Revista on-line de*

Política e Gestão Educacional, Araraquara, n. 18, p. 115-136, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9379>. Acesso em: 13 out. 2021.

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. *Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão*. Porto Alegre: UFRGS, 2006; Brasília: MEC/SESu, 2006. (Coleção Extensão Universitária, v. 4).

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus: Imprensa Universitária, 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.

2

Difusão científica da psicologia nas plataformas digitais

O uso das redes sociais como ferramenta de aproximação com a sociedade

Alina Mira Maria Coriolano | Antonio Luiz da Silva Neto
Jaelson Rodrigo Ricardo de Sousa | Letícia Karinne Muniz Moura
Rodrigo Pinto Brasil | Vanessa Cavalcante Pequeno
Maria de Fátima de Souza Santos

Difusão Científica do Conhecimento

O conhecimento pode ser produzido em ambientes diversos. Ainda assim, as universidades são tidas como centros produtores de conhecimento, sobretudo o que compreendemos como conhecimento científico. Barbosa; e Souza (2017, p. 286) designam que:

Em relação à difusão científica, de modo geral, é entendida como um gênero que se divide em: disseminação científica e divulgação científica. Tal difusão é desdobrada em disseminação científica (para especialistas) e divulgação científica (ao grande público).

A disseminação científica do conhecimento produzido nas universidades e instituições de pesquisa segue processos de produção e recepção que visam um público específico – os especialistas –, geralmente através de congressos e periódicos científicos. Por outro lado, a divulgação científica, difundida fora dos canais tradicionais de comunicação científica, incorpora um discurso acessível ao cidadão comum, não apresentando a obrigatoriedade de ser produzida por pesquisadores (BUENO, 2018).

Com a pandemia da Covid-19, o consumo de mídias digitais cresceu de forma bastante significativa na população brasileira, especialmente pela necessidade de informação mediante o distanciamento social, com exceção apenas do meio cinematográfico (GRUPO DE MÍDIA DE SÃO PAULO, 2021). Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que em 2019 o Brasil já contava com acesso de 183,3 milhões de brasileiros à internet, isto é, o equivalente a 82,7% da população possuía acesso à rede em suas residências. Demonstrando um aumento considerável desse acesso nos últimos anos, a pandemia é apontada como responsável pela ampliação no número de usuários da rede. Entretanto, esse acesso acontece no país de forma desigual, uma vez que 12,6 milhões de domicílios ainda não possuem acesso à internet, sendo apontadas como as principais razões: a falta de interesse, os altos valores do serviço e o fato de nenhum morador saber utilizar a internet (BRASIL, 2021).

Diversos meios de comunicação são consumidos pela população, dando espaço a múltiplos formatos de mídias digitais, os quais tiveram crescimento expressivo de audiência, reforçando o papel de seu protagonismo. Um dos exemplos da expansão desses meios é a exibição de *lives*, que foram mais exploradas, especialmente, por artistas, tanto com o objetivo de informar quanto de entreter. As redes sociais também tiveram aumentos significativos no uso quando comparado com o mês anterior ao início da pandemia (GRUPO DE MÍDIA DE SÃO PAULO, 2021). É a partir da utilização dessas mídias digitais que a comunidade acadêmica percebe a importância desta ferramenta na divulgação do conhecimento científico produzido nos espaços das universidades e que alcança a sociedade em geral.

Tecnologias da informação e comunicação na difusão do conhecimento científico

O avanço das tecnologias digitais enquanto recurso de comunicação em massa tem alterado a forma como nós compreendemos e manejamos o conhecimento. Atualmente, cruzamos com um universo virtual onde se efetiva cada vez mais a internacionalização das produções científicas, em que milhares de aplicativos gratuitos e recursos de interatividade e troca de informação alteraram a estrutura da comunicação mundial no campo das ciências, amplificando imensamente sua velocidade e alcance.

Neste sentido, talvez um dos maiores efeitos da revolução digital para difusão científica tenha sido a possibilidade de democratização dos saberes no universo digital (PORTO; OLIVEIRA; ROSA, 2018). Sem ser especialista, uma pessoa pode remixar, produzir, acessar e difundir diferentes saberes e informações de forma veloz e em proporções estratosféricas. Toda esta conectividade só é possível graças ao avanço crescente das tecnologias da informação e comunicação, popularmente abreviadas como TICs. As TICs podem ser conceituadas como o conjunto total de tecnologias físicas (*hardwares*) e digitais (*softwares*) que viabilizam o acesso, a produção e a propagação de informações entre pessoas (RODRIGUES, 2016).

No ciberespaço, ambiente digital de compartilhamento e participação viabilizado pelas TICs, a propagação de informações ocorre de maneira simultânea entre todos os cantos do globo. Com a disseminação da Covid-19 e a consequente aplicação de medidas de quarentena e de isolamento físico, a utilização das TICs enquanto ferramenta para manutenção das atividades de trabalho, educação, comunicação e lazer foi amplificada. O levantamento sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros (TIC Domicílios), feito pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic) (CETIC, 2020), constatou um aumento de 12 pontos percentuais, entre 2019 (71%) e 2020 (83%), no número de domicílios com acesso à internet, além do aumento expressivo nas atividades financeiras e atividades laborais via TICs durante a pandemia.

Da educação ao campo empresarial, as TICs passaram a ser indispensáveis no dia a dia de uma grande parcela da população. Por outro lado, a democratização do acesso ao compartilhamento de informações, que visava facilitar os processos de ensino-aprendizagem e da difusão de conhecimento e informação, também trouxe limitações e tensionamentos para o debate em torno da utilização das TICs (SILVA *et al.*, 2022). Movimentos organizados de disseminação de informações falsas (fake news) e discursos que questionavam o lugar da ciência no combate à pandemia se espalharam pela rede, gerando uma disputa de informações que acabou criando barreiras no enfrentamento da crise (SOUTO *et al.*, 2020).

Perini (2019), filósofo brasileiro, destaca que essas novas formas de circulação da informação influenciam cada vez mais as crenças das pessoas. Ele afirma que, de um lado, a parcial democratização do acesso à informação permite o acesso em massa e a produção de conteúdo nas redes sociais. Por outro lado, qualquer pessoa pode defender qualquer ideia e difundi-la em forma de fake news, que sempre terão adesões e adquirirão uma considerável repercussão já que, em geral, elas são ancoradas em valores conservadores sustentados por certos grupos sociais.

A utilização das TICs durante a pandemia também amplificou a forma como a produção científica e os órgãos internacionais vinculam informações. No intuito de combater as fake news, plataformas como o Instagram e o Facebook passaram

a criar ferramentas de fácil acesso a informações confiáveis e cientificamente comprovadas. A Organização Mundial da Saúde (oms) muniu esforços, desenvolvendo uma política virtual junto a estas plataformas a partir de suas páginas oficiais, oferecendo informações que visavam elucidar o público geral acerca dos dados epidemiológicos e dúvidas a respeito da pandemia (SILVA *et al.*, 2022).

O contexto pandêmico da Covid-19 tornou a hiperconexão uma realidade cada vez mais presente na maneira como nos relacionamos e nos organizamos institucionalmente. Com a ciência não seria diferente: a permanente conexão vem construindo subjetividade e novas formas de construção e disseminação do conhecimento (PORTO; MOREIRA, 2017). Sendo a convergência das informações passada linearmente ou não, os conteúdos de diferentes plataformas digitais e sistemas são a nova realidade na organização do poder. A informação e a cultura passaram a convergir por meio das TICs, direcionando tanto a disseminação científica entre diferentes organizações e pesquisadores quanto a sua divulgação para o público em geral, resultando em um novo contexto em que as plataformas digitais entram como protagonistas no alcance do grande público (SILVA *et al.*, 2022).

Plataformas Digitais

As plataformas digitais são ferramentas de comunicação através das quais são alicerçados os diferentes tipos de

serviços de informação, sejam eles públicos ou privados (BRANDÃO, 2014). Através de plataformas digitais, torna-se possível o acesso do cidadão aos serviços governamentais ou particulares, sendo o cidadão um produtor e consumidor dessas plataformas. As plataformas digitais vieram evoluindo com o tempo, considerando o papel do ator humano nas transformações sociais e a consequente redefinição das relações sociais. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que a internet é uma ferramenta privilegiada para atuar, informar e organizar os modos de vida, por exemplo (BRANDÃO, 2014).

Para tanto, considera-se que as plataformas digitais são objetos, enquanto o cidadão é o sujeito que se utiliza dessas plataformas para produzir e consumir conteúdos, vivenciar estilos de vida e interações sociais. As plataformas digitais possibilitam, cotidianamente, a vinculação do cidadão com diversos meios de comunicação ou entidades organizacionais, como empresas ou o governo de sua região ou país (BRANDÃO, 2014). Contudo, utilizar-se de plataformas digitais também perpassa por questões legais que devem ser amplamente consideradas, como observa a Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018, a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD):

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou jurídica de direito público ou privado, visando proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o

livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural. (BRASIL, 2018, *on-line*).

Nesse sentido, a LGPD objetiva garantir direitos pessoais contra a disseminação de informações falsas que comprometam a liberdade e privacidade dos cidadãos. Diferentemente do que é pensado por muitos, a internet não é e nem pode ser uma “terra-de-ninguém”, através da qual qualquer pessoa poderia disseminar informações falsas, capturar dados de terceiros e utilizar-se da falsidade ideológica para conseguir benefícios.

A internet, por meio de suas plataformas digitais, necessita de transparência, liberdade individual e coletiva, pois é imprescindível o direito fundamental do sigilo das informações pessoais (BRASIL, 2018). Sendo assim, é necessário seguir princípios éticos na utilização dessas plataformas. O uso de plataformas digitais para compartilhamento de informações avançou nos últimos anos, incluindo o surgimento e a disseminação de tecnologias colaborativas, através das quais as pessoas constroem, editam, ampliam e corrigem informações (ALVES; SANTOS; PESCHANSKI, 2016).

Portanto, é imprescindível a utilização das plataformas digitais, incluindo a utilização em espaços educacionais, a difusão científica e o compartilhamento de experiências, considerando que a inserção de novas tecnologias exige uma sociedade com cidadãos mais criativos e preparados para se relacionarem com essas plataformas (GOMES, 2019).

Acesso à informação em Plataformas Digitais

As plataformas digitais se tornaram recursos de grande potencial em decorrência da ampliação do acesso à internet desde os períodos finais do século XX até os tempos atuais, considerando, também, a emancipação da comercialização e aquisição dos aparelhos tecnológicos conectados à rede, como celulares, *tablets*, *notebooks* etc., pelas pessoas no mundo todo (MONTEIRO *et al.*, 2022). Isto, ao longo do tempo, cada vez mais facilitou a circulação das informações e comunicação nas plataformas digitais.

De acordo com Tomaél; e Marteleto (2006, p. 76), “no ambiente das redes, o compartilhamento de informação e de conhecimento entre as pessoas é constante, pois as pessoas frequentemente gostam de compartilhar o que sabem”. O Instagram, por exemplo, é um aplicativo gratuito de compartilhamento de fotos e vídeos possíveis de serem acessados por meio dos mais diversos dispositivos portáteis e não-portáteis que dispõem de sistemas operacionais. Nele, podem ser compartilhados fotos, vídeos e inúmeras informações ao mesmo tempo com seguidores ou com conjuntos de amigos (MONTEIRO *et al.*, 2022).

Ainda, no Instagram, as pessoas podem ver, comentar ou curtir publicações compartilhadas a qualquer hora, momento e lugar. Esta foi a rede social que mostrou o melhor crescimento e se estabeleceu como uma das mais completas e mais usadas plataformas digitais no Brasil, podendo ser

considerada uma das redes com maior rotatividade e circulação de informações em dimensão mundial (MONTEIRO *et al.*, 2022).

A partir do nosso envolvimento com o Projeto de Extensão Caiu nas Redes, é Interação Social!, pudemos observar que o público que mais utiliza as plataformas digitais é formado por pessoas mais jovens, cujo contexto no qual estão inseridas possibilita o uso de aparelhos tecnológicos com acesso à internet, seja por consumo direto ou indireto dos serviços ou materiais. Isso se torna viável pelas condições econômicas familiares dessas aquisições ou por redes de amigos e vizinhos, acesso escolar, pontos públicos de conexão, dentre outros.

Contudo, mais da metade da população global que faz as informações nas plataformas digitais circularem possui, aproximadamente, entre 20 e 40 anos de idade, independente de gênero. Em outras palavras, as plataformas digitais com fins de disseminação das informações “não alcançam”, de forma eficaz, os públicos infantis, adolescentes e idosos. Como diriam Ribeiro; e Moscon:

O ciberespaço, também chamado de espaço virtual, deu origem às diversas formas de interação social. Essas interações podem facilitar a comunicação entre pessoas que estão em espaços físicos distintos; podem gerar a redução do contato social mais intimista, pois os usuários ainda que sejam ligados por laços sociais, o fato de estarem em espaços físicos diferentes pode impedir que a interação seja intimista; e pode mediar a existência de novos meios

virtuais para interação. Os ciberespaços podem ser caracterizados como um espaço em que há conflitos, encontros, ainda que estes sejam virtuais e interações com diversas culturas. Propiciam a exposição pessoal, além de proporcionarem aos usuários das redes sociais virtuais a facilidade para distinguir com quais pessoas os laços sociais serão estabelecidos, ou seja, com quais pessoas manterá vínculos. (RIBEIRO; MOSCON, 2018, p. 4).

Logo, a partir do exposto acima, podemos dizer que, embora as plataformas digitais, bem como seus recursos e sistemas tecnológicos, sejam, em geral, utilizadas para fins de lazer e entretenimento, prezando a exposição de assuntos predominantemente da vida pessoal e informal, elas revelam-se como excelentes ferramentas para o acesso à informação científica. Assim, como fala Monteiro *et al.* (2022), a disseminação científica aborda a ciência enquanto produtora de informação e as plataformas digitais propiciam a variedade e expansão da rede de indivíduos com interesse em acessar, divulgar e aprender ciências.

O Papel Social do Cientista no acesso da população ao conhecimento

Segundo Freire:

Se, numa dada sociedade preponderantemente alienada, o profissional, pela natureza mesma da sociedade estruturada hierarquicamente, é um privilegiado, numa

sociedade que se está abrindo, o profissional é um comprometido ou deve sê-lo. (FREIRE, 2013, p. 13).

Acompanha-se há algum tempo o movimento global de descredibilização do universo científico. Se por um lado as concepções científicas do século XIX rogavam à ciência o lugar de detentora uníssona da verdade, presenciamos no século XXI a chamada era da pós-verdade, na qual “os fatos e as evidências foram substituídos por crenças pessoais e emoções” (ROCHLIN, 2017, p. 386), ou seja, a distorção da realidade e de fatos cientificamente comprovados transitam de maneira bastante veloz do *on-line* para o *off-line* e se fazem mais relevantes do que os fatos objetivos na formação da opinião pública.

Pensar ensino-pesquisa-extensão, eixos que compõem a base da Universidade Pública, inseridos na era da pós-verdade, é fundamental para evitar o ensimesmamento da produção científica entre pesquisadores(as), alunos(as) e docentes de universidade. A população não especialista apresenta, por vezes, dificuldades em compreender a importância e aplicação no cotidiano do conhecimento científico produzido pelas humanidades. A extensão universitária é uma das formas que, inserida dentro do contexto acadêmico, têm-se de dialogar com a população.

Para Serrano (2013), ao fazer extensão, estamos produzindo um conhecimento específico, o qual torna possível a relação dialógica entre Universidade e Sociedade; nesse sentido, a extensão universitária permite que a universidade

viabilize transformações na sociedade, que transforma, em via de mão dupla, a universidade. Ao realizarmos uma extensão universitária com enfoque na difusão científica, aprendemos ferramentas e habilidades de comunicação efetivas para a população não especialista, ao mesmo tempo em que repassamos conhecimentos complexos de forma palatável com possibilidade de diálogo, mesmo que limitada à estrutura virtual. Ainda é possível e urgente avançar na difusão das produções científicas para a população, tendo em vista que a formação em Psicologia acaba por desconsiderar muitas vezes o contexto sócio-histórico e político que nos circunda, perdendo de vista a possibilidade de uma atuação inventiva com olhares críticos sobre a realidade (NASCIMENTO; MANZINI; BOCCO, 2016).

Exemplos como a aderência popular ao discurso de que existem universidades que fazem ‘balbúrdia’ nos sinalizam a necessidade da difusão científica constante como parte indissociável do trabalho do(a) cientista. Diante da missão de partilhar o conhecimento científico com a população não especialista e, dessa maneira, romper com a sua vinculação ao público especializado, a difusão e a divulgação científica atuam como disparadoras de reflexões sobre a linguagem (SILVEIRA, 2020):

[...] um sujeito que não esteja inserido no meio acadêmico – em geral, a maioria da população –, não possui os elementos essenciais para interpretar conceitos e conteúdos científicos de maneira autônoma e que tenham sido

pensados para a própria comunidade acadêmica ou, ainda, pensados para a população, mas realizados em uma linguagem puramente acadêmica. (SILVEIRA, 2020, p. 27).

O papel, portanto, do(a) cientista no acesso da população ao conhecimento consiste em viabilizar esse processo através da busca criativa e crítica por modos de se fazer entender e entender o outro, agindo como intermediário no processo de apreensão do conhecimento científico.

Panorama da Experiência do Projeto

A partir de tudo que foi apresentado e discutido até aqui, como possibilidade de integrar estas questões, nosso projeto de extensão foi criado. Objetivando a difusão científica, tanto através da disseminação como através da divulgação (BARBOSA; SOUZA, 2017), buscamos construir um espaço de diálogo sobre os saberes científicos nas Ciências Humanas e, mais especificamente, na Psicologia.

A respeito do alcance de nossas publicações, o Instagram fornece alguns parâmetros. Até o momento de escrita deste capítulo, 865 usuários acompanhavam o perfil do projeto de extensão na plataforma, através do recurso “seguir”. Dentre os usuários que interagem a partir de nossas publicações, a maioria são mulheres (76.1%). Com relação à faixa etária, a de maior alcance é entre 25 e 34 anos, contabilizando 39.9% do quantitativo total de nossos usuários; e a de menor alcance é entre pessoas com mais de 65 anos, que corresponde a 2.7%

do total de nossos usuários. A maioria destes usuários está em território brasileiro (74.3%), principalmente nos estados de Pernambuco e da Paraíba, mas também há registro de alcance em outros países como França, Portugal, Uruguai e Noruega.

Para a construção deste diálogo, foram empregados diversos formatos de comunicação: *cards*, vídeos, *lives*, *podcasts* e leituras. Isto surge a partir da compreensão e do reconhecimento de que o conhecimento pode ocorrer de várias formas e, conseqüentemente, a partir desta variedade, alcançar um maior número de pessoas. De forma paralela, também como estratégia de aprofundamento dos temas e discussões propostos, foram sugeridos materiais com linguagem heterogênea. Assim, há a indicação de trabalhos acadêmicos produzidos pelas(os) integrantes do grupo de pesquisa, a exemplo de artigos científicos, dissertações e teses; como também são sugeridos livros, filmes, documentários e séries.

Em nosso projeto de extensão como um todo e nas especificidades de cada programa, o que buscamos destacar em nossa experiência é a possibilidade de apresentar conceitos fundamentais e resultados de pesquisas em Psicologia contextualizados, em linguagem acessível, com explícita correlação com o contexto histórico-social e com suas implicações na vida em sociedade. Alicerçados nisso, elencamos grandes temas para debate e contamos com colaboradoras/es da rede do Laboratório de Interação Social Humana (Labint) para apresentar questionamentos, reflexões, dados e informações científicas para discussão.

Como fruto deste convite, pudemos, ao longo de um ano, dialogar com estudantes, profissionais, docentes e interessados pelas temáticas de uma forma dinâmica, colaborativa e interativa. Sintetizamos abaixo os temas propostos por nós para debate as(os) colaboradoras(es) em seus diferentes momentos de formação e atuação profissional e as discussões oriundas do tema sugerido. Mais que apresentar as discussões, o Quadro 1 também exemplifica a variedade de objetos e teorias do conhecimento científico que podem e devem se tornar acessíveis e possíveis de diálogo em outros espaços, utilizando abordagens diferentes e linguagem acessível.

QUADRO 1. Temas propostos, participantes e principais conceitos explorados

Tema proposto	Participantes	Discussões derivadas
Bioética	4 estudantes de iniciação científica; 3 doutores	Contribuições da Psicologia no debate da bioética; Cuidados éticos na elaboração de pesquisas; Aborto; Pesquisa com embriões; Processo de morrer.
Preconceito e Racismo	1 graduada; 2 doutorandos; 2 doutores	Dia da Consciência Negra; Discriminação; Estereótipos; Identidade; Transição capilar; África; Pertencimento étnico-racial.
Grupo de brinquedo	3 doutores	Brincadeiras; Competência social de infantes; Desenvolvimento infantil; Estratégias de métodos de pesquisas com crianças; Amamentação.



Tema proposto	Participantes	Discussões derivadas
Gênero e Sexualidade	1 mestranda; 1 doutorando; 1 doutora	Desenvolvimento humano; Experiência <i>drag queen</i> ; Homofobia; Processos de ressignificação e resistência; Chá revelação.
Educação	1 mestranda; 1 mestre; 2 doutoras	Atuação da Psicologia no ambiente escolar e educacional; Pesquisas sobre educação no contexto de pandemia; Educação infantil no contexto de pandemia; Protagonismo estudantil; <i>Bullying</i> ; Relação discente-docente; Violência no ambiente escolar; Profissão docente.
Interculturalidade	2 doutorandos; 1 doutor	Instrumentos metodológicos em pesquisa intercultural; Contextos e nicho de desenvolvimento; Processo de interiorização das universidades públicas; Formação profissional; Psicologia inclusiva.
Velhice	1 mestranda; 1 mestra; 1 doutora	Desenvolvimento humano; Envelhecimento; Estigmas sobre a velhice; Perspectiva <i>LifeSpan</i> ; Institucionalização de idosos; Memória; Relações intergeracionais; Morte.
Ciências Humanas	2 estudantes de iniciação científica; 4 doutores	Importância das pesquisas em Ciências Humanas; Contexto atual e valorização das pesquisas em Ciências Humanas no Brasil; A profissão de pesquisador no Brasil; Mães pesquisadoras; Premiação de trabalhos científicos.



Tema proposto	Participantes	Discussões derivadas
Saúde	1 doutoranda; 3 doutoras	Concepções de saúde; Perspectiva integrativa e interacionista da saúde; Práticas profissionais no campo da saúde; Saúde pública; Sistema Único de Saúde (sus).
Saúde Mental	1 mestranda; 3 mestres	Setembro amarelo; Suicídio; Saúde mental infantojuvenil; Saúde mental e puerpério; Saúde mental no contexto de pandemia; Práticas profissionais em saúde mental; Cuidado em saúde mental; Reforma psiquiátrica brasileira; Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).
Infância	2 estudantes de iniciação científica; 1 doutoranda 1 doutora	Concepções de infância; Interação entre crianças; Interação entre crianças e adultos; Orientação parental; Práticas lúdicas; Pesquisas sobre a infância; Políticas públicas para a infância; Direitos das crianças e dos adolescentes.

Fonte: Os autores (2023).

É relevante destacar que cada programa do projeto de extensão ocorreu de modo personalizado, construindo possibilidades de apresentação de seus objetivos. Assim, no programa *Pesquisas Atuais* tivemos a participação de 12 estudantes de graduação e de pós-graduação, além de docentes vinculados(as) ao Labint apresentando pesquisas

em andamento ou concluídas recentemente; no programa *Labint Convida* foram elaborados vídeos com participação de 11 colaboradoras(es) expondo experiências de atuação profissional e pesquisas sobre os temas propostos; no programa *Do Labint para o Mundo* pudemos conhecer a trajetória de 14 estudantes egressas(os) do Labint; e no programa *Viva o Bebê!* foram produzidos 10 *podcasts* acerca de assuntos atuais envolvendo a infância a partir da perspectiva da Psicologia do Desenvolvimento. Assim, tomando o projeto de extensão em sua unidade, ao longo de um ano, foram criadas e produzidas 47 formas de conteúdo de difusão científica em Psicologia. Destaca-se, ainda, que este quantitativo não inclui as séries especiais e comemorativas criadas, o que torna este número ainda maior.

Além da difusão do conhecimento científico, notabiliza-se, também, conforme pode ser percebido na Tabela 1, a integração entre estudantes nos diversos níveis de formação. Para além de um trabalho para o público externo ao Labint, o projeto de extensão possibilitou conhecimento das pesquisas que foram e têm sido executadas pelas(os) integrantes do grupo de pesquisa, como também a consolidação de uma rede de relações que se inicia academicamente e estende-se para o estabelecimento de vínculos afetivos.

Deste modo, percebemos, ao longo de um ano de existência deste projeto de extensão, que muito pode e deve ser feito como estratégia e possibilidade de difusão científica. Aqui apresentamos a experiência do que foi criado

e executado até o momento de escrita deste capítulo; mas certos(as) de que novos desafios e possibilidades virão para o aprimoramento do que temos feito, retificando a universidade como espaço de produção de conhecimento para todos e a ciência como caminho para o desenvolvimento da sociedade.

Referências

ALVES, D.; SANTOS, J. C. F.; PESCHANSKI, J. A. Tecnologias colaborativas na difusão científica: um relato dos usos e apropriações da Wikipedia no CEPID Neuromat. In: *Anais Simpósio Nacional Abciber*, [S.l.], v. 9, p. 1-25, 2016. Disponível em: https://abciber.org.br/anaisletronicos/wp-content/uploads/2016/trabalhos/tecnologias_colaborativas_na_difusao_cientifica_um_relato_dos_usos_e_apropriacoes_da_wikipedia_no_cepid_neuromat_david_fernando_levon_alves.pdf. Acesso em: 31 jan. 2022.

BARBOSA, C.; SOUSA, J. P. Comunicação da ciência e redes sociais: um olhar sobre o uso do Facebook na divulgação científica. In: PIRES, H. et al. (Orgs.). *Cibercultura*. Circum-navegações em redes transculturais de conhecimento, arquivos e pensamento. Minho: Edições Humús, 2017. p. 279-289. *E-book*. Disponível em: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2826. Acesso em: 31 jan. 2022.

BRANDÃO, M. O cidadão e as plataformas digitais: a modernização administrativa à luz do paradigma infocomunicacional. *PRISMA.COM*, Porto, n. 22, p. 21-42, 2014. Disponível em: <http://aleph.lettras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/1909>. Acesso em: 31 jan. 2022.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018: Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). *Diário Oficial da União*, Brasília, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 31 jan. 2022.

BRASIL. Ministério das Comunicações. IBGE. Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet: dados são referentes a 2019 e representam um crescimento de 3,6 pontos percentuais em relação a 2018. 14 abr. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20levantamento,percentuais%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%202018.&text=Nos%20domic%C3%ADlios%20urbanos%2C%20a%20utiliza%C3%A7%C3%A3,as%20grandes%20regi%C3%B5es%20do%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 1 fev. 2022.

BUENO, W. C. Cultura científica, comunicação e cibercultura. A divulgação científica no universo digital: o protagonismo dos portais, blogs e mídias sociais. In: PORTO, C.; OLIVEIRA, K. E.; ROSA, F. (Orgs.). *Produção e difusão de ciência na cibercultura: narrativas em múltiplos olhares*. Ilhéus: Editus, 2018. p. 55-67. E-book. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/fc27h>. Acesso em: 1 fev. 2022.

CETIC. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (ed.). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2020. Edição Covid-19*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211124201233/tic_domicilios_2020_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 30 jan. 2022.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

GOMES, A. de S. *Plataformas Digitais na Educação*. 2019. 27 p. Monografia (Curso de Especialização Mídias na Educação) – Universidade Federal de São João Del-Rei, Disponível em: <http://dspace.nead.ufsj.edu.br/trabalhospublicos/bitstream/handle/123456789/349/TCC%20Alexandre%20%20C.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 1 fev. 2022.

GRUPO DE MÍDIA DE SÃO PAULO. *Midiados Brasil 2021 para todxs*. Kantar IBOPE, 2021. Disponível em: <https://midiadadosgmsp.com.br/2021/>. Acesso em: 3 fev. 2022.

MONTEIRO, M. et al. PET farmácia/UFRJ, instagram e podcast: ferramentas para a difusão de informações científicas durante a pandemia de covid-19. *Expressa Extensão*, Pelotas, v. 27, n. 1, p. 5-16, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/ee.v27i1.21299>. Acesso em: 1 fev. 2022.

NASCIMENTO, M. L. do; MANZINI, J. M.; BOCCO, F. Reinventando as práticas psi. *Psicologia & Sociedade*, [s.l.], v. 18, p. 15-20, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100003>. Acesso em: 1 fev. 2022.

PERINI, E. Das fake news à terra plana: pesquisador estudo ‘epidemia’ de ideias falsas que ameaçam o conhecimento e a democracia. *Sul 21*, Porto Alegre, 25 nov. 2019. Disponível em: https://sul21.com.br/entrevistasz_areazero/2019/11/das-fake-news-a-terra-plana-pesquisador-estuda-epidemia-de-ideias-falsas-que-ameacam-o-conhecimento-e-a-democracia/. Acesso em: 1 fev. 2022.

PORTO, C.; MOREIRA, J. A. Ambientes de aprendizagem digitais em ecossistemas educativos. In: PORTO, C.; MOREIRA, J. A. (Orgs.). *Educação no ciberespaço: novas configurações, convergências e conexões*. Araçaju/Santo Tirsu: EDUNIT: Whitebooks, 2017. p. 13-20.

PORTO, C.; OLIVEIRA, K. E.; ROSA, F. *Produção e difusão de ciência na cibercultura: narrativas em múltiplos olhares*. Ilhéus: Editus, 2018. E-book. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/fc27h>. Acesso em: 1 fev. 2022.

RIBEIRO, M. P.; MOSCON, D. Reflexões sobre o uso do Instagram na contemporaneidade. *Seminário Estudantil de Produção Acadêmica, Salvador*, v. 17, p. 35-56, 2018. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/5576/3619>. Acesso em: 1 fev. 2022.

ROCHLIN, N. Fake news: belief in post-truth. *Library Hi Tech*, [S.l.], v. 35, n. 3, p. 386-392, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/LHT-03-2017-0062>. Acesso em: 1 fev. 2022.

RODRIGUES, R. B. *Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação*. Recife: IFPE, 2016. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/413/2018/12/arte_tecnologias_informacao_comunicacao.pdf. Acesso em: 30 jan. 2022.

SERRANO, R. M. S. Maior. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. *Grupo de Pesquisa em Extensão Popular*, João Pessoa, v. 13, n. 8, p. 1-15, 2013.

SILVA, F. A. F. *et al.* PET farmácia/UFRJ, Instagram e podcast: ferramentas para a difusão de informações científicas durante a pandemia de covid-19. *Expressa Extensão, Pelotas*, v. 27, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/21299>. Acesso em: 30 jan. 2022.

SILVEIRA, R. V. A. *Saúde sem Fronteiras: ações de divulgação científica em tempos de pandemia*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Práticas Educacionais em Ciências e Pluralidade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Dois Vizinhos, 2020.

SOUTO, J. T. de *et al.* Uso de ferramentas de mídia social Instagram como meio para contribuir na construção do conhecimento, difundir informações científicas e combater “fake news” durante a pandemia da covid-19. *Revista Extensão & Sociedade*, Natal, v. 12, n. 1, p. 274-284, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2178-6054.2020v12n11D20865>. Acesso em: 30 jan. 2022.

TOMAÉL, M. I.; MARTELETO, R. M. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 11, n. esp., p. 75-91, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2006v11nesp1p75>. Acesso em: 1 fev. 2022.

3

Conhecendo o *Pesquisas Atuais*

*O fazer científico contemporâneo
na tela do celular*

Isadora Ladislau Marques | Lígia Ribeiro Ferreira

Nathália Patrícia Teófilo Bezerra de Melo | Victor Hugo da Silva Santos

Criando o *Pesquisas Atuais*

Compreendendo a necessidade da universidade se aproximar cada vez mais da sociedade civil, o projeto de extensão *Caiu nas redes, é interação social!* tem como objetivo lançar nas redes sociais conteúdos midiáticos sobre o trabalho realizado no Laboratório de Interação Social Humana (Labint), para que esses conteúdos alcancem tanto a comunidade acadêmica quanto a sociedade em geral. Esta iniciativa conta com a coordenação e participação de múltiplas docentes, bem como alunos de graduação e pós-graduação.

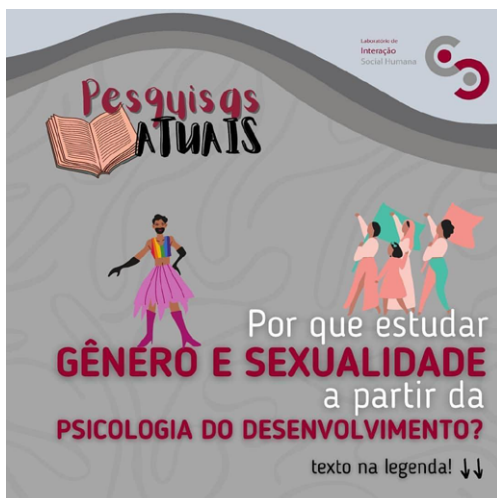
Na configuração atual, o programa *Pesquisas Atuais* ocorre na primeira semana do mês e tem como objetivo, através de

vídeos, textos e imagens, a divulgação de pesquisas de graduação e pós-graduação em andamento ou finalizadas recentemente. Essas pesquisas são selecionadas a partir de um tema guarda-chuva previsto para a programação mensal, que orienta todos os programas. Dito isto, podemos concluir que o programa, assim como os demais, organiza um conteúdo que depende da contribuição de pessoas externas ao projeto e que, ao mesmo tempo, integram ou já integraram o Labint.

Dentro dessas produções são compartilhados conteúdos relacionados a pesquisas – a exemplo da relevância social, problemática, objetivos, metodologia e resultados – assim como se divulgam trabalhos científicos já publicados. Como forma de introdução ao tema, também há a produção de conteúdo multimídia a partir dos conhecimentos da Psicologia.

Cada programa possui uma identidade visual característica, baseada nas cores do logotipo do Labint (cinza e vinho). No caso do *Pesquisas Atuais*, tal símbolo conta com um livro aberto e o nome do programa escrito com uma tipografia que remete a pinceladas de tinta frescas, em uma analogia ao frescor também reconhecido em pesquisas atuais. Assim como o logotipo, os elementos gráficos utilizados possuem linhas curvas e pouco rígidas. A fluidez das imagens é inspirada nas interações sociais, que apresentam começos e fins difíceis de determinar. A cada mês, adicionamos novos elementos às imagens que conversem com o tema apresentado, como símbolos que representem o feminismo, a infância, a cultura afro-brasileira e outros.

FIGURA 1. Exemplificação da identidade visual



Fonte: Os autores (2021).

FIGURA 2. Exemplificação da identidade visual



Fonte: Os autores (2021).

Como forma de dar maior dinamicidade aos trabalhos de publicação de conteúdos, cada equipe do projeto de extensão mapeou seus processos de trabalho, que envolviam desde a preparação do conteúdo até sua publicação. O mapeamento permitiu conhecer o esforço empreendido em termos de tempo para cada passo de produção. Desta forma, foi possível dimensionar a divisão das atividades, buscando uma maior equidade na participação de cada integrante. Descrevemos no Quadro 1 os processos e as atividades relacionadas.

QUADRO 1. Detalhamento de processos e atividades para cada postagem do *Pesquisas Atuais*

PROCESSOS DE ENTRADA	
Processos	Descrição da atividade
Seleção do tema e convidados do mês	Durante a reunião do grande grupo, selecionar o tema do mês e fazer o levantamento de possíveis convidados.
Divisão de tarefas	Organizar atividades necessárias para realização do programa; dividir por interesse no grupo do Whatsapp; definir prazos para finalização.
Contato com convidado	Redigir texto do convite (inserir apresentação do programa, convite, prazo, contato e imagem com instruções); mensagem de confirmação do recebimento de material; mensagem de apresentação do conteúdo prévio antes da postagem; e mensagem de agradecimento.
Edição de vídeo	Ajustar vídeos (cortar partes, aumentar ou diminuir volume, ajustar elementos da imagem como luz, contraste, formato, ordem das falas e dos vídeos de acordo com perguntas direcionadoras); adicionar artes da capa com tema, balões de pergunta e capa final com nomes de ►

PROCESSOS DE ENTRADA	
Processos	Descrição da atividade
Edição de vídeo	convidados e adicionar transições entre artes e vídeo; adicionar trilha sonora; fazer transcrição das falas; fazer legendas (inserir texto, tempo de duração e posição no vídeo); salvar em resolução de pelo menos 600 a 800 megapixels; enviar para revisão.
Edição de artes gráficas	Criar link do Canva referente ao novo mês; definir tipo da postagem (apresentação da temática do mês; conteúdo sobre tema; divulgação de trabalhos escritos); inserir informações novas nas artes padronizadas; inserir elementos novos condizentes com o tema do mês; revisão feita pelo grupo.
Redigir textos das legendas	Construir um texto de apresentação da postagem e adicionar as <i>hashtags</i> do mês; definir tipo de legenda de acordo com postagem (apresentação de convidados, apresentação do tema ou divulgação de trabalhos); redigir textos de até 1200 caracteres; revisar textos.
Redigir textos sobre temas	Construir ou solicitar um convidado a construir um texto de apresentação da temática e adicionar <i>hashtags</i> ; revisar textos.
Edição do Linktree	Possuir links de acesso aos trabalhos escritos; abrir site de administração do Linktree; substituir links e títulos do mês anterior pelos novos; fazer simulação da tela para certificar.
Revisão dos conteúdos	Revisar os conteúdos antes das postagens; corrigir possíveis erros.
Postagem dos conteúdos	Baixar conteúdos pelo Google Drive; copiar textos das legendas pelo Google Drive; fazer um rascunho da postagem pelo Instagram; postar num horário entre 18h e 21h; compartilhar a postagem nos stories.
Organizar arquivos do programa	Organizar um arquivo no Google Drive com as postagens e materiais anteriores; criar pastas referentes a cada mês; criar pastas referentes a cada publicação; preencher o documento com legendas mensalmente; preencher o documento com links do Canva mensalmente.



PROCESSOS DE ENTRADA	
Processos	Descrição da atividade
Divulgar conteúdos	Copiar link da publicação do Instagram; redigir texto com chamada para consumir o conteúdo; compartilhar nos grupos interessados.

Fonte: Os autores (2023).

Publicações que fizeram história

Durante esse tempo, recebemos convidados ilustres e divulgamos pesquisas sobre os mais variados temas. Primeiramente, destacamos a nossa *postagem de apresentação*, na qual convidamos o público a conhecer o Pesquisas Atuais e partilhar conosco as suas temáticas de interesse. A partir dessa publicação, passamos a construir essa trajetória junto aos seguidores do perfil.

Não poderíamos deixar de destacar também a nossa primeira *live: 60 anos e avante! TRS: desafios atuais e perspectivas futuras*, na qual dialogamos sobre a Teoria das Representações Sociais, que completou, em 2021, 60 anos de existência. A equipe do programa foi responsável tanto pelo suporte e organização da *live* quanto por sua divulgação e posterior disponibilização nos perfis do laboratório. Com a mediação de Renata Aléssio, tivemos o prazer de compartilhar esse momento com pesquisadoras que nos inspiram: Zeidi Trindade (UFES), Fátima Santos (UFPE) e Angela Almeida (UnB).

Por fim, destacamos também um momento desafiador do *Pesquisas Atuais*: a indisponibilidade dos serviços do

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Esse momento nos serviu de reflexão acerca do contexto sociopolítico que estamos vivendo, principalmente o desmonte das universidades públicas e da ciência. Durante o período desta programação não foi possível acessar o currículo Lattes dos(as) pesquisadores(as) para divulgar as devidas autorias dos escritos.

Outro marco das programações do Pesquisas Atuais se deu com a divulgação de referências bibliográficas ao fim de cada temática para somar ao conhecimento compartilhado e à criação de novas perspectivas. Nesse incentivo ao aprendizado constante, diversos trabalhos científicos aterrissaram na tela do celular. No campo das pesquisas educacionais produzidas no Labint, divulgou-se o artigo *‘Excluir’, ‘Xingar’, ‘Bater’: sentidos de violência na escola segundo estudantes da Paraíba*, no qual são apresentados os resultados da pesquisa *Representações sociais da violência na escola*, destacando as dimensões da objetivação e dos sentidos simbólicos (CRUZ; MACIEL, 2018).

Dentre as pesquisas atuais divulgadas sobre gênero e sexualidade, o trabalho de Silva; e Aléssio (2019) se dedicou à investigação de comentários em publicações no Facebook da página *Quebrando o Tabu*, a fim de analisar as diferentes formas de expressões da homofobia. Ainda, no campo das pesquisas sobre a velhice como fase do desenvolvimento, difundiu-se a pesquisa de Andrade (2018), também convidada no mesmo mês, acerca da representação social sobre

velho/velhice em crianças. Tal divulgação de produções científicas durante um ano do programa *Pesquisas Atuais* foi um importante movimento para incentivar o aprofundamento em diversas temáticas, incluindo a ciência psicológica no cotidiano das redes sociais.

Um ano de *Caiu nas redes, é interação social!*: o que aprendemos

Na equipe, buscou-se a criação de um espaço seguro de aprendizagem, considerando a individualidade de cada participante. Neste sentido, a equipe se colocou à disposição para apoiar uns aos outros na resolução de dúvidas e dificuldades. No que se refere às estratégias, foram utilizadas as seguintes: organização de reuniões para recebimento de novos integrantes; divisão de tarefas; capacitação em ferramentas específicas; e trocas de experiências.

Outra característica que merece ser destacada foi a iniciativa de propor aos (às) integrantes da equipe que se arriscassem em tarefas diferentes, experimentando múltiplas etapas do processo de produção e organização do conteúdo. Além disso, foi realizada uma organização em duplas ou pequenos grupos dentro da equipe para que os próprios integrantes praticassem atividades específicas. É válido ressaltar, ainda, o contato com as pesquisas, trajetórias e contribuições dos(as) convidados(as), que interagiram ativamente com as equipes, ampliando não apenas os conhecimentos,

mas também promovendo interações para além dos(as) participantes das equipes.

Durante o desenvolvimento do projeto, os(as) integrantes compartilharam múltiplos conhecimentos que trouxeram de suas trajetórias diversas. Pode-se citar, como exemplos, discentes com formação em Administração, com experiência prévia no uso da plataforma Instagram e com formação em Psicologia, o que auxiliou na construção de textos mais adequados para a rede social. As diversas formações da equipe corroboram para a diretriz de interdisciplinaridade tão cara às ações de extensão. As pesquisas desenvolvidas atualmente pelos(as) componentes do Labint aparecem como tema central do programa, sendo difundidas por meio de conteúdos produzidos pelos(as) próprios(as) pesquisadores(as), que, de forma didática, explicitam seus processos de aproximação, elaboração e desenvolvimento do tema. A difusão de informações e pesquisas encontradas na plataforma Lattes e Attena (repositório digital da UFPE), realizada pelo programa *Pesquisas Atuais*, busca contribuir com a visibilização e com o reconhecimento dos(as) pesquisadores(as).

É de interesse da equipe pensar a linguagem e o formato adequados para circularem em diferentes públicos, espaços e situações como empreendimento de um projeto político de difusão do conhecimento científico. Buscou-se, desde o início, promover uma introdução ao tema do mês de forma acessível, integrando estratégias de acessibilidade (a exemplo de legendas) e fomentando um espaço de troca

com o público (a exemplo das curtidas, dos comentários e do *chat* privado).

Através desse projeto, é possível uma maior compreensão do que são e como se fazem investigações na área de Ciências Humanas, bem como o que se faz em um laboratório de pesquisa. Além disso, especificamente no programa *Pesquisas Atuais*, múltiplos temas, abordagens teóricas e ferramentas metodológicas são apresentadas pelos convidados, ressaltando a pluralidade e diversidade das abordagens. Assim, almejou-se inspirar e engajar pessoas da comunidade, tanto científica como civil, com o mundo da produção científica relacionado ao cotidiano. Outros pontos de grande importância se referem à aproximação do(a) pesquisador(a) com o tema, situando a ciência como uma construção localizada e imbricada na sua história. Ademais, são colocadas a relevância social dos estudos, contribuindo com a visualização dos impactos sociais das pesquisas em Ciências Humanas.

No ambiente virtual, a difusão alcança outros estados e países, inclusive contando com a participação de cientistas que atualmente desenvolvem pesquisas em outros lugares do mundo e fizeram passagem pela Universidade Federal de Pernambuco. A partir desse quesito, é divulgado também o primor com o qual é realizado o trabalho das docentes da universidade, que, em conjunto com os(as) discentes, contribuem fortemente para o desenvolvimento pessoal e profissional destes(as). O contato com as pessoas e suas respectivas trajetórias profissionais tem impacto nos seguidores do

perfil do Instagram. Além disso, inspira os estudantes que protagonizam o *Pesquisas Atuais*, que, durante a pandemia, sentiram necessidade de nutrir suas motivações e engajamento com as atividades da universidade.

O grupo projeta que, a longo prazo, a ciência consiga chegar a lugares já conhecidos, mas também, principalmente, a lugares inimagináveis, despertando a atenção da população para esse ofício e motivando-a para, mais do que apoiar a pesquisa, engajar-se com ela.

Desafios e possibilidades futuras

Inicialmente, apresentaram-se como desafios para a equipe do projeto a idealização do formato, a identificação do público-alvo, a construção da identidade visual e a adaptação à plataforma Instagram. À medida que esse formato foi sendo consolidado, foram criadas tarefas específicas para cada programa, a depender do seu objetivo.

Percebeu-se que alguns(mas) participantes tinham mais facilidade em determinadas atividades e maior dificuldade em outras, gerando a percepção da importância das trocas entre integrantes de cada grupo e entre os grupos. Essa foi uma das resoluções para o desafio encontrado na divisão e realização de tarefas. Atualmente, três desafios principais estão sendo travados: 1) o processo de entrar em contato com convidados(as) e receber o material para ser editado e aprimorado; 2) a gestão do tempo do grupo para realizar as

atividades e articular ideias durante a criação de conteúdo; e 3) a apresentação dos temas de forma didática e criativa, tanto textual como graficamente.

Vale ressaltar, ainda, que os desafios promoveram múltiplos processos de aprendizagem. Para além do uso de ferramentas e processos técnicos, destacamos o aprimoramento da gestão e comunicação do grupo internamente, bem como o diálogo com o público.

Pela similaridade entre os programas *Pesquisas Atuais* e *Labint Convida*, tem sido estudada a fusão dos dois grupos, para otimizar o trabalho e partilhar diferentes aprendizados encontrados na vivência de cada um. Com a entrada de novos membros dentro do projeto e a evolução das trocas de conhecimento, foram propostas formações com o objetivo de que mais integrantes adquirissem habilidades com ferramentas de edição de imagem, vídeo e texto, entre outras.

Há também possibilidades de crescimento para o programa em prol da inovação na apresentação dos conteúdos, como a utilização mais frequente de outros formatos disponibilizados pelo Instagram, como as histórias, os *reels* e as *lives*. Além disso, o formato de *podcast* está crescendo no universo do entretenimento e é também um antigo desejo do grupo levar os conteúdos criados para plataformas de áudio como o Spotify e o Deezer. Ainda, a alternância de integrantes dentro do projeto é um grande potencializador para o projeto e para as pessoas, pois a troca de experiência e conhecimento é potencializada.

Considerando que os programas organizam conteúdos produzidos também pelos(as) convidados(as), o vínculo prévio é um elemento de grande importância para o projeto. A passagem pelo Labint e a relação com colegas e professoras promovem um ar intimista, que também caracteriza o projeto de extensão.

Referências

- ANDRADE, D. A. *Ontogênese da representação social sobre velho/velhice em crianças: constituindo e diferenciando o “nós” e o “eles”*. Tese (Doutorado em Psicologia com área de concentração em Processos Sociointerativos e Desenvolvimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- CRUZ, F. M. L., MACIEL, M. A. ‘Excluir’, ‘Xingar’, ‘Bater’: sentidos de violência na escola segundo estudantes da Paraíba. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 291–300, 2018.
- SILVA, L. B. da; ALÉSSIO, R. L. dos S. Redes de ódio: A homofobia no Facebook. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 7-27, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2019.43004>. Acesso em: 30 maio 2022.

4

Labint Convida

*Divulgando conhecimento
através de interação*

Bruna Soares Monteiro | Clara Baltar Freire Furtado

Edivan Gonçalves da Silva Júnior | Maria Luísa Fonsêca dos Anjos

Rebeca Noberto Correia | Rodrigo Pinto Brasil

Conhecendo o programa

O *Labint Convida*, programa que integra a segunda semana do mês do projeto de extensão *Caiu nas redes, é interação social!*, foi pensado como um espaço dedicado à promoção de troca e diálogo entre os membros do Laboratório de Interação Social Humana (Labint) e pesquisadores da área das Ciências Humanas, mais especificamente aqueles com temas pertinentes à Psicologia. O principal objetivo do programa é possibilitar reflexões acerca das temáticas trazidas pelos(as) convidados(as), fomentando a difusão científica através da divulgação dos conteúdos de forma acessível ao público em geral. Para tanto, as temáticas escolhidas correspondem a

temáticas relevantes para a sociedade, não se restringindo apenas a sujeitos com conhecimentos teóricos prévios da área de Psicologia.

Dentre outros objetivos, destaca-se a interação com diferentes profissionais, oportunizando a criação de uma rede de contatos que envolve a participação dos(as) estudantes de graduação, pós-graduação, pesquisadores(as) convidados(as) e o público. Para garantir tais objetivos, faz-se necessário o engajamento nas redes sociais, para além de números e curtidas, pensando primordialmente nos canais de comunicação construídos e no retorno direto de quem tem acesso ao conteúdo produzido.

O programa consiste na publicação de uma entrevista mensal em formato de vídeo do IGTV, ferramenta disponível pela plataforma Instagram, acerca da temática escolhida. A partir das discussões presentes na entrevista são produzidos, também, outros estilos de postagem para a mesma plataforma, como postagens em carrossel com alguns trechos, indicações literárias e audiovisuais e interação nos *stories*. Uma preocupação constante da equipe responsável é a acessibilidade nos vídeos, de modo que eles são legendados com o objetivo de maximizar a inclusão.

Seguindo a identidade visual original do laboratório, o programa busca manter seus elementos centrais, como as cores e símbolos que remetem à fluidez presente no logotipo oficial do projeto. Alinhado a essas características, foi construído um logotipo próprio do programa, que traz como

elemento principal um microfone, objeto que representa o formato utilizado para as trocas, a entrevista. A figura do microfone surge para dar destaque ao(à) convidado(a) da semana, que traz consigo todo seu percurso de construção acerca da temática, tanto em relação a sua trajetória pessoal, como acadêmica. A fonte oficial utilizada nas postagens não possui serifa, sendo este um dificultador da visualização e leitura para pessoas com deficiência visual.

FIGURA 1. Imagem ilustrativa da identidade visual do programa e dos logotipos do projeto *Caiu nas redes, é interação social!*, do *LabInt Convida* e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE



Fonte: Os autores (2020).

O projeto compreende um conjunto de pessoas que constroem conteúdos a serem compartilhados, pensando sempre na possibilidade de interação. É de interesse do programa reconhecer e celebrar as mudanças e transformações proporcionadas pelas trocas com os diferentes sujeitos que o compõem e o conhecem. Por isso, a cada mês, com a mudança de temática e convidado, o programa se reinventa, trazendo novas informações e possibilidades através de interações sociais.

Dinâmica do programa

Levando em consideração a proposta do programa, construiu-se ao longo do ano uma dinâmica colaborativa e cooperativa, que possibilitasse tanto uma melhor gestão do tempo e divisão de tarefas quanto a ampliação do processo ensino-aprendizagem. Dessa maneira, cada etapa de produção e divulgação do conteúdo foi estruturada empiricamente a partir das demandas que espontaneamente foram surgindo. Nesse sentido, construímos um quadro que trouxesse de forma descritiva todos os passos do feitiço do programa. Os processos de entrada se referem às etapas de coleta do material que utilizaremos no respectivo mês, enquanto os processos de saída partem da edição do vídeo da entrevista e seguem até as divulgações posteriores à postagem.

QUADRO 1. Processos de entrada e saída do *Labint Convida*

PROCESSOS DE ENTRADA	
Processos	Descrição da atividade
Seleção do tema e convidados(as) do mês	Durante a reunião do macrogrupo, com todos os integrantes do <i>Caiu nas redes, é interação social!</i> , selecionamos o tema do mês e fazemos o levantamento de possíveis convidados(as). O critério de escolha tanto pode ser espontâneo, com livres sugestões dos membros, quanto pode advir de datas comemorativas ou temáticas pré-determinadas.
Divisão de tarefas	O grupo realiza uma reunião interna na qual organiza as atividades necessárias para realização do programa, dividindo-as por interesse, aptidão ou por gestão de tempo. Na mesma reunião, são estabelecidos os prazos e objetivos para o mês.
Elaboração de perguntas para entrevista	Esta etapa se divide em dois momentos: primeiramente, é feita uma pesquisa prévia acerca dos principais tópicos trabalhados pelo(a) convidado(a), principalmente através do currículo Lattes; posteriormente, a equipe decide quais aspectos abordar nas entrevistas e elabora questões que possam nortear o diálogo.
Contato com convidado(a)	É feita a redação do texto de convite, que passa pela aprovação do grupo antes de ser enviado e que, geralmente, é elaborado pelo(a) mesmo(a) integrante responsável pela condução da entrevista. No texto, é importante repassarmos informações sobre o projeto, sobre o programa e sobre a proposta de divulgação de uma entrevista de vídeo gravada. Além disso, repassamos previamente as perguntas norteadoras, marcamos a data e o horário da realização da entrevista e enviamos algumas orientações para melhor aproveitamento da gravação e áudio.
Realização da entrevista	Confirmamos, então, com o(a) convidado(a) a presença e o horário e, cerca de 15 minutos antes, geramos o <i>link</i> de chamada de vídeo através do Google Meet. O(a) integrante responsável, então, media a entrevista, conduzindo as perguntas ►

PROCESSOS DE ENTRADA	
Processos	Descrição da atividade
Realização da entrevista	► e promovendo o diálogo com o que for dito. A videochamada é gravada com autorização do(a) convidado(a).
Edição de vídeo	Ajustamos os vídeos (cortar partes; aumentar ou diminuir volume; adequar elementos da imagem como luz, contraste, formato, ordem das falas e dos vídeos de acordo com perguntas direcionadoras), fazemos os últimos aprimoramentos (adicionar capa; legendar o vídeo; corrigir possíveis erros de sincronização) e, por fim, fazemos <i>upload</i> do vídeo no Google Drive do programa.
Edição de artes gráficas	Criamos o <i>link</i> do Canva referente ao novo mês; definimos o tipo da postagem (apresentação da temática do mês; conteúdo sobre tema; divulgação de trabalhos escritos; indicação de livros por parte do(a) convidado(a) etc.); inserimos informações novas nas artes padronizadas e demais elementos condizentes com o tema. Por fim, é feita uma revisão com o grupo todo.
Redigir textos das legendas das postagens	Redigimos textos que condigam com os tipos de postagem escolhidos pelo grupo, de forma que apresentem o tema a ser trabalhado e as demais questões que possam ter surgido através da entrevista.
Edição do Linktree	Ao possuímos os <i>links</i> de acesso aos trabalhos escritos, abrimos o site de administração do Linktree e substituímos os <i>links</i> e títulos do mês anterior pelos novos.
Revisão dos conteúdos	Revisamos os conteúdos antes das postagens e corrigimos possíveis erros.
Postagem dos conteúdos	Baixamos os conteúdos pelo Google Drive, copiamos textos das legendas e fazemos um rascunho da postagem pelo Instagram. Postamos em um horário entre 18h e 21h e compartilhamos a postagem nos stories.

Fonte: Os autores (2023).

Trajetória do programa

Como previamente exposto, o *Labint Convida* propõe um diálogo aberto com diversos temas da Psicologia – acadêmica e/ou aplicada. Para conseguirmos, contamos com diversos(as) convidados(as) que, além de se colocarem à disposição para contribuir com o projeto, foram participantes ativos(as) no nosso processo de criação e trabalho. De modo a dar uma dimensão gráfica ao que produzimos e como uma forma de agradecermos e homenagearmos todos(as) que aceitaram o desafio e construíram conosco, estruturamos uma linha do tempo com todas as temáticas abordadas por cada convidado(a).

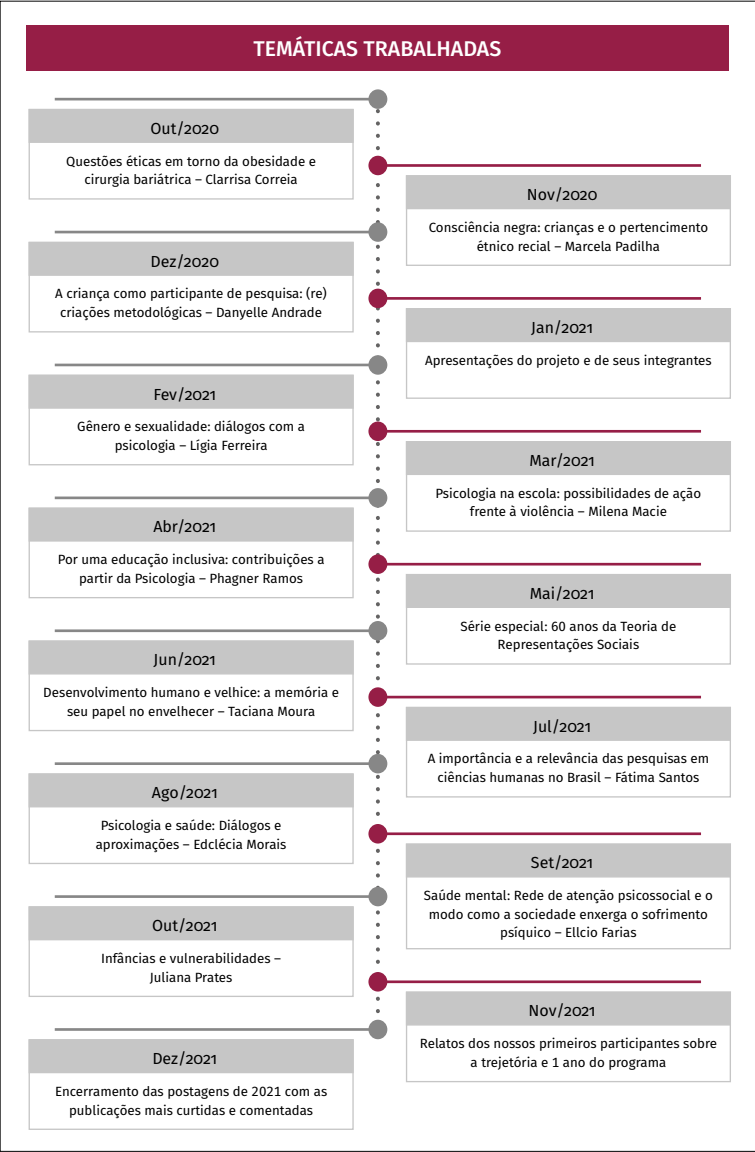
A escolha dos(as) convidados(as), de maneira geral, foi feita com base em suas temáticas de pesquisa, de modo que pudessem articular suas práticas profissionais e acadêmicas com essa proposta menos formal de difusão do conhecimento. Nossa primeira convidada da linha do tempo, por exemplo, foi a Doutora Clarissa Correia, que trouxe, a partir de sua produção científica, contribuições acerca da obesidade e da cirurgia bariátrica de modo a ultrapassar os aspectos da saúde e do corpo e a entender o fenômeno enquanto multifatorial e socialmente localizado (CORREIA, 2020). Um processo semelhante de associação foi feito com os(as) demais colaboradores(as).

Na publicação comemorativa de final de ano, foi possível realizar um apanhado das postagens com maior engajamento

do programa com base nos filtros de maior número de comentários, maior número de visualizações, maior número de curtidas e, por fim, a postagem que foi mais votada para a categoria de “a queridinha do público”. Entre as categorias, tanto a entrevista mais comentada quanto a postagem mais curtida foram voltadas não a uma temática específica de pesquisa, mas sim à reflexão acerca do papel, da importância e da relevância das Ciências Humanas na produção científica. Em ambas as publicações tivemos como convidada a Professora Doutora Fátima Santos, docente aposentada do Departamento de Psicologia da UFPE.

Quando trouxemos temáticas mais específicas e mais voltadas à produção acadêmica dos(as) convidadas(as), tivemos como entrevista mais comentada a realizada com a Mestra Ligia Ribeiro, também integrante do projeto e autora do presente livro, que articulou sua temática de pesquisa com algumas percepções de gênero e sexualidade na Psicologia. Ao longo da entrevista, pudemos verificar um enfoque também na figura da *drag queen* enquanto associada a simbologias de arte, performance e liberdade e, ao mesmo tempo, aos sentimentos negativos atrelados à leitura social da vida adulta (FERREIRA; ALESSIO, 2020). A entrevista mais votada no Instagram como “a queridinha do público”, por sua vez, teve como participante o mestre Élcio Farias, que trouxe reflexões acerca da saúde mental, da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e do modo como a sociedade enxerga o sofrimento psíquico.

FIGURA 2. Temáticas trabalhadas no projeto *Caiu nas redes, é interação social!*



Fonte: Os autores (2023).

Para além das entrevistas, tivemos oportunidade, enquanto programa, de articularmos as temáticas trabalhadas com obras diversas recomendadas pelos(as) convidados(as). A Doutora Marcella Padilha, por exemplo, articulou sua fala acerca da *Consciência negra: crianças e o pertencimento étnico-racial* com a recomendação de leitura do livro *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* (CARONE; BENTO, 2017).

Desafios e possibilidades de futuro

Para a realização das atividades do *Labint Convida*, inicialmente, contamos com o desafio de conseguir manejar adequadamente as ferramentas de produção e de edição de vídeo e de imagem. As primeiras gravações e edições foram antecedidas por uma formação prévia da equipe extensionista e, para isso, contamos com a colaboração de colegas com mais experiência no uso dessas ferramentas. Como resultado disso, tivemos excelentes espaços de troca e de colaboração para que conseguíssemos realizar a contento as nossas atividades.

As entrevistas eram sempre combinadas com antecedência junto aos(às) convidados(as), porém nem sempre conseguimos manter a agenda proposta. Aprendemos com esse período de pandemia que o tempo ganhou dimensões cada vez mais fluidas e a imprevisibilidade dos eventos – advindos principalmente do contexto de adoecimento

pela Covid-19 – traziam a necessidade de replanejamento das nossas datas e das nossas funções. Nesse sentido, nossa proposta também foi a de acolher cada membro da equipe e cada convidado(a) para que conseguíssemos fazer dos nossos encontros um espaço caloroso de empatia e de apoio mútuo. Conversávamos sobre os temas escolhidos para cada entrevista, assim como pudemos escutar um pouco da rotina de cada um(a) (convidados(as) e extensionistas), discutindo sobre perspectivas futuras e também sobre o que significava esse nosso espaço de encontro.

Também fomos desafiados a traçar um perfil de publicações que tivesse uma boa receptividade no contexto do Instagram. Portanto, partimos da compreensão e do cuidado de que não era suficiente apenas apresentarmos temas relevantes para nós que integramos o Labint. Nossas postagens precisavam ser acessíveis para diferentes públicos e também deveriam despertar o interesse das pessoas para que elas realmente pudessem aproveitar os conteúdos compartilhados. Durante as nossas propostas, para obtermos o maior engajamento possível, estudamos maneiras de tornar nossas postagens mais dinâmicas, com conteúdos atuais e interativos. Os(as) nossos(as) convidados(as), por sua vez, eram estimulados(as) a discutir os temas de forma mais abrangente, o que não foi difícil de ser realizado, já que contavam com bastante experiência nas discussões que abordamos.

Além dos desafios durante a criação, organização, e manutenção das atividades realizadas pelo programa, vislum-

bramos também horizontes de futuro frente ao crescente alcance de sua implementação. O acesso ao conhecimento científico pelas redes sociais já é uma realidade cada vez mais presente, tanto na formação daqueles(as) que passam pelo programa quanto para o público que interage e consome o conteúdo na internet.

Neste sentido, o *Labint Convida* visa acrescentar ainda mais a sua produção de conteúdo, promovendo a difusão científica através da utilização mais frequente de outras ferramentas do Instagram, como os *reels* e as *lives*, assim como a expansão de sua comunicação multiplataforma para as *lives* com a manutenção do canal via Youtube, proporcionando um link entre o público destas duas plataformas.

Devido à proximidade entre os programas *Pesquisas Atuais* e o *Labint Convida*, cogita-se, ainda, a possibilidade de uma fusão entre os programas, objetivando otimizar os processos de organização, criação de conteúdo e expandir o trabalho para outros formatos, como o de *podcast*, por exemplo. Diante destas possibilidades, o programa propõe continuar com o modelo de rotatividade de seus participantes, em que diferentes membros com diferentes especialidades e áreas de formação dentro da Psicologia contribuem por algum tempo de forma democrática e criativa, proporcionando uma rica e diversa troca de experiências e conhecimentos. A manutenção deste modelo rotativo de seus membros é uma marca importante para construção do futuro do programa, já que boa parte de seus convidados tiveram vínculos prévios

junto ao trabalho com pesquisa no Labint e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPsí) da UFPE.

O programa visa, ainda, aprimorar sua identidade visual, assim como se apropriar das ferramentas disponíveis no Instagram para medir, supervisionar e otimizar seu alcance, almejando levar o conhecimento e o fazer científico para além daqueles que o produzem e criar espaços e propostas cada vez mais interativas com o público.

Escrito por colegas que convidamos para contribuir com a difusão de saberes das Ciências Humanas, o capítulo seguinte ilustra com mais especificidade um dos conteúdos que abordamos ao longo desse primeiro ano do projeto de extensão.

Referências

CARONE, I.; BENTO, M. A. S. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2017.

CORREIA, C. C. G. *Obesidade, práticas e sistemas de representações sociais*. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) – Curso de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

FERREIRA, L. R.; ALÉSSIO, R. L. dos S. A Experiência Drag Queen como Transição na Vida Adulta. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 813-834, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2020.54351>. Acesso em: 30 maio 2022.

5

“Stalkeando”¹ # no Instagram

*O que rola na rede social
sobre infâncias e tecnologias?*

Viviane de Bona | Virgínia Renata Vilar da Silva

Danyelle Almeida de Andrade | Ellen Damonys Pereira da Silva

Victoria Hellen Teles Pereira Lopes

Breve spoiler² do texto

As redes sociais ocupam, na contemporaneidade, espaço privilegiado no que concerne à veiculação de informações, trocas de saberes, conhecimentos e experiências. O Instagram, por exemplo, conta atualmente com mais de um bilhão de usuários ativos, sendo considerada a rede social com maior

-
- ¹ O termo está associado à ação de “stalkear”, derivada do inglês *stalker*, que significa perseguidor(a). Tem o sentido de “perseguir” ou “espionar” algo ou alguém na internet, buscando suas atividades e informações associadas.
 - ² Significa a revelação antecipada de informações importantes sobre um conteúdo inédito.

engajamento, tendo, inclusive, superado o próprio Facebook (MERCANTIL, 2020).

É justamente a partir dessa ferramenta massiva de mídia, interação, comunicação e trocas sociais que centramos nossa pesquisa. Tivemos a intenção de analisar de que forma vêm sendo apresentadas as relações entre infâncias e tecnologias em um contexto cada vez mais acentuado de uso tecnológico, que se intensificou em função da pandemia da Covid-19.

Para tanto, essa investigação busca compreender o que vem sendo compartilhado nas redes sociais sobre a temática *infância*, envolvendo o uso das tecnologias pelas crianças. Assim, questionamos quais conteúdos estão sendo produzidos e disseminados, uma vez que temos em mente o caráter não universal das infâncias, visto que as diferentes culturas criam e recriam diversos olhares acerca das crianças. É bastante comum o uso da expressão ‘caiu na rede’, nas comunidades virtuais, para designar algo que está disponível na internet. Em outras palavras, representa o que está ao alcance de todos(as) aqueles(as) que conseguem ter acesso a um dispositivo de mídia que navegue na internet. Assim, chamamos a atenção para a abrangência do conteúdo postado nas redes sociais, em especial, em plataformas de alta visibilidade, como o Instagram.

Os conteúdos publicados e compartilhados em páginas de acesso elevado, tais quais o Instagram, tendem a possuir uma vasta abrangência. Entendemos que esses conteúdos

tanto evidenciam as representações sociais que circulam em torno dos objetos sociais – foco das postagens – quanto também influenciam na comunicação e formação dessas representações. As representações sociais (RS) são entendidas como um conjunto de imagens, opiniões e crenças, ou, como denominado por Moscovici (2007), “teorias do senso comum” que formam o conhecimento cotidiano orientando as práticas sociais.

O conhecimento estudado pela Teoria das Representações Sociais é um conhecimento elaborado e compartilhado que ajuda a apreender os acontecimentos da vida cotidiana; a dominar o ambiente, a facilitar a comunicação de fatos e ideias e a situar informações frente a pessoas e grupos, orientando e justificando os comportamentos dos sujeitos. Por isso, neste estudo, tivemos como objetivo identificar aquilo que foi produzido e compartilhado concernente à infância e tecnologia no Instagram.

Para “stalkear” essa rede social definimos alguns critérios de buscas por *hashtags*³ que foram marcadas para a temática e analisamos o que comunicavam essas postagens, visto ser esse um campo de interações sociais que, por vezes, promove o acesso ao conhecimento compartilhado no senso comum.

3 Bastante comum entre usuários de redes sociais, essa expressão está relacionada ao uso de palavras-chave antecedidas pelo símbolo #. É utilizada para relacionar publicações e postagens sobre o mesmo tema.

O *match*⁴ entre a rede social Instagram e as Representações Sociais

Criado em 6 de outubro de 2010 por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, o Instagram foi desenvolvido inicialmente para possibilitar um resgate à nostálgica sensação do registro instantâneo fotográfico, que havia sido extremamente popular no tempo das máquinas polaroides (PIZA, 2012). Pouco tempo depois, a plataforma foi tomando outros formatos, o que chamou atenção de Mark Zuckerberg (proprietário do Facebook), que adquiriu a ferramenta e realizou aprimoramentos.

A rede social Instagram está disponível gratuitamente na internet. Para se inserir na plataforma, são necessários um dispositivo de mídia equivalente a um *smartphone*, *tablet* ou computador e acesso à internet. O aplicativo vem sendo explorado cada vez mais por desenvolvedores e usuários. Seu formato mantém o recurso fotográfico instantâneo, marca original de sua criação, entretanto foram agregadas à plataforma diversas outras funcionalidades, sem perder sua característica inicial. Para Santos; Silva; e Santos (2016), o Instagram perpassa muitas outras dimensões, deixando de ser apenas um sistema de compartilhamento de fotos instantâneo e atualização pessoal.

4 Essa palavra possui várias traduções do inglês, sendo uma delas “combinar”. É um termo bastante utilizado na internet, em especial em sites e aplicativos de relacionamento, para expressar uma combinação e formar um bom par entre pessoas ou coisas.

Outro aspecto interessante do aplicativo é que nos chama atenção é seu potencial informacional. Na atualidade, um grande volume de instituições, sejam elas públicas ou privadas, pessoas físicas ou jurídicas, possuem conta no Instagram, tornando a plataforma uma vasta rede de acesso à informação e ao conhecimento, em que se partilham cursos, formações, saberes, informações, conhecimentos, curiosidades e até mesmos serviços são prestados por meio da rede. Nessa seara, a própria criação de conteúdo digital se tornou, inclusive, uma ocupação profissional (MARIANO *et al.*, 2017).

A ferramenta registrou um expressivo aumento de atividade nos últimos anos, tendo como um dos principais fatores de seu crescimento a potencialização do acesso à internet desencadeada pela pandemia da Covid-19. Isso porque a plataforma engloba diversas funções, das quais podemos citar: entretenimento, comércio, informações, notícias, vídeos, comunicação síncrona e assíncrona, *lives* e *chats*. Pelo intenso índice de acesso, o ano de 2021 demarcou diversos acréscimos na usabilidade da rede social, apresentando ferramentas como *posts* colaborativos, agendamento de *lives* e músicas em publicações do *feed* (ACHILES, 2021).

Em outras palavras, a rede social cerca uma infinidade de possibilidades alicerçadas na comunicação e na interação entre os mais diversos conjuntos sociais, despertando, assim, nossa inquietação acerca de como vêm sendo partilhados saberes e informações sobre as crianças e sua interação com

as tecnologias digitais, fortemente acentuada no contexto da pandemia da Covid-19.

Ramos; e Martins (2018) destacam a fluidez do Instagram frente às interações sociais. Para as autoras, por meio da plataforma, “as relações sociais e culturais são reorganizadas, reformulando contextos” (RAMOS; MARTINS, 2018, p. 117). Nesse pensar, por se configurar como um espaço de trocas de conhecimento, interação e saberes sociais, o Instagram se destaca dentre as redes sociais como um vasto campo para investigações e análise do comportamento humano (PIZA, 2012), visto que, “pela rede, torna-se viável a identificação rápida e eficiente das pessoas que partilham os mesmos interesses, por meio das chamadas *comunidades*” (MENDES, 2009, p. 4, grifos do autor).

Acreditamos que as redes sociais se tornaram um profícuo espaço de comunicação e trocas de conhecimento e, neste capítulo, em especial, focaremos a rede social Instagram que completou uma década no ano de 2020, período durante o qual se destacou pelo exponencial crescimento de 31,2% acima da então maior rede social existente, Facebook (MERCANTIL, 2020).

Assim, ao considerarmos o espaço supracitado um amplo local de interações sociais que, por vezes, promove o acesso ao conhecimento compartilhado no senso comum, estamos considerando que nele se forjam representações sociais. Moscovici (1995) afirma que o uso da mídia eletrônica permite abordar de um ângulo diferente a gênese das representações

sociais, pois oferece a possibilidade de deslocamentos e a combinação de diferentes elementos físicos e mentais que entram na sua composição.

Para Moliner; Rateau; e Cohen-Scali (2002), uma representação social se apresenta concretamente como um conjunto de elementos cognitivos (opiniões, informações, crenças) relativos a um objeto social. As características desse conjunto de elementos são: ser organizado; ser compartilhado pelos indivíduos de um mesmo grupo; ser coletivamente produzido no processo global das comunicações; e ser socialmente útil, pois além de auxiliar na compreensão e interpretação da realidade, esse conjunto também intervém nas interações grupais. De acordo com Abric (1994, p. 13), “a representação é um guia para a ação, ela orienta as ações e as relações sociais”.

Jodelet (2001) afirma que devem ser considerados os elementos afetivos, mentais e sociais que integram as representações sociais, que, além de se constituírem a partir das percepções da realidade (veiculadas pela interação e comunicação social), também influem na constituição do real, na medida em que as percepções se consubstanciam em ideias, expressas em conceitos e imagens, que orientam comportamentos, comunicações e relações humanas e sociais. Portanto, a comunicação é considerada modeladora das representações; é ela quem organiza as condutas sociais (MOSCOVICI, 2007; JODELET, 2001). Assim, a comunicação e a representação social podem ser consideradas inseparáveis,

interdependentes. A comunicação oferece um código para nomear e classificar as partes de seu mundo, de sua história individual e coletiva; e as representações sociais regulam uma dinâmica social na qual convergências e conflitos atuam num movimento que opera a mudança social.

Congregamos a Teoria das Representações Sociais ao aporte teórico conceitual desta pesquisa, visto que a teoria se debruça na compreensão de fenômenos de representação, desencadeados a partir da transposição do saber científico para um saber socialmente partilhado, compreensível no âmbito das relações e das comunicações sociais (ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2000).

Exposed⁵: revelações sobre as infâncias e o uso de tecnologias

A infância é resultado de uma construção social estabelecida por meio da cultura e dos movimentos que a sociedade produz. De acordo com Ariès (2006), a ideia da infância como um período peculiar das nossas vidas não é um sentimento natural ou inerente à condição humana, mas sim uma construção. A delimitação desta etapa da vida surgiu com o intuito de proteger as crianças e, neste sentido, elas devem ser amparadas pelos adultos para se desenvolverem. A infância foi então demarcada como um momento inicial do

5 Termo também derivado do inglês, que quer dizer “expor/exposto”, na internet assume o sentido de revelação de algo.

desenvolvimento humano, momento cronológico dos primeiros anos de vida que antecede a puberdade, caracterizada por diversas especificidades. Em vista disso, possivelmente ao se falar em infância, ainda pode predominar um modelo abstrato e universal de criança associado à dependência e à fragilidade. Porém, tal referência está sendo problematizada a partir de pesquisas, sobretudo nos campos da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia e da Educação, de modo que o esforço empreendido é considerado um trabalho de natureza interdisciplinar (BONA; COSTA; SILVA, 2018).

Ao problematizar esse pensamento social em torno das infâncias na perspectiva da Sociologia da Infância, busca-se ampliar uma compreensão que propõe considerar a criança não mais como um ser passivo, mas como um sujeito histórico e de direitos que produz conhecimentos que são peculiares ao espaço cultural no qual habita. Portanto, deve ser reconhecida como alguém que também atribui sentido e ressignifica o contexto, uma vez que a partir de suas vivências, são caracterizadas diversas formas de viver esse tempo, que não se iguala em diferentes realidades.

Enquanto sujeitos históricos, as crianças e, consequentemente, as infâncias são atravessadas pelas transformações de seu contexto. Na atualidade, os recursos tecnológicos representam uma grande ruptura com as gerações anteriores, seja por estarem presentes nos mais diversos espaços do cotidiano, seja por provocarem impactos e transformações nas várias dimensões da vida dos sujeitos. Dentre as

possibilidades que a tecnologia pode oferecer à sociedade, a diversidade de recursos oriundos das tecnologias digitais de informação e comunicação, que estão disponíveis para o público em geral, afetam diretamente as infâncias, visto que podem alterar as formas de se relacionar e interagir, oferecendo, ainda, oportunidades de lazer e entretenimento que podem substituir as formas mais corriqueiras no dia a dia. Isso demonstra novos desafios que levam estudiosos, profissionais e famílias ao caminho de reflexão e ressignificação para compreensão dos reflexos das tecnologias na vida em sociedade e no desenvolvimento infantil.

Nessa perspectiva, há nuances que cercam o campo do uso de tecnologias pelas crianças. Um aspecto inerente ao pensamento atual no que se refere à infância está atrelada ao intenso contato que as crianças possuem com artefatos tecnológicos e seus riscos. A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) produziu, no ano de 2016, o primeiro documento sobre saúde de crianças e adolescentes na era digital (SBP, 2016) a respeito das demandas das tecnologias da informação e comunicação (TICS), o qual anuncia riscos e abusos do uso das tecnologias pelo público infantil, lançando mão de preocupações sobre o seu desenvolvimento e sua saúde, tanto física quanto mental, em função dessa aproximação entre os aparatos tecnológicos e as infâncias.

Ao mesmo tempo, vêm se desenvolvendo pesquisas que buscam desvelar a importância e as diferentes formas de utilização das tecnologias no processo educacional em favor do

desenvolvimento infantil, como é o caso de Nunes *et al.* (2021, p. 11), com ênfase nas potencialidades do uso de dispositivos digitais que permitem acesso à literatura, ampliando “os repertórios de linguagens, o cultivo da imaginação, da abstração, da curiosidade e da criatividade”.

Os antagonismos presentes no âmbito social baseiam-se em dúvidas e inseguranças quanto à eficácia da tecnologia na aprendizagem e na vida, ainda mais quando, por vezes, ela é supervalorizada em detrimento do próprio desenvolvimento humano. Em função dessa realidade, “brotam perguntas que demonstram preocupação quanto ao horizonte a ser alcançado durante a construção dessa jornada social presente também na semiformação cultural, no imediatismo consumista e na dependência tecnológica [...]” (KOBOLT, 2020, p.10).

Outrossim, percebemos que os diferentes olhares fomentam uma dualidade nas discussões, direcionando-nos a buscar compreender o que se constrói e se partilha nas comunidades virtuais, especificamente por meio da plataforma Instagram, acerca das infâncias e tecnologias, sobretudo num contexto intensificado pela pandemia da Covid-19.

“Stalkeando” o Insta: critérios investigativos

No Brasil, as redes sociais passaram a despertar o interesse de pesquisadores(as) a partir da década de 1990 (AGUIAR, 2007), período que representou um marco importante na difusão das tecnologias digitais, pois o acesso a computadores e à

internet deixou gradativamente de ser uma exclusividade do meio corporativo e passou a integrar outros espaços sociais. Ainda a despeito das redes no campo científico, Mendes (2009, p. 1) acentua que “o poder comunicativo e a ampla tecnologia disponível na internet podem ser adaptados a métodos qualitativos de coleta e análise de dados”. No mesmo caminho, Flick (2008, p. 237) pondera que “a pesquisa qualitativa não escapa aos efeitos da revolução digital e tecnológica”.

A presente pesquisa foi realizada no Instagram entre os dias 15 e 31 de janeiro de 2022, contemplando, portanto, publicações compartilhadas até esta última data. Para a busca foram utilizadas algumas *hashtags* que articulavam as palavras “criança”, “infância” e “tecnologia”. Devido à diversidade de formas de utilizá-las em *hashtags*, foram feitos alguns arranjos entre essas palavras que envolviam a variação entre plural/singular e/ou o uso do conectivo “e”. Desta forma, o Quadro 1 apresenta as *hashtags* utilizadas e o quantitativo de publicações encontradas para cada uma delas:

QUADRO 1. *Hashtags* pesquisadas

<i>Hashtag</i>	Quantidade de publicações
#criançasetecnologia	903
#tecnologianainfancia	524
#criançaetecnologia	411
#criancaetecnologia	341
#infanciaetecnologia	324

Hashtag	Quantidade de publicações
#criancasetecnologia	304
#tecnologiaeinfancia	230
#infanciaetecnologia	58
#tecnologiainfancia	20
#criançasetecnologias	16
#tecnologiacrianças	14
#tecnologiaeinfância	11
#tecnologiasnainfancia	9
#tecnologiasaeinfancia	7
#criancasetecnologias	5
#tecnologiacrianças	4
#tecnologiassecrianças	4
#infânciasetecnologias	2
#infanciaetecnologias	2
#infanciatecnologia	2
#tecnologiacriança	2
#criançaetecnologias	1
#criancaetecnologias	1
#tecnologiasinfancias	0
#criancacomtecnologia	0

Fonte: Produção das autoras (2022).

Ao todo, foram encontradas 3.195 publicações. Contudo, para viabilizar a análise desse material, foram estabelecidos

alguns critérios de inclusão e exclusão no *corpus* de análise do presente estudo. Para serem incluídas, essas publicações deveriam ser originais (ou seja, elaboradas pelo próprio perfil) e oriundas de uma conta que detivesse um quantitativo de seguidores igual ou superior a 10.000. Esse foi considerado um importante critério, pois o número de seguidores é um indicativo do alcance que as contas podem ter no Instagram. Durante um longo período, a ferramenta ofereceu diferentes recursos balizada no indicador da quantidade de seguidores. Assim, a plataforma habilitava novas estratégias para os perfis com mais de 10 mil seguidores, que auxiliavam um maior engajamento da conta. Embora não seja mais um critério possuir esse volume de seguidores para ter acesso a determinadas funções, consideramos esse valor pertinente e o adotamos como filtro nesse estudo. Dessa forma, não foram consideradas postagens de perfis com número inferior de seguidores, bem como as postagens repetidas, sinalizadas como repostagens (#repost) de alguma outra conta.

Ao final da seleção, foram encontradas 284 publicações para compor o corpo de dados analisado. Foi construída uma tabela na qual foram coletadas informações referentes ao segmento do perfil (maternidade, profissionais de saúde, educação, organizações, dentre outros), quantidade de curtidas/visualizações e comentários da postagem, conteúdo da postagem e *hashtags* associadas. Durante a exploração desse material, ainda foram eliminadas 43 publicações por

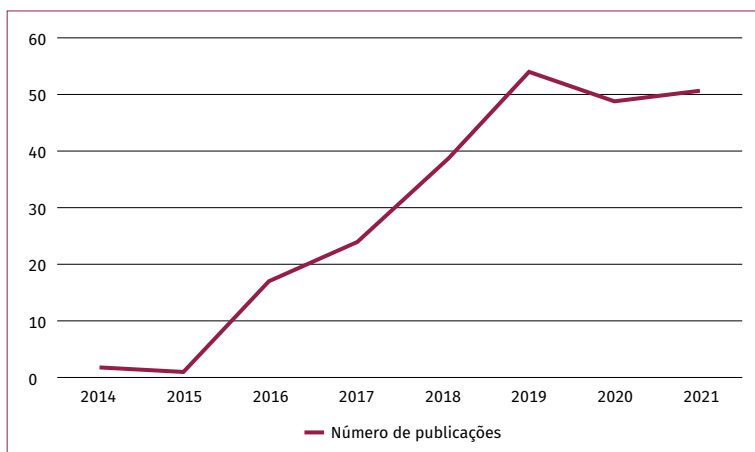
se tratarem de postagens duplicadas, sem a sinalização de #repost, ou ainda por não se referirem ao assunto da nossa pesquisa, embora ainda estivesse contida alguma das *hashtags* utilizadas. Finalizada a etapa de limpeza dos dados, o *corpus* de análise da presente pesquisa foi composto por 241 publicações, que tiveram as informações e o conteúdo organizados a partir da Análise Categrorial Temática (BARDIN, 2011), dando origem a cinco categorias temáticas que foram delimitadas a partir dos sentidos recorrentes nas publicações.

O que caiu na rede? Explorando as *hashtags*

No início da nossa análise, buscamos compreender como as postagens relacionadas às *hashtags* pesquisadas eram distribuídas no decorrer dos anos a partir da data em que surgiram. A Figura 1 representa a distribuição das publicações que se enquadravam nos critérios de inclusão, sendo a primeira datada de 2014. É preciso considerar que o Instagram surge em 2010 e que leva algum tempo para se popularizar entre o público brasileiro. De forma geral, percebe-se que o gráfico indica uma linha de crescimento no quantitativo de postagens, especialmente entre os anos 2016 e 2018, atingindo o seu ápice no ano de 2019, quando contabiliza um total de 54 publicações. Os anos seguintes mantêm números bem próximos: em 2020 foram encontradas 49 postagens, enquanto que em 2021 encontramos 51. Lembramos que o ano de 2022 não aparece no gráfico por se tratar do ano corrente

da pesquisa e por termos incluído somente as postagens do mês de janeiro, que já somavam 5.

FIGURA 1. Distribuição das postagens por ano



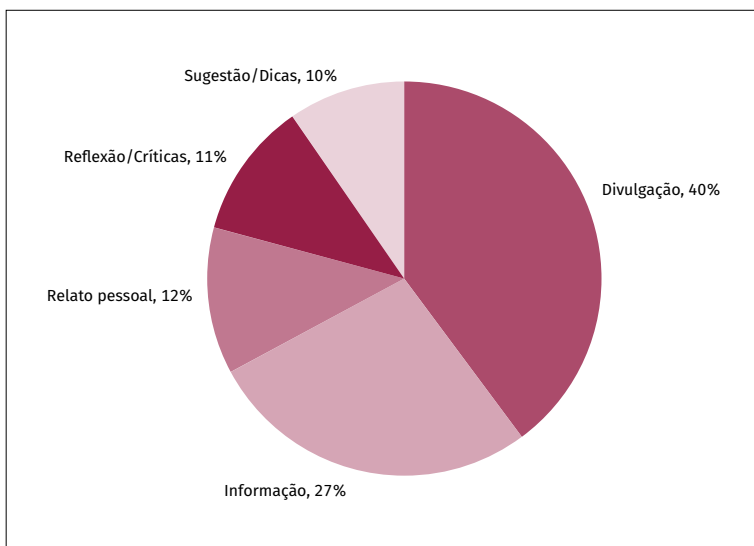
Fonte: Produção das autoras (2022).

Tomando por base a Análise Categorical Temática, realizamos a leitura de todas as postagens e as classificamos em função dos sentidos e temas que direcionavam aquelas publicações. Os agrupamentos foram realizados especificamente a partir do que o conteúdo apresentava. Chegamos então na composição de cinco categorias, a saber: Sugestões e Dicas; Reflexões e Críticas; Relato Pessoal; Informação; e Divulgação. A Figura 2 apresenta a composição e distribuição das 241 postagens nas cinco categorias.

Na Figura 2 vemos que a categoria *Divulgação* integrou a maioria do que foi disposto em nossa análise, contando com

96 postagens, o que corresponde a 40% do material de análise. Essa categoria foi instituída por publicações que divulgam vários canais que abordam o uso dos eletrônicos e das telas pelas crianças. Não tomamos com surpresa o fato dessa categoria agregar o maior número de elementos categorizados, visto que, nas redes sociais e no Instagram, é muito comum a realização de anúncios e campanhas publicitárias, além de contatos profissionais (RAMOS; MARTINS, 2018).

FIGURA 2. Categorias temáticas do corpus de análise



Fonte: Produção das autoras (2022).

As divulgações analisadas se dividem entre perfis de maternidade/paternidade; e instituições educacionais e médicas, como pediatria e psicologia. O segmento ‘maternidade/

paternidade’ condensa, em sua maioria, perfis de mulheres ou equipes, que possuem formações diversas ou que não informam suas formações e se dedicam a compartilhar experiências, relatos e informações sobre uma diversidade de temas que envolvem a educação e o desenvolvimento de crianças. As postagens reunidas nesta categoria foram publicadas entre agosto de 2016 e novembro de 2021.

Dentro desta categoria, 39% das publicações divulgavam eventos *on-line*, como simpósios, conferências, mesas redondas e festivais. As demais publicações se dividiam entre divulgações de materiais em outras plataformas, como blogs, programas de TV e Youtube.

Ainda foram percebidas publicações que divulgavam *lives* entre os anos de 2020 e 2021. Essas transmissões representam uma nova alternativa de comunicação que ganhou novas proporções com a pandemia da Covid-19. Grande parte dos textos das publicações tem como público-alvo as famílias que possuem crianças e adolescentes. Nesse sentido, os textos convidam mães, pais, avós e adultos que convivem no dia a dia com os menores. Os assuntos abordados nos eventos divulgados eram diversos e sempre possuíam o foco em contribuir para uma conscientização e reeducação dos responsáveis acerca do uso das telas pelas crianças, tratando de proteção de dados, direitos das crianças e adolescentes em ambientes digitais e conduzindo muitos bate-papos com especialistas abordando como proteger a infância e juventude dos riscos e perigos no mundo digital.

Em relação aos conteúdos das *lives* divulgadas, percebe-se que estavam divididos entre “como aproveitar o melhor da tecnologia na infância” e “saídas para diminuir o tempo de telas na rotina dos nossos filhos e filhas”. Ainda, pode-se apontar que essa categoria enfatizava que a tecnologia também poderia ser uma oportunidade de aproximação entre os membros familiares, fortalecendo os laços e aprendendo uns com os outros.

Nas publicações de divulgação de entrevistas com especialistas, blogs e artigos, os temas centrais abordavam os perigos do excesso de uso de eletrônicos e suas consequências já estudadas.

Na sequência, a categoria *Informação* corresponde a 27% do material de análise e é composta por 66 publicações que apresentam alguma informação ou orientação segura aos leitores. A maioria dessas postagens (35) é proveniente de perfis de profissionais das áreas de Saúde e Educação, como médicos pediatras, psicólogas, pedagogos, psicopedagogas, fisioterapeutas, nutricionistas e terapeutas ocupacionais. Contudo, uma parte considerável das postagens (10) também diz respeito a publicações de perfis do Instagram que se dedicam a compartilhar informações referentes à maternidade e à paternidade. Com relação às datas das postagens, essa categoria conta com a publicação mais antiga da presente coleta (março de 2014) e com quatro postagens do último mês contabilizado (janeiro de 2022), abrangendo todo o intervalo entre essas datas.

A respeito do conteúdo das publicações dessa categoria, o tempo de uso das telas e aparelhos eletrônicos é a principal temática debatida. Essa questão é abordada a partir de orientações de algumas entidades de reconhecimento nacional e internacional, como a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Academia Americana de Pediatras e a Associação Britânica de Professores. Em comum, todas elas possuem publicações que indicam o tempo máximo para o uso desses equipamentos em relação à idade das crianças e orientam que crianças com até dois anos não tenham contato com telas. Após essa idade, orientam o uso controlado e monitorado, que pode chegar a duas horas diárias para as crianças mais velhas e adolescentes. Alguns profissionais também citam estudos empíricos recentes que investigam as consequências que o tempo de exposição a telas pode ter no desenvolvimento de crianças. Nesses estudos, os principais riscos apontados são: obesidade, atrasos na fala e na linguagem, distúrbios no sono, hiperatividade, sedentarismo e dificuldade nas relações interpessoais.

Nesse quesito é interessante constatar que apenas duas publicações, dentre todas que falavam sobre o tempo de uso de telas, abordavam possíveis benefícios desse uso. Somente um perfil sobre maternidade e um perfil institucional apresentaram algumas vantagens e ganhos ao desenvolvimento, desde que os recursos tecnológicos fossem utilizados com a correta mediação de um adulto. A capacidade de aprender, o estímulo à concentração e raciocínio lógico, a exploração de

novas formas de estudar, a possibilidade de criação da própria criança, o interesse por novos conhecimentos, o pensamento crítico e o fortalecimento dos vínculos entre crianças e adultos foram apontados como benefícios.

Ainda sobre as consequências dessa utilização, foi frequente a menção a um livro intitulado *A Fábrica de Cretinos Digitais* (originalmente publicado em 2019), do neurocientista francês Michel Desmurget, que afirma que os jovens da atualidade compõem a primeira geração da história a apresentar níveis de quociente intelectual (Q.I.) abaixo dos da geração anterior. Segundo o autor do livro, isso ocorre, dentre outros fatores, devido à utilização indevida dos dispositivos digitais. As publicações do Instagram, ao se referirem a esse livro, chamam a atenção dos pais de crianças para o estilo de vida delas e incentivam que elas possam passar menos tempo em contato com as telas e mais tempo em contato com a natureza.

Nas postagens dessa categoria também foi frequente a menção à necessidade de supervisão realizada pelos pais e responsáveis, frente à utilização de equipamentos e da internet por parte das crianças e adolescentes. Além dos riscos ao seu próprio desenvolvimento, se elas fazem uso desses aparelhos sem supervisão de uma outra pessoa, elas também podem acabar expostas a conteúdos impróprios para sua idade, a excessos da publicidade infantil ou ao roubo de dados. Para dar conta disso, as postagens orientam que os pais e responsáveis possam monitorar o que é visualizado

pelas crianças e adolescentes, mas também que possam estabelecer diálogos sobre isso e, se necessário, fazer uso de aplicativos próprios para esse controle, ou estarem atentos às funcionalidades que alguns aplicativos já possuem, como o Youtube, que possui um filtro de conteúdo específico para crianças.

Já na categoria chamada *Relato pessoal*, correspondente a 12% das publicações analisadas, foram reunidas 29 postagens, que vão desde fevereiro de 2016 a agosto de 2021, das quais mais de 80% (24) se encontram no segmento maternidade, e 17,24% se enquadram como psicologia, parentalidade e pedagogia, por exemplo. Além disso, é percebido que, mesmo nos segmentos distintos à maternidade, as publicações são feitas predominantemente por mães que apresentam experiências pessoais e familiares relacionadas ao uso de tecnologias por crianças.

De início, quando se tratando do ano de 2020, destaca-se a hegemonia de *posts* acerca da pandemia da Covid-19, como ela e a consequente quarentena resultaram no aumento do uso de telas e os efeitos disso no dia a dia das crianças. Isso fica ainda mais claro em uma das publicações que se refere ao uso de eletrônicos por crianças como “o novo normal”. Entretanto, a discussão nas redes sobre crianças e tecnologia nesta categoria vem de muito antes, com postagens iniciais feitas em 2016. Destaca-se, por exemplo, uma publicação do ano de 2019, na qual a mãe, que possui mais de 90 mil seguidores, cita a necessidade de equilíbrio no

uso de eletrônicos e ressalta a importância do tédio para o desenvolvimento da criatividade da criança.

No geral, ademais, a maioria das postagens retrata momentos de introdução infantil no meio digital, sempre com monitoramento e dosagem de uso controlada pelos pais. É notória a recorrência de publicações que remetem à preocupação dos pais no que tange à inserção da criança no meio digital, mas, mesmo assim, críticas negativas não são predominantes: das 29 publicações, apenas duas demonstraram uma postura mais firme, uma criticando negativamente e outra relatando a proibição total do uso de telas.

Dessa forma, nota-se que, normalmente, o uso não é visto de má forma, mas também não é algo negligenciado; pelo contrário, na maioria dos casos é tratado com muita cautela, incentivando o monitoramento de conteúdo e tempo de tela feito por adultos, a fim de preservar momentos da infância. Além disso, observa-se, comumente, a preferência parental por esperar que a criança desperte interesse por essas tecnologias ao invés de oferecer e instigar o uso delas. Fica claro, também, a predominância da aprovação de jogos educativos, que instigam a criatividade infantil, em detrimento de vídeos do Youtube, que podem ter conteúdo sensível mesmo quando catalogados para público infantil, ressaltando, mais uma vez, a importância do acompanhamento dos pais nesse processo.

Seguindo nossa análise, na categoria *Reflexões e Crítica* foram agrupadas 27 postagens, que agregam 11% do material analisado. Esse agrupamento traz de maneira geral

considerações e ponderações sobre o uso dos eletrônicos e telas; o tempo e experiências oferecidas para crianças e adolescentes; o papel dos adultos e familiares; além de críticas ao que se vê na sociedade e nos conteúdos que estão acessíveis ao público infantil. Os perfis mais recorrentes das postagens aqui categorizadas estão relacionados à maternidade, medicina, psicologia e psicopedagogia. De forma menor aparecem a pedagogia e a educação. Temos postagens desde o ano de 2016 até o início do ano de 2022, com maior expressividade nos anos de 2018 e 2019, que totalizam 18 publicações.

As reflexões apresentadas nas publicações alertam para o tempo de acesso e contato com telas e eletrônicos e o quanto isso faz com que as crianças deixem de realizar outras atividades e possibilidades para o lazer e brincadeira, extrapolando o que seria benéfico nessa relação com a tecnologia. Alguns *posts* chegam a afirmar que o acesso indiscriminado às tecnologias está criando uma geração com hábitos menos saudáveis. Por isso, quando surgem esses pontos, é recomendado o acompanhamento dos pais ou responsáveis aos conteúdos que as crianças estão acessando, além do limite ao tempo de uso e da manutenção do diálogo sobre os riscos encontrados na *web*. Logo, afirmam a importância do zelo por parte dos pais ou responsáveis.

Uma postagem traz o argumento de que o ser humano é resultado das interações, mas também é influenciado por exemplos e pelo coletivo no qual se forja. Neste contexto, não basta dizer para não usar ou limitar, mas, principalmente,

é necessário repensar quais são as outras possibilidades que estão sendo oferecidas para as crianças. Possivelmente, as crianças não conhecerão um mundo sem telas, mas precisam desenvolver habilidades como saber cuidar de si e do outro, ter responsabilidades em casa e na comunidade e aprender a lidar com o tédio, competências essas que extrapolam a virtualidade e são oferecidos pela realidade e contato físico.

Assim, as reflexões problematizam: quais experiências são promovidas para as crianças e adolescentes? Que espaço é dado para as telas e para outras formas de lazer e brincadeiras? O que de essencial as telas tiram das crianças? As ressalvas são expostas a partir de afirmativas de que as tecnologias não podem substituir momentos de interação com o ambiente e com o outro, não podem eximir a conexão afetiva na relação e cuidados com os(as) filhos(as), colocando que é primordial o incentivo à leitura e ao diálogo. Logo, quando é garantido o essencial para o desenvolvimento saudável, o uso de telas não é um grande problema. Por isso, observar comportamentos e reações é fundamental para saber se o equilíbrio e a harmonia nessa relação criança-tecnologia estão sendo extrapolados, visto que a tecnologia é tão fascinante quanto inevitável.

Um destaque é dado à lacuna entre discurso e ações, pois muito se fala sobre a nocividade em relação aos usos e exposição exagerada aos eletrônicos, ao mesmo tempo em que o acesso abusivo é liberado pelos próprios responsáveis. Por vezes os eletrônicos são babás, em função da carga pesada

de trabalho dos familiares. O tom das postagens é de alerta, afirmando que a culpa no excesso não é das crianças ou adolescentes, mas de atitudes que envolvem o próprio contexto em que estão inseridas.

O mote central das críticas não é para a proibição, mas sim pelas formas de uso e pela responsabilidade e zelo por parte dos adultos em referência ao que é acessado; e ainda ao tempo que as crianças disponibilizam para os recursos eletrônicos. Esteve presente nas preocupações a série coreana chamada *Round 6*, que foi lançada em setembro de 2021 e se destacou nas listas de maiores sucessos da Netflix. A série preocupa pelo fato de relacionar brincadeiras de criança com violência. Por isso, foi evidenciada a necessidade de conversar com as crianças de que o acesso àquele conteúdo não é adequado ao seu desenvolvimento.

Chama atenção que algumas reflexões e críticas vêm acompanhadas de enquetes que incentivam os espectadores a refletirem e comentarem como estão suas rotinas. A maioria das postagens foram direcionadas para as famílias, mas também houve comentários sobre o uso para a aprendizagem; da possibilidade de personalizar o ensino, flexibilizando ambientes de aprendizagem e respeitando o ritmo e autonomia de cada ser. Dois perfis alegam sobre a forma com que as crianças são tratadas, por vezes não sendo respeitadas em suas especificidades e entendimentos.

Na última categoria, em *Sugestões e Dicas*, temos 23 posts (10%) que apresentam sugestões sobre o uso apropriado

de telas e conteúdos da internet por crianças, bem como traz dicas do que pode ser feito referente ao contato com as tecnologias pelos pequenos. Em geral, são dicas de atividades e até mesmo de cuidados e limitações. Essa categoria mostra que os perfis que mais publicaram esse tipo de conteúdo estão relacionados à área da pedagogia e psicologia. De forma tímida, temos a presença de perfis institucionais (bibliotecas e empresas), da medicina e de mães. As postagens contemplam desde o ano de 2016 até meados do ano de 2021, com maior expressividade no ano de 2020, totalizando 6 publicações. Nota-se, portanto, que no período da pandemia tivemos uma incidência maior de publicações aqui categorizadas e damos destaque, inclusive, para a quantidade de visualizações que, nessa categoria, foi muito maior nas postagens feitas no ano de 2020. Destacamos duas postagens com maior índice de visualização e que se referiam ao uso das telas por crianças. Uma delas, com 2.222 visualizações, questionava como explicar para as crianças que o uso excessivo de telas faz mal e trazia informações sobre como falar com as crianças a este respeito. A outra, com 1.123 visualizações, traz sugestões de como lidar com o desafio das telas e meios para diminuir o tempo de uso nas telas por crianças, visto que, com a pandemia, houve um aumento expressivo em atividades do dia a dia de modo virtual.

A grande quantidade de visualizações nas duas postagens nos faz inferir que, no contexto de pandemia, os responsáveis tiveram maiores preocupações com essa intensa relação

e uso das tecnologias pelas crianças, buscando *sugestões* e *dicas* do que poderiam fazer com suas crianças para reduzir o tempo nas telas. Também as próprias postagens se referem a este desafio enfrentado, que parece caracterizar um momento de excessivo uso pelo público infantil.

Mas a recorrência referente às preocupações não é particular apenas à pandemia; as postagens que foram realizadas em 2019 já traziam em seu cerne algumas inquietações. Destacamos uma que se referia à “boneca Momo”, que na época mobilizou grandes comentários e compartilhamentos pelo fato de ser um conteúdo que se infiltrava entre os vídeos disponibilizados no Youtube para as crianças e que poderia lhes causar medo e pânico. Então as dicas giravam em torno de como moderar o acesso das crianças aos conteúdos.

Um destaque feito em grande parte das postagens é como a família se coloca perante as oportunidades oferecidas para as crianças e como ela é, de certa forma, responsável, seja por meio de exemplos ou nas próprias atividades realizadas, pelo maior ou menor contato das crianças com as telas. O que não se nega é que cada vez mais cedo as crianças estão acessando as redes sociais, tendo contato com conteúdos e com artefatos tecnológicos e, para tanto, dicas e sugestões objetivam ajudar pais e responsáveis a possibilitar uma relação mais harmoniosa e menos nociva para as crianças.

De forma geral, o conjunto das postagens agrupadas nessa categoria apresenta o contato da criança com telas e tecnologias digitais como algo inevitável e, inclusive, anuncia

que crianças têm um potencial de dominar os recursos antes mesmo dos adultos. Ao mesmo tempo, as postagens denunciavam o tempo excessivo ou preocupações com o fato de que outras atividades que não sejam aquelas relacionadas aos eletrônicos estejam sendo deixadas de lado pelas crianças e, inclusive, pelas famílias. Expressivamente nesta categoria percebe-se a existência de um desafio relacionado a como gerir o tempo de uso de tecnologias e telas por crianças, voltando-se a uma discussão sobre o “tempo ideal”, assim, não se centra a crítica ao uso dos recursos tecnológicos por parte dos(as) pequenos(as), mas se alerta para a necessidade de gestão do seu tempo de uso.

Mediante a exposição anteriormente feita, tecemos algumas considerações sobre o que perpassa todas as categorias apresentadas e as articulam com a Teoria das Representações Sociais. Ao nos debruçarmos nos conteúdos que propriamente integram cada categoria, é possível perceber que algumas postagens buscavam embasamento científico para seus argumentos, ao mesmo tempo que outras estavam atreladas ao compartilhamento daquilo que se vive, que se experencia. Identificamos que isso ocorre a depender do segmento de origem das publicações. Essa distinção entre campos de origem se relaciona à própria dinâmica do fenômeno das representações sociais, que se estruturam a partir de intercâmbios entre os universos reificado e consensual. Moscovici (2007) assim distingue esses dois universos: enquanto que o primeiro se constitui a partir de verdades empíricas que

se assemelham a “entidades sólidas”, invariáveis e impessoais (a exemplo das ciências), o segundo está ligado ao cotidiano, às vivências e à espontaneidade dos saberes construídos e compartilhados. Assim, seja nos relatos pessoais ou nas reflexões elencadas, está presente a dimensão prática da vida das pessoas, que elaboram e compartilham saberes a partir de suas experiências. Por outro lado, nas informações trazidas por profissionais (principalmente) e nas divulgações de eventos, identificamos a intenção de difundir os conhecimentos empíricos baseados nos conhecimentos científicos atuais. Nesse intercâmbio entre campos de saberes distintos, as representações sociais circulam e se transformam.

Outro aspecto a ser explorado se dedica a compreender a presença de um número expressivo de publicações envolvendo perfis de maternidade, pois isso parece corroborar com outros estudos que vêm evidenciando o crescente uso de espaços de interação virtuais por mães. Nesta via, a pesquisa de Silva (2020), por exemplo, que objetivou analisar o uso da *hashtag* “#maesolo” na rede social Instagram, demonstrou em seus resultados que a rede social em tela, por meio das *hashtags*, vem se configurando num local de interação e formação de identidade para esse público que vivencia a maternidade. A iniciativa estaria ampliando as trocas de conhecimentos e experiências. Para Arteiro (2017, p. 170), as mães vêm buscando esses recursos “para tentar lidar com o enfraquecimento dos laços familiares [...] a mulher tem buscado referências maternas noutros espaços

e recursos que estão literalmente disponíveis à mão através das mídias virtuais [...]”.

Moscovici (2007) apresenta como os meios de comunicação participam da construção de representações sociais. Para além da difusão de informações, esses meios também são capazes de influenciar comportamentos de indivíduos que integram uma coletividade. Desta forma, podemos considerar que essas trocas possibilitadas pela plataforma Instagram também são perpassadas por representações sociais. Seguindo esta linha de raciocínio, podemos perceber que a narrativa apresentada nas postagens traz em sua essência a mensagem sobre os excessos de uso de telas que são cometidos na infância, evidenciando o perigo e a nocividade, visto que parece ser acentuado o espaço da tecnologia no contexto familiar, ocasionando mudanças nas próprias relações ali existentes. Fica nítido que essas percepções da realidade também possuem influência na constituição do real, na medida em que expressam conceitos que orientam comportamentos e relações humanas e sociais (JODELET, 2001). A grande ênfase dada ao necessário cuidado com a frequente e intensa exposição e uso se mostra enquanto um ‘sintoma social’. Isso parece denunciar um comportamento quanto a como as crianças estão se relacionando com os artefatos tecnológicos e como a própria sociedade está em busca de entender e repensar os caminhos que estão sendo percorridos a partir desse acentuado envolvimento e presença das mídias no cotidiano.

Se formos buscar na literatura aquilo que se evidencia sobre a vinculação criança-máquina, Armstrong; e Casement (2001) defendem uma vertente que alerta para uma grande preocupação que se deve ter em relação ao que as mudanças tecnológicas e o contato direto pelas crianças causam em seu desenvolvimento, tanto cognitivo quanto social. Esse sempre foi um ponto crucial, que divide opiniões e mobiliza divergentes posições que são disseminadas, seja no universo reificado ou no senso comum. Aqui também se acentuam essas tensões, em que, ora ficam em evidência as preocupações, ora são as possibilidades que alimentam as trocas sociais que trazem as interpretações da própria realidade.

Apesar das consequências negativas destacadas nas mensagens, há também afirmações de que, ao manter contato com as tecnologias, é instigada a criatividade e a curiosidade das crianças, fomentando uma perspectiva, assim como aquela apresentada por Paiva; e Costa (2015) de que esse uso favorece o desenvolvimento de habilidades que surpreendem, em função da instantaneidade que estimula o contingente de escrever, o qual, por consequência, aumenta o vocabulário infantil. Um aspecto recorrente que transpassa o coletivo das postagens e se relaciona com características do atual contexto social é o fato das crianças estarem inseridas em uma sociedade “tecnológica”. De acordo com Prout (2005), isso promove importantes transformações e deslocamentos na infância, pois a tecnologia oportuniza o acesso e as trocas de informações com todas as partes do mundo, além de

facilitar a comunicação e possibilitar trocas significativas no presente, fazendo com que essa etapa da vida seja vivenciada de forma singular e não estando limitada à preparação para a idade adulta.

Acreditamos que as ponderações encontradas na rede, desde os relatos mais pessoais até aqueles que se embasam na ciência, denotam a necessidade de uma educação digital voltada às infâncias que encaminhe para uma consciência de uso e uma mudança de postura no que diz respeito à relação entre crianças e tecnologias e o papel dos responsáveis, priorizando o equilíbrio e evidenciando a importância de constantes reflexões concernentes ao que se apresenta em cada realidade vivida.

Considerações finais: partiu!

Consideramos que, para além de promover entretenimento e comunicação, as redes sociais são espaços de interação social. Nelas, as pessoas se encontram e expressam ideias. Relações físicas são remetidas ao virtual e do virtual também são remetidas para o físico. Essas ações de ir e vir, frequentemente, alimentam-se reciprocamente. Portanto, tivemos, neste capítulo, o objetivo de identificar aquilo que foi produzido e compartilhado no que concerne à infância e à tecnologia no Instagram. Definimos alguns critérios de buscas por *hashtags* que foram marcadas para a temática escolhida e analisamos o que comunicavam essas postagens.

Foi possível identificar e apresentar cinco categorias que promoveram acesso ao conhecimento social compartilhado em torno do uso das tecnologias pelas crianças. A comunicação realizada pela rede social Instagram oferece códigos que permitem que as pessoas classifiquem as partes de seu mundo, de sua história individual e coletiva. Regulando essa dinâmica social, encontramos convergências e conflitos que atuam num movimento que envolve um pensamento social que traz no cerne uma acentuada preocupação com o desenvolvimento infantil, que indica possibilidades e limites, mas que, em si, vê um crescente uso que, por vezes, parece incontrolável em função das tramas sociais que cercam as pessoas.

Ressaltamos que os conteúdos representacionais aqui apresentados dizem respeito à realidade investigada. Tratavam-se de *hashtags* em português, utilizadas em postagens de perfis abertos e que detinham um quantitativo de seguidores superior a 10.000. Sugerimos que sejam também realizadas pesquisas em outros contextos, idiomas e que seja ampliado o escopo de análise para perfis com menos seguidores.

Enquanto limitações deste estudo, destacamos que não acessamos outras métricas de alcance e engajamento das publicações e perfis, restringindo, assim, nossa compreensão sobre como os consumidores daquele conteúdo reagem e os relacionam ao seu dia a dia. Apesar disto, os resultados encontrados apontam que essa é uma temática profícua

para discussões a partir das representações sociais, tendo em vista as tensões e conflitos encontrados em torno dos objetos de análise, bem como por conta das diversas fontes e vozes identificadas. Por fim, almejamos que os apontamentos feitos no presente texto possam contribuir para reflexões e aprofundamentos na discussão que envolve a relação entre crianças, infâncias e tecnologias, considerando a relevância do tema para os dias atuais.

Referências

ABRIC, J. C. *Pratiques et représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

ACHILES, R. Instagram ganha link nos Stories e acaba com 'arrasta para cima'. *Techtudo*, 2021. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/08/instagram-ganha-link-nos-stories-e-acaba-com-arrasta-para-cima.ghhtml> Acesso em: 4 fev. 2022.

AGUIAR, S. *Redes sociais na internet: desafios à pesquisa*. 2007. In: xxx Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. *Anais [...]*. Santos: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007.

ALMEIDA, A. M. de O.; SANTOS, M. de F. de S.; TRINDADE, Z. A. Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 257-267, 2000.

ARIËS, P. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

ARMSTRONG, A.; CASEMENT, C. *A criança e máquina: como os computadores colocam a educação de nossos filhos em risco*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

ARTEIRO, I. L. *A Mulher e a Maternidade: um exercício de reinvenção*. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2017.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BONA, V. de; COSTA, M. K. da S.; SILVA, V. L. R. Protagonismo infantil: as crianças e as suas vivências *In: 7º EPEPE - Encontro de Pesquisa Educacional em Pernambuco, 2018, Recife. Anais [...]*. Recife: UFRPE, 2018. v.1, p.1-14.

DESMURGET, M. *A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças*. Tradução de Mauro Pinheiro. São Paulo: Vestígio, 2021.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed editora, 2008.

JODELET, D. Um domínio em expansão. *In: JODELET, D. (Org.). As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17-44.

KOBOLT, M. Prefácio. *In: HABOWSKI, A. C.; CONTE, E. (Orgs.). Crianças e tecnologias: influências, contradições e possibilidades formativas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 9-13.

MARIANO, A. M. *et al.* Tornando-se um Digital Influencer: um estudo dos fatores que influem em sua concepção. *In: XXVI AEDEM International Conference, set. 2017, Régio da Calábria, Itália. Anais [...]*. Régio de Calábria, Itália, 2017. v. 1, p. 546-564.

MENDES, C. M. A pesquisa *on-line*: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. *Hipertextus: revista digital*, Recife, v. 2, 2009.

MERCANTIL. Instagram cresce na pandemia e já é 31% maior que Facebook. *Monitor Mercantil*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://monitormercantil.com.br/instagram-cresce-na-pandemia-e-ja-e-31-maior-que-facebook/>. Acesso em: 4 fev. 2021.

MOLINER, P.; RATEAU, P.; COHEN-SCALI, V. *Les représentations sociales: pratiques des études de terrain*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes – PUR, 2002.

MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOSCOVICI, S. Vygostsky, le Grand Robert e la cyber-représentation. *Les cahiers internationaux de psychologie sociale*, Liège, França, n. 28, dec. 1995.

NUNES, A. K. F. et al. Narrativas digitais e ciberliteratura infantil: uma experiência-formativa com crianças na segunda infância. *Educação*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 1-13, jan./abr. 2021.

PAIVA, N. M. N.; COSTA, J. da S. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça? *Psicologia.pt.*, Portugal, p. 1-13, 2015. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/Ao839.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2022.

PIZA, M. V. *O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

PROUT, A. *The future of childhood: towards the interdisciplinary study of children*. London: Routledge Falmer, 2005.

RAMOS, P. É. G. T.; MARTINS, A. de O. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. *Revista Texto Digital*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 117-133, jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2018v14n2p117>. Acesso em: 22 jul. 2019.

SANTOS, S. M. de M.; SILVA, P. P. P. da; SANTOS, J. F. dos. Gabriela Pugliesi: uma análise sobre o marketing de influência na rede social Instagram. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2016, Caruaru, PE. *Anais [...]*. Caruaru, PE: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016.

SILVA, C. G. *Maternidade, cultura e redes sociais: análise da interação social de mães solo através de netnografia e mineração de dados no Instagram*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

SBP. *Saúde da Criança e Adolescentes na Era Digital*. Manual de Orientação. Departamento de Adolescência: Sociedade brasileira de Pediatria, 2016.

6

Da universidade para o mundo

Divulgação de experiências de estudantes egressos(as) através de plataformas digitais

Alina Mira Maria Coriolano | Antonio Luiz da Silva Neto
Clara Maia Ventura de Moraes | Jaelson Rodrigo Ricardo de Sousa
Letícia Karinne Muniz Moura | Vanessa Cavalcante Pequeno
Maria de Fátima de Souza Santos

Criação e histórico do programa

Desde o planejamento inicial da construção do nosso projeto de extensão *Caiu nas Redes, é Interação Social!*, dois princípios nos guiavam: o compromisso de tornar acessível o que se faz dentro das universidades públicas, mais especificamente no campo da Psicologia; e o interesse em agregar estudantes, docentes e egressos(as) do Laboratório de Interação Social Humana (Labint) que atualmente estão inseridos(as) em outros grupos de pesquisa ou atuando enquanto docentes.

O projeto foi dividido em 4 programas, um dos quais denominado *Do Labint para o Mundo*, foco deste capítulo, e que tem como objetivo produzir *lives*, vídeos ou *podcasts*

de membros egressos do Labint mostrando os desdobramentos dos conhecimentos construídos pelo laboratório em suas vidas profissionais. Destaca-se aqui a importância e a contribuição social do nosso programa ao apresentar à comunidade científica e à sociedade civil os resultados da formação que acontece dentro das instituições públicas de ensino superior. Deste modo, é possível conhecer de maneira mais objetiva e em linguagem acessível como as universidades públicas federais têm produzido conhecimento, visando responder às questões colocadas em nossa realidade social ao mesmo tempo em que possibilita a inserção de pessoas/cidadãs em diferentes áreas e espaços de atuação.

Nessa perspectiva, compreende-se que todas as pessoas que fizeram parte da história do Labint são igualmente importantes na construção desse conhecimento, mesmo aqueles que, atualmente, não participam ativamente das atividades cotidianas desenvolvidas no grupo de pesquisa. A partir desse princípio, surge a proposta do programa *Do Labint para o Mundo*, reconhecendo que as pessoas que passaram em algum momento da sua formação, seja durante a graduação ou a pós-graduação, estão inseridas em contextos de atuação, instituições e atividades diversas em diferentes partes do mundo. A questão que nos guiava era saber qual o impacto que esse período de formação teve em suas trajetórias profissionais.

Com os objetivos estabelecidos, a proposta definida para nosso programa foi que os(as) próprios(as) estudantes

egressos(as) contassem, em formato de vídeo, sobre sua inserção e participação no grupo de pesquisa, como também quais contribuições isso teve em sua formação pessoal e profissional. O convite para participação em nosso programa se deu através dos seguintes critérios: participação de estudantes egressos(as) de todas as docentes que compõem o grupo de pesquisa, diálogo com o tema mensal proposto pelo projeto de extensão, interesse e disponibilidade de participação.

Inicialmente, as atividades do programa eram desenvolvidas por uma docente e uma estudante de mestrado. Posteriormente, uma estudante de graduação juntou-se ao programa e, atualmente, a equipe é composta por uma docente, duas estudantes de graduação, um estudante de mestrado e três estudantes de doutorado. Esta formação possibilitou a expansão de algumas atividades, como a criação de *stories*¹, em uma melhor distribuição de tarefas. Além disso, propiciou uma maior interação e integração entre estudantes de distintos graus de ensino.

A participação de discentes de diferentes níveis de escolarização possibilitou uma maior articulação entre a graduação e a pós-graduação, bem como viabilizou intercâmbio entre outros grupos de estudos através do contato com estudantes egressos(as) que já integraram o Labint. Mais do que um projeto de extensão envolvendo vários aprendizes, o Do

1 Recurso utilizado em algumas redes sociais, como o Instagram, que possibilita que arquivos de formato visual sejam postados para os usuários e desapareçam após 24 horas.

Labint para o Mundo foi e tem sido uma experiência que possibilita construir relações pessoais e acadêmicas.

Funcionamento do programa

Nossas publicações foram organizadas em três momentos: apresentação do(a) egresso(a) convidado(a), exposição de alguma citação do vídeo do(a) convidado(a) e exibição do vídeo. Todas as publicações são feitas com a mesma identidade visual, criada pelos(as) estudantes, utilizando as cores cinza, vermelho e branco. As imagens são produzidas através da plataforma Canva e o vídeo final é editado através da plataforma ClipChamp.

Após a semana de publicação do material, acontece a reunião mensal da equipe do programa. Nesse momento, é realizada a avaliação do mês e o planejamento das próximas ações: busca-se traçar as dificuldades e facilidades que ocorreram na realização do trabalho, sugerir e implantar processos que aprimorem as publicações e o funcionamento como equipe; define-se quais serão os participantes para o mês seguinte; e são distribuídas as funções de cada membro da equipe.

O contato com os(as) convidados(as) é realizado através do *e-mail* ou por mensagem via WhatsApp², de modo que são explicados os objetivos do programa, o formato do vídeo e

2 Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz e vídeo disponível para smartphones.

são enviados alguns exemplos de publicações anteriores. Após o convite ser aceito, combina-se com o(a) convidado(a) uma data limite para entrega do vídeo e solicita-se o envio de uma foto para usarmos na primeira publicação – a de apresentação do(a) convidado(a). Tudo que é produzido pelo grupo é enviado previamente a esse participante para aprovação e qualquer mudança desejada é realizada. Normalmente, as publicações do programa *Do Labint para o Mundo* ocorrem na terceira semana do mês, sendo a primeira publicação realizada na segunda-feira; a segunda publicação, na quarta-feira; e a terceira, na sexta-feira. Ao sinal de qualquer imprevisto, o calendário é reorganizado.

Durante o primeiro ano do programa, a equipe decidiu realizar também algumas séries especiais em função de datas comemorativas no campo científico ou social ou de eventos do grupo de pesquisa. A primeira série especial ocorreu em maio de 2021 e a temática foi relativa à comemoração dos 60 anos de lançamento do livro que inaugurou a Teoria das Representações Sociais (TRS), utilizada em várias pesquisas do Labint. Para esta série, foram feitas 5 publicações trazendo trechos de uma entrevista realizada pelos estudantes de graduação do Labint com a Professora Dra. Mariana Bonomo, docente da Universidade Federal do Espírito Santo, que atualmente é uma das pesquisadoras brasileiras de referência em trabalhos com a TRS.

Deste modo, foi possível apresentar um pouco mais sobre a área, sua importância e os alcances e limitações. A

professora relata como sua história de vida despertou seu interesse em pesquisar sobre temáticas do campo e minorias sociais e como a TRS foi uma importante ferramenta de pesquisa desta realidade. Por fim, ela aprofunda sua ideia falando diretamente da abordagem societal, linha da teoria com a qual mais trabalha, e destaca que a abordagem permite se debruçar sobre as ambiguidades do objeto, facilitando o processo de entendimento das mudanças sociais.

A segunda série especial ocorreu em julho de 2021, na qual foram feitas nove publicações que contavam os depoimentos de quatro pessoas que foram ou são integrantes do Labint e receberam premiações científicas por seus trabalhos. As premiações científicas são dadas por entidades de fomento a pesquisas que trazem contribuições importantes para suas áreas. A primeira convidada foi a professora Dra. Renata Aléssio que, ao longo da sua trajetória, ganhou dois prêmios: o primeiro com a monografia intitulada *Representações sociais da violência no cangaço*, como trabalho de conclusão de curso de graduação do Labint sob orientação da Dra. Fátima Santos; e o segundo como orientadora de iniciação científica da discente Rebeca Noberto, com o trabalho intitulado *Sistemas representacionais e thêmata implicados na discussão sobre a pesquisa com embriões humanos*.

Rebeca Noberto, nossa segunda convidada, falou sobre o trabalho premiado relacionado à edição genética de embriões humanos e sobre a experiência de ganhar este prêmio enquanto estudante de graduação. O terceiro convidado foi

o professor Dr. Benedito Medrado, também premiado duas vezes: a primeira durante sua graduação com o projeto *Velhice*: o espelho de uma vida, realizado enquanto integrante do Labint sob a orientação da professora Dra. Fátima Santos; e o segundo como orientador de iniciação científica do estudante José Eduardo Cavalcanti – integrante do Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (Gema). José Eduardo Cavalcanti, nosso quarto convidado, recebeu uma premiação pelo trabalho como bolsista de iniciação científica intitulado *A invisibilidade da deficiência na mobilização política pelos direitos das pessoas LGBT's*, destacando a importância deste debate tanto para a Psicologia como para as Ciências Humanas e Sociais. Todos(as) os(as) convidados(as) mencionaram a importância dos prêmios científicos como uma forma de mostrar o valor da ciência à sociedade e como um modo de estímulo à carreira acadêmica, principalmente nos tempos atuais em que a área das humanidades é constantemente atacada.

A última série especial ocorreu em novembro de 2021 para comemorar o primeiro ano do projeto de extensão. Neste mês, três publicações foram realizadas. Considerando o fim comemorativo e de retrospectiva, foi pedido a três convidados(as) que já haviam participado do nosso programa para contar como foi a experiência de participar do programa *Do Labint para o Mundo*. Os depoimentos dos(as) convidados(as) abordam a importância da extensão para a difusão científica e os desafios e possibilidades que estes(as) tiveram ao serem convidados(as) para participar do projeto.

Extensão e acompanhamento de egressos

As produções midiáticas elaboradas pelo programa *Do Labint para o Mundo* a partir das participações e contribuições de egressos(as) do Labint podem ser consideradas como tecnologias estratégicas utilizadas para o desenvolvimento universitário, mostrando os desdobramentos dos conhecimentos construídos no grupo de pesquisa (CORRÊA *et al.*, 2016). Dentro deste contexto, o acompanhamento junto aos(as) egressos(as) que passaram por nosso grupo de pesquisa, formado por discentes pesquisadores(as) dos cursos de graduação e pós-graduação do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), estabelece-se como uma estratégia específica de grande relevância para o contexto universitário.

Com isto, os projetos de extensão difusores de conhecimentos em plataformas digitais também funcionam como um processo orientado por imprescindibilidades oriundas da pesquisa científica, tendo como finalidade promover a disseminação do saber, bem como favorecer caminhos que levem à ampliação de experiências científicas e técnico-profissionais (CORRÊA *et al.*, 2016).

Maccari; e Teixeira (2014) conceituam *egressos(as)* como: aqueles(as) que passaram enquanto discentes por uma formação educacional, tendo oficialmente concluído tal processo. Observamos que nosso programa, integrado ao projeto de extensão, possibilitou o compartilhamento de experiências vivenciadas no Labint, logo se torna plausível dizer que o programa *Do Labint para o Mundo* resgata e sistematiza a

divulgação de trajetórias de vida pessoal, profissional e acadêmica dos egressos(as) (MACCARI; TEIXEIRA, 2014).

Ora, uma vez que o Labint oportuniza manter as relações com seus(suas) egressos(as), ele viabiliza, também, um “processo de retroalimentação de informações e desenvolvimento do conhecimento, proporcionando um espaço para desenvolver pesquisas, troca de experiências, além de viabilizar *networking*³” (CORRÊA *et al.*, 2016, p. 7). Maccari; e Teixeira (2014) assinalam que os(as) egressos(as) são essenciais para as instituições de ensino superior, tendo em vista que a colaboração deste grupo para o contexto social também é consequência das suas experiências na trajetória vivida nestas instituições.

Portanto, podemos dizer que publicizar nas mídias digitais as contribuições e realizações dos(as) egressos(as) no período em que participavam ativamente do Labint e depois disto também é mostrar para a comunidade as formas pelas quais as pesquisas científicas podem transformar o coletivo, gerando benefícios não só para o(a) pesquisador(a) ou a comunidade acadêmica, mas, ainda, para toda a sociedade.

Com o intuito de ilustrar as trocas realizadas entre as mais diversas inserções profissionais, realizou-se um levantamento acerca das raízes e ramos de cada egresso(a) convidado(a) a se apresentar pelo nosso perfil no Instagram durante um ano de realização do programa. Para melhor

3 Ação de trabalhar as redes de contatos, trocando informações relevantes com base na colaboração e ajuda mútua.

ilustrar, elaboramos um quadro que descreve os frutos de laços sociais, epistêmicos e afetivos, além de conectar histórias e atuações profissionais ao redor do mundo inteiro.

À vista disto, os nomes dos(das) profissionais foram omitidos; portanto, trazemos apenas as informações concernentes ao campo de estudo e formação no Labint; localização atual; e área(s) e campo(s) de atuação de cada egresso(a), a fim de mapear a diversidade de contribuições difundidas para o público geral e comunidade científica. Na apresentação da localização atual, para os(as) egressos(as) que não se encontram dentro do território brasileiro, adotamos o enquadramento por país. Já para os(as) egressos(as) que se encontram no Brasil, adotamos o enquadramento por estado. Os dados foram extraídos das informações concedidas pelos(as) convidados(as).

QUADRO 1. Formação, local e áreas de atuação de egressos(as) convidados(as) do programa *Do Labint para o Mundo*

Formação no Labint	Local atual de trabalho	Área(s) e campo(s) de atuação
Graduação	Paraíba	Psicologia Social; Psicologia da Saúde; Docência e Pesquisa
Graduação e Mestrado	Pernambuco	Psicologia Hospitalar; Psicologia Clínica; Docência
Graduação e Mestrado	França	Psicologia Clínica; Psicologia Intercultural



Formação no Labint	Local atual de trabalho	Área(s) e campo(s) de atuação
Graduação, Mestrado e Doutorado	Pernambuco	Psicologia Jurídica; Psicologia Clínica; Docência
Graduação, Mestrado e Doutorado	Bahia	Psicologia Social; Docência e Pesquisa
Graduação e Pós-Doutorado	Pernambuco	Psicologia Social; Psicologia da Saúde; Docência e Pesquisa
Mestrado	Pernambuco	Psicologia da Saúde; Psicologia Clínica; Docência
Mestrado	Pernambuco	Psicologia Jurídica; Psicologia Clínica; Docência
Mestrado e Doutorado	Rio Grande do Norte	Psicologia Educacional e Escolar
Doutorado	Noruega	Psicologia Ambiental; Psicologia Educacional e Escolar
Pós-Doutorado	Chile	Psicologia Educacional e Escolar; Docência e Pesquisa

Fonte: Os autores (2023).

Apesar da maior parte dos(as) egressos(as) se concentram em Pernambuco e desenvolverem atividades de docência, pode-se notar uma variedade regional e de atuação entre as 11 pessoas que narraram suas experiências com o Labint

através do nosso Instagram. Esta diversidade aponta para a importância da experiência de inserção dentro de um grupo de pesquisa como exercício crítico-analítico crucial para o(a) profissional de psicologia em quaisquer áreas em questão.

Desta maneira, a viabilidade do uso das plataformas digitais possibilitou maior alcance para a construção de um *networking* que, como colocado por Maccari; e Teixeira (2014), surge como possibilidade e fruto da busca pelos(as) egressos(as) de uma instituição, pois, de outra maneira, apresentaria dificuldades, devido à distância física entre egressos(as) e a comunidade da UFPE.

Alcances e limites

As publicações na página do Instagram renderam diversas discussões, partilhas de informações e possibilidades de fazer ciência em uma plataforma digital de alto alcance. Utilizar plataformas digitais na propagação científica é fundamental para que objetivos sejam alcançados, como é primordial no programa *Do Labint para o Mundo* a propagação e difusão da ciência nos diversos meios, incluindo os digitais, amplamente utilizados na comunicação em massa.

Percebendo dados da plataforma Instagram, constatou-se que o alcance de público aumentou, pois semanalmente pessoas adicionavam o perfil em suas redes sociais. Embora esse não seja o objetivo principal, esse crescimento do alcance do público possibilita a ampliação no acesso a essas informações

de forma ativa pela comunidade, composta de diversos públicos, a exemplo de discentes de graduação de diversas áreas, como Ciências Humanas e da Saúde, estudantes de mestrado, doutorado, docentes de instituições diversas, comunidade acadêmica, pesquisadores(as) e público em geral.

A ferramenta Instagram se faz importante pela fluidez com que a informação é passada, seja pelos *likes*⁴, compartilhamentos, salvamentos, comentários ou encaminhamentos. Estas ações dos usuários da plataforma contribuem para o alcance de diversos públicos.

Nesse sentido, é válido salientar a relevância da difusão dos trabalhos acadêmicos produzidos na medida em que se pode tornar o conhecimento científico acessível aos grupos externos à academia, popularizando a ciência, permitindo que a compreensão de suas práticas e dos conhecimentos produzidos ultrapassem os muros da universidade. Ao considerar as transformações sociais e novas formas de comunicação social (GERMANO, 2011), experiências como essa possibilitam a apreensão pelo público não especialista da importância do conhecimento científico no seu cotidiano.

Portanto, na busca pela divulgação científica, bem como pelo conhecimento sobre as experiências de egressos(as), é fundamental atentar para as possibilidades que um grupo de pesquisa e seus projetos de pesquisa e extensão proporcionam às pessoas, como é o caso de saber sobre a importância

4 Recurso utilizado em algumas redes sociais em que os usuários registram ter apreciado o conteúdo postado.

deste na formação de docentes e pesquisadores(as), suas estratégias de pesquisa, seus campos de saberes etc.

Em se tratando da democratização do conhecimento técnico-científico, o alcance do perfil no Instagram contribui na diminuição da distância entre ciência e senso comum: é uma aproximação entre ambas para que o conhecimento tenha sentido e significado na vida das pessoas (NAVAS *et al.*, 2020).

Nesse sentido, essa ferramenta, bem como as tecnologias digitais, é um recurso que proporciona uma comunicação diversificada (LIMA; ARAÚJO, 2021) e, assim sendo, mostra-se como uma possibilidade de difusão de conhecimentos acadêmicos para o público em geral. É a partir dessa difusão de conhecimento por meio de plataformas digitais que surge a possibilidade de que o conhecimento produzido nas universidades e institutos de pesquisa seja compreendido na sua relação com o cotidiano. Muitas vezes, as pessoas não conseguem relacionar mudanças na sociedade como decorrentes do conhecimento científico produzido nessas instituições. Por exemplo, dificilmente percebe-se que as mudanças no ensino e na relação com as crianças e adolescentes são decorrentes de pesquisas de áreas como Educação e Psicologia.

Nessa perspectiva, o programa *Do Labint para o Mundo* é um exemplo de difusão do conhecimento acadêmico desenvolvido por outros grupos de pesquisa que se vinculam ao Labint dando visibilidade a egressos(as) do laboratório e à importância da formação na construção do(a) pesquisador(a). Além disso, permitiu que seus integrantes aprendessem

a manejar essas ferramentas digitais. Pensamos que a formação acadêmica atual deveria visar, também, a divulgação científica, possibilitando o aprendizado de ferramentas digitais para produzir conhecimentos acessíveis ao público não especialista. A reflexão sobre a formação do pesquisador é um dos conteúdos abordados no capítulo seguinte, a partir do convite a um egresso que hoje pesquisa e ensina em outro país, mantendo laços com o Labint.

Referências

CORRÊA, C. P. et. al. O acompanhamento de egressos de pós-graduação Stricto Sensu como ação estratégica nas universidades. In: Coloquio Internacional De Gestión Universitaria. *Anais [...]*, Arequipa, 2016, p. 1-14. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/171058/OK%20-%20103_00404.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 11 jan. 2022.

GERMANO, M. G. *Uma nova ciência para um novo senso comum*. João Pessoa: EDUEPB, 2011. *E-book*. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/qdy2w>. Acesso em: 19 jan. 2022.

LIMA, M. F. de; ARAÚJO, J. F. S. de. A utilização das tecnologias de informação e comunicação como recurso didático-pedagógico no processo de ensino-aprendizagem. *Revista Educação Pública*, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/jspui/handle/177683/1415>. Acesso em: 30 jan. 2022.

MACCARI, E. A.; TEIXEIRA, G. C. dos S. Estratégia e planejamento de projeto para acompanhamento de alunos egressos de programas

de pós-graduação *Stricto Sensu*. *Revista de Administração da UFSM*, Santa Maria, v. 7, n. 1, p. 101-116, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1983465910385>. Acesso em: 11 jan. 2022.

NAVAS, A. L. G. P. *et al.* Divulgação científica como forma de compartilhar conhecimento. *CODAS*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. e20190044, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20192019044>, Acesso em: 11 jan. 2022.

7

Ser pesquisador em psicologia?

*Percepções dos estudantes
de pós-graduação*

Sidclay Bezerra Souza | Candy Marques Laurendon

“Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão.”

(Cio da Terra – Chico Buarque/Milton Nascimento)

Introdução

Ao concluir o curso de graduação em Psicologia, o universitário recém-formado se dá conta de que sua formação não pode ser considerada completa se forem levados em consideração somente os anos de formação acadêmica (MAZER; MELO-SILVA, 2010). Diante deste contexto, um número significativo de estudantes opta por ingressar num programa de pós-graduação

visando à continuidade dos seus estudos, à especialização em uma das áreas de conhecimento, bem como a um aprofundamento sobre os processos investigativos aprendidos durante o seu processo formativo na graduação.

Este interesse também parece estar associado aos inúmeros aspectos, dentre os quais se destacam: a) os interesses pessoais, que envolvem os desafios intelectuais de fazer pesquisa, a curiosidade e a emoção proporcionado pela descoberta; b) os interesses profissionais, neste caso, o que implica a própria reputação científica, a formação de novos alunos, o aperfeiçoamento e a promoção de carreira, bem como os próprios incentivos financeiros; e também c) os interesses sociais, como a busca por benefícios tanto para as organizações, comunidades e/ou a sociedade em geral (SILVER, 2009).

Durante o processo formativo dos(as) estudantes de Pós-Graduação em Psicologia, identificamos que muitos trabalhos propostos incidem sobre diversas problemáticas sociais da realidade brasileira. Tal como afirmam Groff; Maheirie; e Zanella (2010), ao problematizar a constituição do(a) pesquisador(a), também problematizamos nosso próprio fazer enquanto pesquisadores(as) e o movimento no qual nos constituímos como tais, o que nos permite perceber que pesquisar em Psicologia implica relações entre sujeitos, mas também significa prontificar-se para trocas e apresentar questionamentos sobre incalculáveis questões sociais e políticas que são tecidas nesta prática, sobretudo na atual

conjuntura política. Tudo isso nos permite concordar com Bakhtin (2011) quando ele afirma que as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis, principalmente quando esta atividade está relacionada com o desejo de investigar e contribuir com a sociedade.

Com o vencimento das eleições em 2018 pelo atual presidente Jair Messias Bolsonaro, foi possível, desde então, vivenciar um real estrangulamento das verbas destinadas à educação e à pesquisa no Brasil decorrente do processo de privatização e ataque à educação como política social, assim como severos ataques ao conhecimento crítico como disputa ideológica para a formação de um consenso social em torno de seu projeto (CISLAGHI *et al.*, 2019). Com o início do mandato do atual (des)governo, o corte de 70% de novas bolsas para cursos de pós-graduação foi autorizado, sendo a área das Ciências Humanas a mais afetada, a qual, segundo o próprio governo, apresenta menor potencial de construção de conhecimento nas pesquisas e, por consequência, menor retorno financeiro para as empresas do país (PINHO *et al.*, 2019). Ainda em 2019, o Governo Federal anunciou o bloqueio de 35 bilhões de reais do orçamento da União realizado pelo decreto 9.741/19 e, do valor em contingenciamento, 5,8 bilhões de reais foram na área da Educação, a função mais afetada. Essa medida foi tomada “com o objetivo de tentar cumprir a meta de déficit primário de até 139 bilhões para este ano” (CISLAGHI *et al.*, 2019). Tal como indicam Medrado *et al.* (2021):

Na prática, é perceptível o desinvestimento governamental, em âmbito federal, nas ciências, especialmente nas Ciências Humanas, bem como crises institucionais que espelham esse desinvestimento nos espaços estatais dedicados à educação, ciência e tecnologia, que afetam o cotidiano de processos e a dinâmica de trabalho no Ministério da Educação e em agências de fomento como a Capes e o CNPq, resultando em instabilidade financeira [...], nos últimos dois anos. (MEDRADO *et al.*, 2021, p. 4).

Dessa forma, o atual governo vem se utilizando de ameaças diversas contra a educação, concretizadas com o congelamento das futuras bolsas financiadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), limitando o desenvolvimento das pesquisas; e com os cortes de verbas que atingem toda a educação. A justificativa seria o baixo desempenho e o que o representante do (des)governo chamou de “balbúrdia”.

O que é ser pesquisador ou fazer pesquisa?

Como sabemos, a pesquisa, enquanto prática social, busca compreender ou encontrar soluções para uma realidade complexa, revelando implicações com as condições históricas e sociais em que se vive. Sob esta ótica, produzir conhecimentos requer assumir uma posição de responsabilidade e responsividade não apenas pelo que se produz, mas também por problematizar, inclusive, o próprio lugar social de onde se fala. Com isso, e numa perspectiva sócio-histórica que

ocupamos como perspectiva teórica para o presente estudo, a produção de conhecimentos não é neutra, o(a) pesquisador(a) é um(a) agente que intervém e transforma os contextos em que atua na medida em que produz discursos e saberes sobre estes contextos e sobre os sujeitos com os quais pesquisa (GROFF; MAHEIRIE; ZANELLA, 2010). A este respeito, Borsa; e Nunes (2008, p. 51) corroboram afirmando que:

Pensando sobre o sujeito/pesquisador, pode-se dizer que a Psicologia sofre influências internas e externas que interferem na visão do sujeito/pesquisador e na construção da pesquisa. Isso porque, de forma geral, a experiência deste pesquisador está envolvida na investigação, o que implica importantes particularidades no controle das variáveis, tornando a pesquisa científica complexa. (BORSA; NUNES, 2008, p. 51).

Fazer pesquisa implica lidar com alguns desafios, dentre os quais Souza *et al.* (2020, p. 3) apontam:

[...] relacionados à escassez de recursos destinados à pesquisa; a burocracia excessiva; a falta de uma equipe de apoio para captação de recursos ou gestão dos projetos; sobrecarga dos pesquisadores que atuam, concomitantemente, com atividades de ensino e extensão; infraestrutura deficitária para pesquisa; baixa interação dos pesquisadores com outras instituições para o desenvolvimento de parcerias e a dificuldade de atender demandas da sociedade surgem como barreiras facilmente reconhecidas. SOUZA *et al.* (2020, p. 3).

Neste sentido, consideramos que as investigações em Psicologia alteram e são alteradas pelas práticas sociais mais diversas, por meio das relações entre os sujeitos, em interseção com as mais variadas esferas (a política, a econômica, a educacional, a estética etc.), tal como sugerem Paula; e Oliveira (2019), o que aponta para uma prática que pressupõe uma ação ética, estética e, sobretudo, política (ZANELLA; SAIS, 2008).

Concepções sobre o que é ser pesquisador

Uma breve revisão da literatura científica sobre concepções do ser pesquisador em Psicologia ou em outra área das Ciências Humanas e da Saúde revela a escassez de estudos sobre este tema. Várias publicações questionam o que é fazer pesquisa no Brasil no campo das Ciências Humanas, o que foi tratado no item anterior. No entanto, quando questionamos que estudos existem acerca das concepções sobre ser pesquisador ou fazer pesquisa, poucos trabalhos que investigam essa temática são encontrados.

Um primeiro trabalho trata da percepção de estudantes de graduação em enfermagem sobre o que é pesquisa (PIEXAK *et al.*, 2013). Participaram deste estudo 30 estudantes da primeira série de um curso de graduação em Enfermagem, que foram entrevistados(as) a partir de uma pergunta única aberta: “qual é a sua percepção sobre a pesquisa?” Eles retrataram a importância da investigação para formação profissional; a contribuição para a prática baseada em evidências e para a educação

permanente; e a maior visibilidade da profissão por meio da produção de conhecimentos consolidados pela ciência.

Outro estudo tratando do saber pesquisar em educação (DIEB, 2016) investigou as concepções e vivências de 30 mestrandos de um programa de pós-graduação em Educação (UECE e UFC), a partir de uma escrita individual de seus saberes sobre o que é pesquisar, técnica elaborada e proposta pela equipe francesa ESCOL, incluindo Charlot (2000). A avaliação do saber é provocada por uma série de perguntas como seguem:

Quais foram as coisas mais importantes que aprendi sobre a pesquisa? O que eu sei sobre um projeto de pesquisa? Que coisas eu aprendi sobre a construção de um objeto de estudo? Baseado em quê, eu posso afirmar que meu trabalho é uma pesquisa em Educação? Por que eu posso dizer que sou um pesquisador em Educação? Onde mesmo aprendi essas coisas? Quem me as ensinou? (DIEB, 2016, p. 233)

Neste sentido, o autor propõe uma reflexão sobre a compreensão e descrição dos processos relacionados a uma “pesquisa em Educação” pelo pesquisador-iniciante. Para os mestrandos participantes do estudo, a pesquisa constitui uma atividade de grande relevância para o meio social em que se situam, sendo caracterizada por um forte aspecto técnico. Assim,

Em primeiro lugar, o pesquisador em Educação é alguém cujo trabalho precisa dar uma contribuição para a sociedade e, em segundo, seu saber-fazer, como uma atividade

de pesquisa, necessita estar associado a um conjunto de procedimentos técnicos e teóricos que validarão os resultados e, consequentemente, o status de pesquisador. (DIEB, 2016, p. 237)

A pesquisa em educação apresenta para os participantes “um caráter de intervenção na e sobre a realidade do fazer educacional”. Pois, “[...] você tem que ter aquela consciência que seu trabalho tem que servir para a sociedade, dar um retorno social, então, a pesquisa também é isso, retorno social, em especial para a escola (João/UECE)” (DIEB, 2016, p. 242). Neste sentido, estes mestrandos em Educação concebem a pesquisa “como uma atividade comprometida socialmente e engajada politicamente” (DIEB, 2016, p. 247), pois é uma ação formativa que visa à solução de problemas da realidade social.

Outra pesquisa intitulada *(Com)partilhando o sentido de ser pesquisador-iniciante no curso de pedagogia* (SOUSA, 2005) trata das experiências, vivências e percepções de estudantes cursando a disciplina *Orientação Monográfica* em um curso de Pedagogia. Para identificar modos de ser pesquisador-iniciante, a autora recolheu os depoimentos dos alunos cursando a disciplina a partir da pergunta de pesquisa que norteou o estudo: “o que é e como é ser pesquisador iniciante para os estudantes da disciplina Orientação Monográfica de ° período?”

Descrevendo o que é ser um pesquisador-iniciante, os resultados foram classificados em cinco categorias, que representam uma reflexão sobre o aprender a ser pesquisador: 1) “investigar um problema, buscando respostas,

aprofundando-se” pois ser pesquisador é segundo o depoimento da aluna P: “estar em constante busca de respostas a questões impostas” (SOUSA, 2005, p. 23); 2) sentir interesse e prazer pela pesquisa; 3) ser investigador constante da realidade dinâmica, buscando o crescimento epistêmico, ou seja, como diria a aluna F, “é estar em sintonia com um mundo dinâmico de informações num processo constante de busca e investigação [...] Pesquisar é refletir o mundo, a sociedade e você” (SOUSA, 2005, p. 23); 4) ser o próprio instrumento de pesquisa com embasamento teórico; e 5) olhar algo de forma diferente, criando-o e recriando-o.

Em relação às vivências dos alunos, ou seja, como é tornar-se um pesquisador-iniciante, a autora apresenta também cinco eixos: 1) “a universidade favorece esse sentir” através das disciplinas e da formação em geral; 2) “quando se busca algo, fazendo novas descobertas”; 3) se “sente um pouco pesquisador, com experiências iniciais, precisando de um trabalho interno”; 4) “sentir comprometida na realização de um trabalho útil ao campo profissional”; 5) “não se sentir pesquisador porque não tem buscado, devido à falta de tempo e de condições financeiras” (SOUSA, 2005, p. 23-24).

Por fim, o depoimento da aluna H revela sua compreensão sobre a interrelação e interdependência de fazer pesquisa com a realidade que nos envolve:

O ser pesquisador caracteriza-se pela constante preocupação em compreender e enunciar o verdadeiro significado da realidade através de investigações de diversas

naturezas. Para mim, ser pesquisador representa uma determinada postura de inquietação dentro de um contexto social, no qual os processos de mudança são dinâmicos e os sujeitos têm necessidades de compreender tais processos para melhor se acharem no mundo real [...]. (SOUSA, 2005, p. 23)

Uma pesquisa tratando do tema específico das concepções sobre a pesquisa em Psicologia Social foi encontrada. Assim, o artigo de Gouveia (2015), intitulado *Psicologia Social como Ciência e Prática: O que Pensam Pesquisadores Brasileiros?*, teve por objetivo investigar como pesquisadores da Psicologia Social a concebem, contando com 100 participantes que responderam a um questionário *on-line*, incluindo a primeira parte sobre as concepções da Psicologia Social.

Para compreender as concepções sobre esta área, o autor propôs uma tarefa de associação de palavras a partir de 3 palavras-estímulo: Psicologia Social, cientificidade e aplicabilidade. No caso da primeira palavra, “os participantes a associaram, predominantemente, com interação, grupo, sociedade, compromisso, política, crítica, comunidade, subjetividade e construção” (GOUVEIA, 2015, p. 496). O autor conclui que a Psicologia Social foi concebida como sócio-histórico-crítica ao evocar o sentido de crítica; compromisso e transformação social; e práticas políticas.

Visto a incipiência de pesquisas em torno da experiência de ser pesquisador(a) em Psicologia num contexto de desinvestimento governamental ao desenvolvimento da ciência,

este estudo teve o objetivo de compreender qual a percepção dos estudantes de pós-graduação no que se refere ao fato de ser pesquisador em Psicologia.

Método

Trata-se de um estudo qualitativo de corte transversal que contou com a participação de nove estudantes (sendo seis mulheres e três homens) de pós-graduação em Psicologia. A coleta aconteceu em contexto sala de aula, durante o início das aulas em 2018, logo após os resultados do primeiro turno das eleições de 2018. Cabe ressaltar, como já citado anteriormente, que este período foi marcado por muitas (in)certezas, já que, com o início do (des)governo, o corte de 70% de novas bolsas para cursos de pós-graduação foi autorizado, sendo a área das Ciências Humanas a mais afetada, já que, segundo o próprio governo, ela apresenta menor potencial de construção de conhecimento nas pesquisas e, por consequência, menor retorno financeiro para as empresas do país (PINHO *et al.*, 2019).

Esta coleta de dados ocorreu no contexto da disciplina de *Pesquisa Qualitativa: Concepções e Modos de Fazer* inserida no Programa de Pós-Graduação, na qual foi solicitado aos(as) participantes que respondessem de forma escrita à seguinte pergunta aberta: “Como é a experiência de ser pesquisador em Psicologia na atual conjuntura política?”.

Para análise dos resultados, procedemos com a técnica da análise de conteúdo de Bardin (2009), visando atender ao

objetivo deste estudo. Especificamente, seguimos os critérios de categorização semântica (categorias temáticas), ancoradas nas regras fundamentais apontadas por Bardin (2009) e Amado (2014): exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade. Tal procedimento permitiu a passagem da descrição à interpretação, visto que o processo de inferência se dá pela desmontagem de um discurso e transformação num novo discurso.

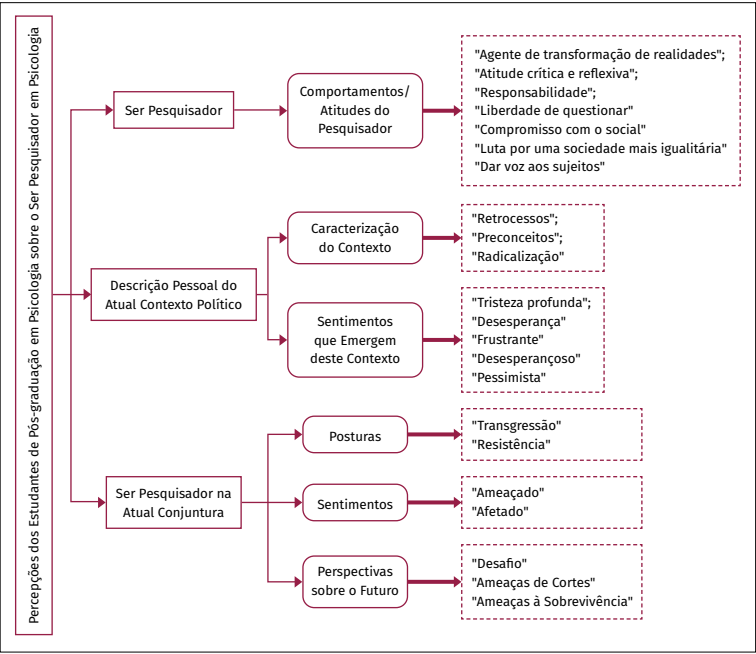
Apresentação e Discussão dos Resultados

Considerando o objetivo deste estudo, foram identificadas três categorias: 1) Ser pesquisador em Psicologia; 2) Descrição pessoal do atual contexto político; 3) Ser pesquisador na atual conjuntura. Na Figura 1, apresentamos, a título ilustrativo, os resultados das três principais categorias, suas subcategorias e as unidades de registro. A primeira categoria se relaciona com a percepção do “ser pesquisador em Psicologia” e é caracterizada por comportamentos/attitudes do(a) pesquisador(a) em Psicologia, que aparecem nos relatos escritos dos(as) estudantes como: “agente de transformação de realidades”; “atitude crítica e reflexiva”; “responsabilidade”; “liberdade de questionar”; e “dar voz aos sujeitos”.

Assim, para estes pesquisadores-iniciantes, fazer pesquisa em Psicologia envolve uma série de atitudes necessárias por parte do pesquisador, o que revela uma concepção da própria Psicologia a partir de uma abordagem sócio-histórico-crítica,

ao associar as ideias de “compromisso” e “transformação” social e “luta por uma sociedade mais igualitária”, o que vai de acordo com os resultados de Gouveia em relação às concepções sobre a Psicologia Social (2015). Da mesma forma, outras pesquisas já discutidas anteriormente em outras áreas das Ciências Humanas, como em Educação (Sousa, 2005), revelam que fazer pesquisa é investigar sobre um fenômeno problemático da realidade que envolve o(a) próprio(a) pesquisador(a), considerado(a) “agente de transformação desta realidade” ao “dar vozes aos sujeitos”.

FIGURA 1. Ser pesquisador em Psicologia: percepções dos estudantes



Fonte: Os autores (2023).

Estes diferentes termos associados a essa primeira categoria revelam o que é fazer pesquisa em Ciências Humanas na concepção dos pesquisadores-iniciantes, revelando, ainda, a importância de adotar uma “atitude crítica e reflexiva” frente à realidade do fenômeno a ser investigado. Outro termo a ser destacado nas respostas dos estudantes corresponde a um critério ético do fazer pesquisa: “responsabilidade”, o que entendemos como assumir responsabilidade com os sujeitos pesquisados e com a realidade investigada, ao respeitar o sigilo e a singularidade de cada participante.

A segunda categoria, *Descrição pessoal do atual contexto político*, apresentou duas subcategorias, uma sobre a caracterização do contexto (“retrocessos”; “preconceitos”; e “radicalização”) e outra relacionada aos sentimentos que emergem a partir deste contexto (“tristeza profunda”; “desesperança”; “frustrante”; “desesperançoso”; e “pessimista”). Para os estudantes questionados, o contexto político atual apresenta uma série de retrocessos relacionados tanto ao desmantelamento da ciência a partir do corte de verbas para a educação quanto a cortes de verbas em diversas outras áreas sociais da saúde. Frente a essa conjuntura atual, os estudantes expressam sentimentos fortes como desesperança, demonstrando uma visão pessimista tanto do presente quanto do futuro da sociedade.

Por fim, a terceira categoria, *Ser pesquisador na atual conjuntura*, é composta por três subcategorias que revelam: posturas (“transgressão” e “resistência”), sentimentos (“ameaçado” e “afetado”) e perspectiva sobre o futuro (“desafio”;

“ameaças de cortes de bolsas/financiamentos”; e “ameaças à sobrevivência de ser pesquisador”). Assim, quando questionados como é ser pesquisador em Psicologia na atual conjuntura política, as respostas dos(as) estudantes remetem a três planos: a expressão de seus sentimentos atuais como pesquisadores-iniciantes, ou seja, o que eu sinto no presente; as posturas que devem ser adotadas, ou seja, o que eu penso fazer ou o que eu tento fazer: transgredir e resistir; e, por último, como eu percebo o futuro como pesquisador-iniciante pois as “ameaças de cortes de bolsas/financiamentos” representam “ameaças à sobrevivência” desses mesmos pesquisadores-iniciantes.

Neste sentido, o futuro do que significa fazer pesquisa em Psicologia parece representar para eles um grande “desafio”. Trata-se de um contexto de incertezas em relação à sua própria atuação e vida na academia que, por sua vez, está além de problemas de escassez de recursos destinados à pesquisa, se tratando também da burocracia excessiva; da falta de uma equipe de apoio; da sobrecarga dos pesquisadores que atuam, concomitantemente, com atividades de ensino e extensão; da infraestrutura deficitária para pesquisa; da baixa interação dos pesquisadores com outras instituições para o desenvolvimento de parcerias; e da dificuldade de atender demandas da sociedade surgem como barreiras facilmente reconhecidas, tal como referido inicialmente (SOUZA *et al.*, 2020). Trata-se de um desafio que atravessa a realidade e que, além disso, coloca em vulnerabilidade o futuro não

apenas do fazer pesquisa, mas também da sobrevivência dos próprios pesquisadores, como se já não bastassem as dificuldades existentes até então. De todo modo, a partir dos resultados apresentados neste estudo, evidencia-se a necessidade de transformar desabafos de angústias sufocadas em testemunhos de resistência.

Considerações finais

Com o objetivo de compreender as concepções de pesquisadores-iniciantes em Psicologia sobre como é ser pesquisador em Psicologia na atual conjuntura política, questionamos nove estudantes de Pós-Graduação em Psicologia de uma universidade federal brasileira. A partir de uma análise de conteúdo dos escritos dos(as) discentes, identificamos aspectos que remetem à importância de uma melhor compreensão e destaque de seus papéis enquanto pesquisadores(as) em Psicologia por meio da expressão de sentimentos atuais e descrição de projeção no futuro, o que leva a definir, por parte destes pesquisadores-iniciantes, posturas de enfrentamento através de transgressão e resistência.

Tal como afirma Sérgio Luna (1997, p. 7), “a realidade não se mostra a quem não pergunta”. Diante do exposto, consideramos que os resultados deste estudo levantam questões que atravessam os pesquisadores em Psicologia nos diversos domínios da vida e que necessitam de maior aprofundamento. Ser pesquisador em Psicologia precisa ser pensado,

cada vez mais, como uma prática política e como forma de intervenção no contexto, independente do referencial teórico-epistemológico do pesquisador.

Neste sentido, acreditamos que as investigações em Psicologia alteram as práticas sociais mais diversas, por meio das relações entre os sujeitos em interseção com as mais variadas esferas (a política, a econômica, a educacional, a estética etc.), tal como sugere Paula; e Oliveira (2019), o que aponta para uma prática que pressupõe uma ação ética, estética e, sobretudo, política (ZANELLA; SAIS, 2008). Mas como intervir num contexto em que o (des)governo declara guerra contra o fazer ciência e, sobretudo, contra os(as) pesquisadores(as)? Será que neste contexto o fazer pesquisa em Psicologia terá que representar para os(as) futuros(as) pesquisadores(as) o sentido de viver privado(a) de toda e qualquer possibilidade de futuro?

Por certo, sabemos que o atual cenário político brasileiro apresenta os mais variados efeitos que atravessam os pesquisadores, dentre os quais temos o descentramento do sujeito do conhecimento que está presente na perspectiva de futuro do fazer pesquisa, por se tratar de um “desafio” frente às “ameaças de cortes de bolsas e financiamentos”, que são percebidas como “ameaças à sobrevivência” de ser pesquisador. Todavia, a atual conjuntura política convida a Psicologia para uma renovação do seu compromisso social pela relevância da sua intervenção crítica e transformadora das nossas condições de vida. Isso significa estar comprometido com a

crítica desta realidade a partir da perspectiva de nossa ciência e de nossa profissão (BOCK, 1999), cuja intencionalidade prática e política é produzir cidadania ativa, sociabilidade e novas subjetividades (DIMENSTEIN, 2001).

Consideramos, neste contexto de desafios e incertezas, que a interlocução existente entre ensino, pesquisa e extensão seja relevante por possibilitar uma formação cada vez mais qualificada e que contribua para uma atuação mais próxima entre universidade e sociedade (MACIEL; MAZZILLI, 2010). Uma interlocução que, por sua vez, permita ao pesquisador um espaço de desenvolvimento fecundo. Um espaço que seja de resistência, no qual a aprendizagem do fazer pesquisa não seja ofuscada pelas incertezas de um contexto obscuro.

Ao contrário, como forma de viabilizar a elaboração de espaços coletivos de problematização, somos convidados a promover uma prática e um fazer pesquisa que sejam potência para criação de novos mundos e que permitam a existência de outras vias de circulação nesse “não-lugar” que é visualizado pelos futuros pesquisadores. Reforçando o que é exposto por Chauí (2001), a universidade é uma instituição social e, desse modo, “não é uma realidade separada e sim uma expressão historicamente determinada de uma sociedade determinada” (p. 35). Uma sociedade em que ninguém solta a mão de ninguém, por maiores que sejam as pedras no caminho, na qual os desafios de investigar em Psicologia se mostram como formas potentes de transformação social.

Referências

- AMADO, J. *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BARROS, J. V.; MOLIANI, J. A. Os desafios do “ser” pesquisador. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, São Paulo, v. 14, n. 27, 2017.
- BOCK, A. M. B. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 4, n. 2, p. 315-329, 1999.
- BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. O sujeito/pesquisador na pesquisa em psicologia clínica. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 26, n. 52, p. 47-54, 2008.
- CHARLOT, B. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CHAUÍ, M. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- CISLAGHI, J. F. et al. Não é uma crise, é um projeto: a política de educação do governo Bolsonaro. In: 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 2019, Brasília. *Anais [...]*. Brasília, 2019. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/764/744>. Acesso em: 30 jan. 2022.
- DIEB, M. O saber pesquisar sob o olhar de quem está entrando na Pós-Graduação em Educação. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 59, p. 231-249, jan./mar. 2016.

DIMENSTEIN, M. O psicólogo e o compromisso social no contexto da saúde coletiva. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 6, n. 2, p. 57-63, 2001.

GOUVEIA, V. V. Psicologia Social como ciência e prática: o que pensam pesquisadores brasileiros? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 31, p. 491-500, 2015.

GROFF, A. R.; MAHEIRIE, K.; ZANELLA, A. V. Constituição do (a) pesquisador (a) em Ciências Humanas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, p. 97-103, 2010.

LUNA, S. V. *Planejamento de Pesquisa: uma introdução*. São Paulo: Educ, 1997.

MACIEL, A. S.; MAZZILLI, S. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: percursos de um princípio constitucional. In: 33ª Reunião Anual da ANPED, 2010, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu, 2010.

MAZER, S. M.; MELO-SILVA, L. L. Identidade profissional do psicólogo: uma revisão da produção científica no Brasil. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 276-295, 2010.

MEDRADO, B. *et al.* Produção de conhecimento científico como ato de resistência política. *Psicologia & Sociedade*, [s.l.], v. 33, 2021.

PAULA, L.; OLIVEIRA, F. A. A. O signo “resistência” nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil. *EntreLetras*, Araguaína, v. 10, n. 2, p. 350-371, 2019.

PIEXAK, D. R. *et al.* A percepção de estudantes da primeira série de um curso de graduação em enfermagem acerca da pesquisa. *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 68-72, 2013.

PINHO, A.; SALDAÑA, P.; GENTILE, R. Gestão Bolsonaro faz corte generalizado em bolsas de pesquisa no país. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2019.

SILVER, E. A. Some ideas on enhancing research productivity. *International Journal of Production Economics*, [s.l.], v. 118, n. 1, p. 352-360, 2009.

SOUSA, G. M. C. (Com)partilhando o sentido de ser pesquisador-iniciante no curso de pedagogia. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 20-25, 2005.

SOUZA, D. L. et al. A perspectiva dos pesquisadores sobre os desafios da pesquisa no Brasil. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 46, 2020.

ZANELLA, A. V.; SAIS, A. P. Reflexões sobre o pesquisar em psicologia como processo de criação ético, estético e político. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 26, n. 4, p. 679-687, 2008.



Na espiral do conhecimento

Renata Lira dos Santos Aléssi | Edclécia Reino Carneiro de Moraes
Maria de Fátima de Souza Santos | Victor Hugo da Silva Santos

A produção do conhecimento científico está no coração de muitas conversas cotidianas, especialmente no contexto da pandemia de Covid-19 que estamos vivendo: evidências sobre uso de medicações e de tratamentos; impactos do distanciamento físico na saúde mental de crianças, adolescentes, adultos e pessoas idosas; as formas de ensino durante esse período; o retorno ao modo presencial; dentre tantas outras temáticas que nos remetem ao universo da produção e da divulgação de saberes científicos. Em meio a tantas mudanças e transformações, observamos, em pleno século XXI, movimentos como o dos “terraplanistas”, formado por quem defende que a Terra é plana. Pessoas que, passados

50 anos, não acreditam que o ser humano foi à Lua ou ainda que aderem ao criacionismo, negando a teoria da evolução. Tal como Moscovici (2012, p. 22), podemos nos interrogar: “como pode que seres humanos dotados de racionalidade... se deixem governar por ideias que a experiência e que a razão já desmentiram?”.

Nos últimos 20 anos de pesquisa sobre apropriação pública da ciência por brasileiros(as), a maioria dos(as) interrogados(as) acredita que a população deve ser ouvida nas grandes decisões sobre os rumos da ciência e tecnologia (CASTELFRANCHI, 2018). Com efeito, observamos que as relações entre a ciência e o público passam por uma mudança histórica, pois os pesquisadores se dirigem continuamente à opinião pública (PARDO; CALVO, 2008). Entre a racionalidade dos especialistas e a racionalidade da vida cotidiana, os saberes são transformados, o que “engloba então novas fontes de conflitos e de consensos” (BECK, 2011, p. 87). Assim, os debates científicos difundidos na esfera pública alimentam e definem disputas sociais que estão em jogo (CLÉMENCE, 2002).

A internet permitiu que a comunicação entre pessoas se tornasse mais dinâmica e acelerada, ampliando os espaços de interação social e delineando modos distintos de comunicação. Cabral Filho; e Coutinho (2009) apontam que a *web 2.0* – caracterizada pela construção coletiva das informações no ciberespaço, sobretudo a partir das redes sociais – possibilitou novas formas de utilização dos conteúdos e do ambiente virtual. As redes sociais, compreendidas como espaços de

interação na rede mundial de computadores, incentivaram a produção e o compartilhamento de mídias, como texto, imagens, músicas e vídeos (LÉVY, 2010; CASTELLS, 2003), surgindo como exercício máximo das formas de prolongamento da existência e impactando as dimensões de tempo e de espaço. Esses espaços, construídos de forma colaborativa, deixam a esfera individual e quebram a lógica hierárquica, incentivando o enriquecimento mútuo das pessoas por meio do compartilhamento de conhecimentos.

Lévy destaca que “o acesso compartilhado e a distância a documentos, fontes de informação ou espaços de trabalho nos aproximam progressivamente da comunicação por um mundo virtual” (2010, p. 83). Este conceito foi denominado de *inteligências coletivas* (LÉVY, 2010) e de *cultura participativa* (JENKINS, 2006), sendo uma forma de colaboração que visa ao crescimento coletivo das pessoas e das organizações no ciberespaço. Assim, os usuários das redes sociais constroem uma cultura participativa (JENKINS, 2006), na qual são produzidos e distribuídos conteúdos variados de forma colaborativa pelos grupos e comunidades de interesse comum.

Diante dessa possibilidade de comunicar conteúdos que são imediatamente compartilhados, o uso do ciberespaço para tornar acessível o conhecimento científico pode contribuir para a educação científica da população. Vale ressaltar, como nos lembra Perini (2019), que o conhecimento científico não é acessível a todo mundo, pois os fundamentos de suas conclusões são “invisíveis” e exigem outros conhecimentos

especializados. Isso exclui uma parcela da população que não tem acesso aos processos de produção de saberes.

Nosso interesse neste projeto é construir uma comunidade participativa em torno das pesquisas e intervenções realizadas pelo Labint, divulgando conteúdos das Ciências Humanas e interagindo com o público em uma espiral educativa sobre ciência na contribuição de seus achados na vida cotidiana e nos modos de ser e de agir no mundo. São várias as formas de produção de conhecimento psicológico e buscamos, neste projeto, apresentar para a sociedade este vasto panorama. A extensão se constituiu, assim, como um momento de articulação entre o que é produzido pelas Ciências Humanas, em particular, pela Psicologia, e o confronto com o debate público, ensejando processos de ensino-aprendizagem situados para a equipe extensionista (FORPROEX, 2006).

Propomos esse projeto buscando a participação ativa de estudantes de graduação e pós-graduação para uma formação na qual a construção de conhecimentos e a transformação da realidade estão articuladas. A democratização dos saberes produzidos com a comunidade é uma perspectiva, de forma a não só mostrar o que fazemos e como fazemos, mas também a nutrir nossas reflexões a partir do diálogo direto com a sociedade. Assim, ao compartilhar conteúdos e interagir com os usuários das plataformas digitais, este projeto contribui para o acesso da população às produções e pesquisas acadêmicas, valorizando os saberes científicos,

em especial das Ciências Humanas. Ao mesmo tempo, o projeto ainda recebe comentários, demandas, questões, dúvidas, elogios e críticas que podem se transformar em objeto de pesquisa e intervenção.

Exploramos as formas de construção de conhecimentos científicos, os alcances e limites de pesquisas e intervenções para promover uma educação para a ciência, valorizando em especial a difusão das Ciências Humanas. As plataformas digitais são uma forma de interação poderosa na atualidade, rompendo com as barreiras físicas que impedem que pessoas se aproximem de alguns ambientes, especialmente durante o período de pandemia que estamos passando. Estas se tornam um meio de comunicação que possibilita que a universidade entre em contato com a sociedade, mas que também estabelece um caminho de comunicação da sociedade para a universidade.

O projeto tem apresentado crescimento de atividades em função das demandas do público-alvo e do contexto pandêmico. Conforme relatado nos capítulos precedentes, os(as) discentes são protagonistas dos programas, desde o planejamento e execução até a avaliação de cada um deles. Um dos destaques do desenvolvimento do projeto foi a necessidade que os(as) aprendizes envolvidos(as) tiveram em mapear os processos de trabalho de cada subgrupo e estabelecer rotinas de desenvolvimento da produção dos programas. Essa iniciativa trouxe uma grande aprendizagem para a equipe e facilitou a entrada de novos membros

no grupo, organizando a memória dos trabalhos realizados os processos de trabalho, as formas de comunicação dos conhecimentos científicos, as técnicas de entrevista, entre outros. A produção de conteúdos audiovisuais e atualização/postagens nas mídias/sites do projeto exige dedicação, devido ao tempo para planejamento, elaboração do produto, edição do material final, postagem e acompanhamento das reações/comentários do público, que retroalimentam nossos temas de discussão. Essas atividades implicam empenho em sua execução, dentro de prazos curtos estipulados pela equipe (normalmente, três produtos por semana para cada programa veiculado no Instagram).

A realização do projeto tem permitido uma forte integração entre discentes de graduação, mestrado, doutorado e egressos(as), além de possibilitar o acesso ao conhecimento que vem sendo produzido na pós-graduação em Psicologia em suas diferentes linhas. As(os) discentes de graduação e pós-graduação desse projeto têm gerado uma sinergia importante de trabalho nos quatro programas que levamos mensalmente ao nosso Instagram. Destacamos, ainda, que esses conteúdos, em formato de entrevistas e *podcasts*, têm sido, por sua vez, utilizados em sala de aula como material didático para discussão de temas/teorias/intervenções no campo da Psicologia (em especial na UFPE e na UFMG). Essa articulação fortalece o tripé universitário ensino-pesquisa e extensão, além de fomentar intercâmbios entre universidades distintas.

As atividades do projeto são articuladas em função deste tripé, visando uma formação emancipatória através de vivências que não estão necessariamente previstas na matriz curricular dos cursos de graduação e pós-graduação engajados na extensão. Podemos afirmar que as ações realizadas em cada programa do projeto se constituem em grupos de aprendizagem multidirecional e horizontalizada entre todos(as) integrantes. Nesse sentido, são princípios norteadores da aprendizagem em nosso projeto: a autonomia (SILVA; BASSANI; SANTOS, 2017) para criação, planejamento, execução e avaliação de cada ação; e a dialogicidade traduzida em compromisso ético com a comunidade e em interação que qualifica a ação de cada pessoa em relação à outra (CÔCO, 2012).

A pandemia de Covid-19 gerou impactos negativos em diversos níveis de ensino público no Brasil (CAFÉ; SELUCHINESK, 2020; MOTA *et al.*, 2021). A realização deste projeto surgiu da necessidade de unir estudantes em torno de uma ação extensionista que pudesse fortalecer a comunidade acadêmica em um momento de vulnerabilidade ao mesmo tempo que promove uma comunicação dos produtos e processos das Ciências Humanas para a sociedade. Esperamos assim continuar desenvolvendo uma educação para a ciência, através de ações calcadas na interdisciplinaridade e se apoiando na interação social como ferramenta transformadora da realidade, em profícuo diálogo com a comunidade.

Referências

- BECK, U. *La Société du Risque*. Paris: Flammarion, 2011.
- CABRAL FILHO, A. V.; COUTINHO, G. Web 2.0: Caminhos e desafios no desenvolvimento da internet. In: FRAGOSO, S.; MALDONADO, A. E. A *Internet na América Latina*. Porto Alegre: Sulina, p. 81-103, 2009.
- CAFÉ, L. de J.; SELUCHINESK, R. D. R. Motivação dos alunos de 3º ano do ensino médio para prosseguirem seus estudos frente às dificuldades da pandemia Covid-19. *Humanidades & Inovação*, Palmas, v. 7, n. 16, p. 198-212, 2020.
- CASTELLS, M. A *Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CASTELFRANCHI, Y. Decades of change – Brazilian perceptions of science 1987-2015. In: BAUER, M. W.; PANSEGRAU, P.; SHUKLA, R. (Orgs.). *The Cultural Authority of Science: Comparing across Europe, Asia, Africa and the Americas*. Londres: Routledge, 2018. p. 132-155.
- CLÉMENCE, A. Prises de position et dynamique de la pensée représentative: les apports de la mémoire. In: LAURENS, S.; ROUSSEAU, N. (Orgs.). *La mémoire sociale: identités et représentations sociales*. Rennes: Presse Universitaires de Rennes, 2002. p. 51-61.
- CÔCO, V. O Programa de Educação Tutorial: conexões de saberes no diálogo com as trajetórias de estudantes de origem popular. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 93, n. 233, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.93i233.461>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- FORPROEX. *INDISSOCIABILIDADE ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO E A FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR: UMA VISÃO DA EXTENSÃO*. PORTO ALEGRE: UFRGS, 2006. (Coleção Extensão Universitária, v. 4).

JENKINS, H. *Fans, Bloggers, and Gamers: Exploring Participatory Culture*. New York: NYU Press, 2006.

LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

MOSCOVICI, S. *Raison et cultures*. Paris: Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales, 2012. (Collection Audiographie 4).

MOTA, D. C. B. *et al.* Saúde mental e uso de internet por estudantes universitários: estratégias de enfrentamento no contexto da Covid-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 26, p. 2159-2170, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021266.44142020>. Acesso em: 5 jun. 2022.

PARDO, R.; CALVO, F. Attitudes Toward Embryo Research, Worldviews, and the Moral Status of the Embryo Frame. *Science Communication*, [s.l.], 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1075547008319432>. Acesso em: 22 mar. 2019.

PERINI, E. O que move as fake News e o negacionismo simbólico? *Outras Palavras*, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-que-move-as-fake-news-e-negacionismo-cientifico/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

SILVA, R. D. da; BASSANI, R.; SANTOS, W. C. dos. Apontamentos sobre a importância da construção da autonomia no Programa de Educação Tutorial. *Revista de Graduação USP*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 163-166, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-376X.v2i1p163-166>. Acesso em: 5 jun. 2022

SOBRE OS AUTORES

Alina Mira Maria Coriolano

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6629761546807935>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1423-0689>

Antonio Luiz da Silva Neto

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7905012017855615>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4871-606X>

Bruna Soares Monteiro

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4216378557866620>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3934-1964>

Candy Estelle Marques Laurendon

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Doutora em Psicologia Cognitiva pela Université d'Angers

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6050113733387823>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5670-2824>

Clara Baltar Freire Furtado

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2174032798542972>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8823-0123>

Clara Maia Ventura de Moraes

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9049907592521352>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7876-8541>

Danyelle Almeida de Andrade

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8835261941245309>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5631-5747>

Edclécia Reino Carneiro de Morais

Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7954831309716771>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8116-9104>

Edivan Gonçalves da Silva Júnior

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4726715735334359>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6890-7870>

Ellen Damonys Pereira da Silva

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0563084026957399>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3981-4306>

Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5733932139449534>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1499-3694>

Isadora Ladislau Marques

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3392897946445755>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7204-4198>

Jaelson Rodrigo Ricardo de Sousa

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6815226515285763>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2728-0263>

Joana Cecília Gomes de Medeiros

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9853791959880863>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1483-5626>

Letícia Karinne Muniz Moura

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5980657993669541>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5354-9097>

Ligia Ribeiro Ferreira

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0447511656893726>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0739-380X>

Maria de Fátima de Souza Santos

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Doutora em Psicologia pela Université de Toulouse II

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8991172780503312>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5213-9491>

Maria Luísa Fonsêca dos Anjos

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5272280107161600>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4386-1030>

Nathália Patrícia Teófilo Bezerra de Melo

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2168846209357524>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4851-8821>

Paula Gomes Sena

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0434491011986958>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6461-4912>

Rebeca Noberto Correia

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7654327734857781>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2051-6368>

Renata Lira dos Santos Aléssio

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Doutora em Psicologia pela Université D'Aix-Marseille I (Université de Provence)

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6115070918587521>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8548-2771>

Rodrigo Pinto Brasil

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2193413711520263>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2623-5284>

Sidclay Bezerra de Souza

Universidad Católica del Maule (Chile)

Doutor em Psicologia pela Universidade de Lisboa

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3376486551624062>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3727-3793>

Síria Freire de Paula

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

Psicóloga da Prefeitura da Cidade do Recife

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1639556743189180>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2480-8584>

Stéphanie Maximiano de Azevedo

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9498554124164741>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3794-0058>

Vanessa Cavalcante Pequeno

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5293436428876317>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5988-0319>

Victor Hugo da Silva Santos

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7405488920203518>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6032-4654>

Victoria Hellen Teles Pereira Lopes

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0113685149847490>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8949-3651>

Virgínia Renata Vilar da Silva

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7841829485506320>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9142-5332>

Viviane de Bona

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1031731260412032>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2985-4133>

Título	Caiu nas redes, é interação social!: experiências de divulgação científica em plataformas digitais no tripé extensão-ensino-pesquisa
Organização	Renata Lira dos Santos Aléssio Edclécia Reino Carneiro de Moraes Alina Mira Maria Coriolano Bruna Soares Monteiro Isadora Ladislau Marques
Formato	E-book (PDF)
Tipografia	Fira Pro (texto e títulos)
Desenvolvimento	Proexc



Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20, Várzea, Recife-PE
 CEP: 50740-530 | Fone: (81) 2126.8397
editora@ufpe.br | editora.ufpe.br



PROEXC
PRÓ-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA

Editora
UFPE